Dado Salem

UMA LEITURA SIMBÓLICA DO ESPÍRITO EMPREENDEDOR

Mestrado em Psicologia Clínica

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo - 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

Dado Salem

UMA LEITURA SIMBÓLICA DO ESPÍRITO EMPREENDEDOR

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Clínica, sob a orientação da Professora Doutora Liliana Liviano Wahba.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

São Paulo - 2006

AGRADECIMENTOS

Este estudo é o resultado de um projeto iniciado no ano 2000 para conclusão de um curso de especialização em psicologia. Desde então, muitas pessoas, de uma forma ou de outra, me ajudaram nesse processo. Dentre elas eu destacaria, em primeiro lugar, meus professores da PUC, Durval Faria, Maria Ruth Pereira, Heloisa Gallan, Noely Moraes, Marion Gallbach, Alberto P. Lima F°, Denise Ramos e Ceres Araújo.

Agradeço também Eliane Iankelevich e Carlos Byington por terem me ajudado a viver na prática as teorias que aprendi.

A Iraci Galiás, José Ernesto Bologna e Boris Frenk, agradeço a oportunidade de participar de trabalhos que foram, e têm sido, muito importantes para minha formação profissional.

A Viktor Salis agradeço a ajuda na leitura e na interpretação das principais obras da cultura grega pois, sem esse conhecimento, não seria possível fazer uma leitura adequada da obra de Camões.

Aos meus queridos colegas e amigos, Lury Yoshikawa, Reinalda Malta, Luisa Oliveira, João Bezinelli, Marilena Armando, Ligia Bonini, Lygia Molineiro, Marisa Penna, Márcia Baptista e Maria Lucia Ferreira, agradeço tudo o que me ensinaram e, principalmente, a alegria de compartilhar momentos tão especiais.

Finalmente, gostaria de agradecer Liliana Wahba por ter acompanhado meu processo de criação e, principalmente, pela sabedoria com que me orientou, dando liberdade e limite nas horas adequadas.

RESUMO

SALEM, Dado. *Uma leitura simbólica do espírito empreendedor*. São Paulo, 2006. Orientadora: Dra. Liliana Liviano Wahba.

Palavras-chave: empreendedor, empresas, *Os Lusíadas*, psicologia analítica, individuação, vocação.

Este estudo investiga o significado simbólico do espírito empreendedor por meio da interpretação de *Os Lusíadas* de Luis de Camões, obra poética que versa sobre a abertura de uma rota comercial com o Oriente. O trabalho inicia com uma explanação sobre a figura do empreendedor em diversas perspectivas: etimologia, caracterização, participação na política econômica capitalista e motivação. Em seguida, como justificativa da utilização de uma obra poética neste estudo, é feita uma explanação sobre os poetas e a leitura que fazem da realidade. A obra de Camões é dividida em cinco episódios: A partida; O gigante Adamastor; O caminho de provas e a interferência divina, Chegada ao Oriente; O retorno – a ilha dos amores. A interpretação é feita utilizando conceitos centrais da psicologia analítica**,** como o processo de individuação e a jornada do herói. No final, o autor levanta questões e cita casos práticos de sua experiência profissional, demonstrando que as empresas funcionam como campo projetivo da psique dos empreendedores, que buscam, inconscientemente, a individuação em seus empreendimentos. Além disso, são apresentados alguns comportamentos coletivos característicos de economias centradas no espírito empreendedor capitalista.

ABSTRACT

SALEM, Dado**:** *A symbolic reading of the entrepreneurial spirit*. São Paulo, 2006. Tutor: Dra. Liliana Liviano Wahba.

Key-words: Entrepreneur, businesses, *The Lusiads*, analytical psychology, individuation, vocation.

This study investigates the symbolic meaning of the entrepreneurial spirit by means of the interpretation of *The Lusiads* by Luis de Camões, a poetic work piece that examines the Portuguese enterprise through the opening of a commercial route with the Orient. The work begins with an elucidation of the character of the entrepreneur through various perspectives: etymology, characterization, participation in the capitalist economic policy and motivation. Following this, as a justification to the utilization of a poetic work for the investigation of the theme, an exploration of poets and their interpretation of reality is undergone. Camões' work is divided in to five episodes: The Departure; Adamastor, the Giant; The Path of Trials and the Divine Interference; Arrival at the Orient; The Return - The Island of Loves. The interpretation is accomplished through the use of central concepts of analytical psychology such as the process of individuation and the heroes' journey. Finally, the author raises issues quoting practical cases of his professional experience, demonstrating that businesses work as projective field of the psyche of the entrepreneurs who unconsciously seek individuation within their enterprises. Furthermore, a few typical collective behaviors of economies centered in the capitalist entrepreneurial spirit are presented.

Para Tininha, Julia, Olivia e Francisco

Musas Piérias que gloriais com vossos cantos, vinde!
Dizei Zeus vosso pai hineando.
Por ele mortais igualmente desafamados e afamados,
notos e ignotos são, por graça do grande Zeus.
Pois fácil torna forte e fácil o forte enfraquece,
fácil o brilhante obscurece e o obscuro abrilhanta,
fácil o oblíquo apruma e o arrogante verga
Zeus altissonante que altíssimos palácios habita.
Ouve, vê, compreende e com justiça endireita sentenças Tu!
Eu [...] verdades quero contar.

Hesíodo

Sumário

1. Introdução 1
2. Objetivo 8
3. Estudos pesquisados 9
4. O empreendedor capitalista 12
    4.1 Etimologia 12
    4.2 Perspectivas sobre o empreendedor 13
    4.3 O empreendedor e a política econômica capitalista 16
    4.4 Caracterização do empreendedor capitalista 19
    4.5 Motivação para criação de novas empresas 29
5. Os poetas e a leitura da realidade 34
6. Psicologia analítica e o símbolo do herói 41
    6.1 O herói 41
        6.1.1 O herói na Grécia arcaica 42
        6.1.2 O herói em Campbell 46
    6.2 O processo de individuação 49
7. Análise d'Os Lusíadas 57
    7.1 Leitura de Camões 57
    7.2 Introdução a'*Os Lusíadas* 60
    7.3 Plano geral do texto 62
    7.4 Os Lusíadas e a jornada do herói 64
    7.5 O significado simbólico da viagem ao Oriente 68
    7.6 Análise da obra 70
        7.6.1 A partida 70
        7.6.2 O gigante Adamastor 77
        7.6.3 O caminho de provas e a interferência divina 86
        7.6.4 Chegada ao Oriente 100
        7.6.5 O retorno - a ilha dos amores 118
    7.7 Apanhado geral 135
8. Discussão 138
9. Considerações finais 167

Referências 171

1. Introdução

Desde pequeno fui ensinado a ser dono de meu próprio destino. Fui ensinado que o bom na vida era ser independente, de pai, de patrão, de governo ou de qualquer outra coisa. Fui ensinado desde cedo a ser um *self made man* e segui essa idéia ao pé da letra. Saí freneticamente ao trabalho. Aos 14 já tinha um pequeno negócio. Aos 18 entrei no mercado financeiro. Aos 22 estava morando sozinho pagando minhas próprias contas. Aos 27 já tinha um pequeno grupo de empresas e aos 28 uma namorada me disse: "Dado, acho que você precisa fazer análise". Ela estava certa!

O objetivo desse estudo é compreender esse mito. O mito do herói contemporâneo, o mito do *self made man*, do homem realizador, o mito do empreendedor.

Com o passar do tempo aprendi algumas lições e a melhor delas foi que conseguimos enxergar melhor as coisas quando nos afastamos das suas aparências. Talvez tenha sido o espírito do mítico, cego e sábio Tirésias, expresso em todos os meus grandes mestres, especialmente os psicólogos, os filósofos e os poetas, que me ensinou a ver assim. Por isso, decidi buscar a resposta para essa indagação dentro da psicologia e especialmente no núcleo de estudos junguianos, a quem devo muito e espero poder retribuir com essa reflexão.

Esse estudo tem um vínculo indissolúvel com a história da minha vida, assim como o pequeno conto com que Borges encerra seu livro *O Fazedor*:

> Um homem se propõe a tarefa de desenhar o mundo. Durante um período de dois anos, preenche o espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baias,

> de navios, de ilhas, de peixes, de casas, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas tem a imagem de seu rosto. (BORGES, 1999, p.128).

Essa visão faz lembrar a vivência dos alquimistas, que projetavam seus conteúdos anímicos na substância sobre a qual trabalhavam (JUNG 1994). Para eles, o indivíduo somente seria capaz de fazer algo análogo a si mesmo, ou seja, se não houvesse semelhança profunda entre o autor e sua obra, a meta não seria alcançada. Como disse Campbell (1949, p.29), “antes que uma coisa possa ser feita na terra, essa outra coisa, mais importante e primária, teve de passar pelo labirinto que todos conhecemos e visitamos nos nossos sonhos”, o inconsciente.

Na antiguidade, os gregos, profundos conhecedores da psique humana, diziam que a nossa vida era regida por deuses. Na modernidade, Freud descobriu que a vida racional não corre livremente, que pensamentos, sentimentos, vontades, decisões e ações não pertencem unicamente à consciência, mas brotam, na maioria das vezes, das profundezas do inconsciente (ZWEIG, 1947, p.77). Jung, posteriormente, se aproximou dos conhecimentos milenares e ampliou a questão levantada por Freud. Demonstrou que aqueles deuses da antiguidade estão vivos na psique, ou seja, que além de memórias pessoais, estão gravadas no nosso inconsciente imagens primordiais às quais chamou de arquétipos, e que esta camada mais profunda igualmente influencia o indivíduo e conduz suas ações. (JUNG, 2003).

Apesar das diferenças que Jung e Freud encontraram ao descrever o funcionamento da psique humana, ambos consideraram amplamente em suas teorias, e tiveram como proposição fundamental a evidência

de que conteúdos inconscientes, produzem efeitos em pensamentos e ações, tanto nas pessoas sadias como nas mentalmente enfermas.

Essa importante contribuição da psicologia parece não ter sido considerada no mundo empresarial. Gestores de negócios, tão preocupados na sua necessária caça ao lucro, acabaram ficando cegos a essas influências em suas atividades. Costumam entender, de acordo com o espírito de nossa época, que só é verdadeiro aquilo que pode ser acessado pelos sentidos, o resto tratam como ilusão. Valorizam a objetividade e a racionalidade, pressupondo que elas constituem a realidade última e confiam que a inteligência e a razão podem controlar sozinhas as principais variáveis que influenciam seus empreendimentos. Estudiosos da psicologia analítica, cientes do funcionamento da psique e das forças irracionais e ilógicas que atuam na vida humana, considerariam essa idéia algo ingênua, pois, para Jung (2000, par.385), a relatividade da consciência é uma constante: "entre o 'eu faço' e o 'eu estou consciente daquilo que faço' há não só uma distância imensa, mas algumas vezes até mesmo uma contradição aberta".

A consciência constitui apenas uma parte da psique e sua unilateralidade limita tanto o conhecimento, quanto a expressão da realidade. A psicologia analítica tem como fundamento principal de suas investigações, o estudo de aspectos conscientes e inconscientes que envolvem um determinado tema. Segundo Jung (2000), essas porções da psique raramente trabalham na mesma direção, por isso, devemos procurar eliminar a separação entre elas. Desse diálogo entre consciente e inconsciente, que é a visão simbólica, surge um terceiro elemento que é capaz de exprimir a realidade de forma mais ampla.

> A apreciação da psique inconsciente como fonte de conhecimento não é, de forma nenhuma, tão ilusória como nosso racionalismo ocidental pretende. Nossa tendência é supor que qualquer conhecimento provém, em última análise, do exterior. Mas hoje sabemos com certeza que o inconsciente possui conteúdos que, se pudessem tornar-se conscientes, constituiriam um aumento imenso de conhecimento. (JUNG, 2000, par.673).

Por mais estranho que possa parecer para um mundo tão habituado com uma visão racional e objetiva quando se fala a respeito de empreendimentos, a psicologia analítica e as artes estão ai para comprovar que uma viagem pelo universo simbólico pode abrir novas perspectivas concretas a respeito desse tema. Cassirrer (1997) e Eliade (1996), por exemplo, afirmam que as artes e a linguagem simbólica são mais eficientes que outros meios para se chegar a níveis profundos de realidade. Jung (1991b), também garante que o poeta confere um grau superior de clareza aos temas que aborda e outros, como veremos adiante, consideram os poetas como aqueles que mostram a face verdadeira das coisas.

Existem inúmeros casos empresariais relatados por administradores de empresas. Eles podem ser encontrados aos milhares em livros e revistas de negócios que enchem as prateleiras de livrarias e bancas de jornal. Ocorre que um dos maiores empreendimentos da história da humanidade foi magistralmente retratado por Luis de Camões.

Mas, o que se pode esperar de um poeta falando a respeito de um empreendimento? Coisas fantasiosas e distantes da realidade concreta presumivelmente, pois, o que poderia saber ele das coisas de trás de sua escrivaninha? Essa dúvida poderia ser levantada se esse poeta não fosse Camões, a quem na vida não faltou “honesto estudo com longa experiência misturado, [...] coisas que juntas se acham raramente” (Lusíadas, X. 154,5-8).

Apesar da escassa base documental a respeito de sua vida e de sua biografia ter sido tomada por lendas, sabe-se que Camões era profundo conhecedor de mitologia, literatura, história, geografia e astronomia. Foi também soldado, mas não do tipo que ficava aquartelado em funções administrativas, simplesmente para atender às atribuições ideais do homem daquele tempo. Sua profissão foi vivida no campo de batalha. Além disso, Camões conheceu pessoalmente a rota naval do Oriente, onde morou parte de sua vida, e participou ativamente da exploração comercial patrulhando o mar vermelho e posteriormente ocupando a bizarra posição de "provedor-mor dos defuntos nas partes da China". (CASTRO, 2003).

O texto d'*Os Lusíadas* narra a história da expansão do império lusitano na busca de um novo caminho para as Índias, de onde os portugueses trariam mercadorias para serem comercializadas na Europa. O que buscavam era considerado puro ouro comestível - as especiarias. Como naquela época não havia métodos eficientes de conservação dos alimentos, esses temperos eram utilizados para retardar o processo de deterioração e para disfarçar o gosto de apodrecimento dos produtos. Por isso, consideravam que as especiarias renderiam fortuna e poder a quem conseguisse obtê-las em grande quantidade. Acontece que os árabes notaram os extraordinários ganhos obtidos pelos europeus com o transporte dessas mercadorias por suas terras e decidiram entrar no negócio. A estratégia foi simples: como estavam no meio do caminho, fecharam a passagem do Mar Vermelho para navios cristãos. Em pouco tempo controlaram o comércio com o Oriente.

Esse bloqueio deu início a um empreendimento que mudou a geografia do mundo, digno de ser retratado nos moldes homéricos. Entrou assim o mundo na era das grandes navegações. Cada nação tinha seus heróis dispostos a enfrentar os medos daquela época.

Portugal, com Bartolomeu Dias e Vasco da Gama navegaram para o Sul, os espanhóis convocaram Colombo e rumaram a Oeste. Houve até quem navegasse para o Norte.

Mares nunca antes navegados, cheios de perigos e medos, piratas, traidores, guerras, hostilidades, doenças, calmarias e tempestades. O percurso era tão perigoso que quando uma nave chegava sã e salva de volta a Lisboa, se tornava um evento nacional. Em alguns anos nenhuma nave retornava. Entre os séculos 16 e 18 cerca de 3.000 embarcações naufragaram na rota entre a Europa e o Extremo-Oriente (SOURCOUF GROUP, 2003).

Os Lusíadas é o relato de um empreendimento não visto por conceitos gerenciais, econômicos, históricos ou políticos. Trata-se do olhar de um artista, que comunica aquilo que está diante de nós e não conseguimos enxergar. É um texto, como veremos adiante, que traz em seu conteúdo uma lição atemporal a respeito dessa força dinâmica de realização, que chamamos de "espírito empreendedor".

O objetivo desse estudo é tentar compreender, com o auxílio da visão de Camões e dos fundamentos da psicologia analítica, o sentido profundo da atitude empreendedora, daí o título *Uma Leitura Simbólica do Espírito Empreendedor*. Este trabalho vem preencher uma lacuna pois, os estudos feitos sobre esse tema geralmente abordam o perfil psicológico, o comportamento dos empreendedores, suas práticas gerenciais, motivações, o treinamento e as políticas de fomento para o desenvolvimento de empreendedores, mas deixam de lado uma questão de grande importância: a individuação.

O estudo inicia com o levantamento dos trabalhos produzidos ao redor do tema da pesquisa. Logo após, é verificada a literatura sobre o empreendedor, passando pela importância desse personagem na

política econômica capitalista, por alguns dos principais estudos já produzidos sobre o assunto, por uma tentativa de caracterização e, também pela identificação das principais motivações que levam alguém a empreender.

Em seguida, é feita uma breve explanação a respeito dos poetas revelando seu papel na antiguidade e a forma com que enxergavam a realidade. Depois disso, são analisados a figura do herói e o processo de individuação junguiano.

A obra de Camões é introduzida com a exposição de algumas leituras de camonistas e com a indicação de alguns estudos consultados. Posteriormente, são feitas observações sobre o contexto histórico em que a obra foi escrita, algumas curiosidades do texto e é apresentado um breve resumo da obra.

A partir daí tem inicio a interpretação d'*Os Lusíadas*. Primeiramente, as etapas da jornada do herói indicadas por Campbell, são evidenciadas na estrutura do texto camoniano. Na seqüência, é apresentado o significado simbólico da viagem ao Oriente. Os principais episódios são então interpretados um a um, divididos em cinco partes: A partida; O gigante Adamastor; O caminho de provas e a interferência divina; A chegada ao Oriente; O retorno – a ilha dos amores. Por fim, é feita uma discussão e o trabalho é concluído.

2. Objetivo

O objetivo desta dissertação é investigar, por meio d'*Os Lusíadas*, o significado simbólico do "espírito empreendedor".

O termo *espírito empreendedor* é uma expressão corrente no meio empresarial que significa *atitude empreendedora*. Trata-se de um termo utilizado para caracterizar indivíduos dinâmicos, realizadores, trabalhadores ou, como bem nomeou Borges (1999), *fazedores*.

3. Estudos pesquisados

Não foram encontradas pesquisas que relacionassem a obra camoniana e a psicologia analítica. Também não foram encontrados estudos sobre o empreendedor com base n'*Os Lusíadas*.

Quanto aos estudos da psicologia que tratam de questões ligadas às empresas, pode-se verificar que costumam abordar alguns temas recorrentes:

Banco de teses Capes		
	Assuntos	
1	Saúde e qualidade de vida	20,0%
2	Perfil e comportamento	12,8%
3	Crises, mudanças e sucessões	9,7%
4	Treinamento e seleção	8,7%
5	Práticas gerenciais	8,2%
6	Relações interpessoais	8,2%
7	Psicologia do consumidor	7,7%
8	Cultura, ambiente e motivação	6,2%
9	Atuação do psicólogo	5,6%
10	Desenvolvimento humano	4,1%
11	Outros	7,2%

Emerald (Electronic Management Research Library Database)		
	Assuntos	
1	Cultura, ambiente e motivação	22,9%
2	Práticas gerenciais	17,2%
3	Perfil e comportamento	13,5%
4	Psicologia do consumidor	9,4%
5	Saúde e qualidade de vida	6,8%
6	Liderança	5,7%
7	Desenvolvimento humano	5,7%
8	Treinamento e seleção	4,7%
9	Relações interpessoais	4,7%
10	Políticas de remuneração	2,6%
11	Outros	6,8%

Nesta comparação é possível constatar que existe alguma diferença entre os trabalhos produzidos no Brasil e no exterior. Das quase duzentas teses e dissertações encontradas no Capes, o tema mais pesquisado foi *Saúde e qualidade de vida*. Quando comparamos com o resultado encontrado no Emerald, o maior arquivo de literatura acadêmica na área de administração de empresas, verificamos que esse assunto não é tão relevante. Em seu lugar, aparece o que denominamos *Cultura, ambiente e motivação*. Constatou-se que, de maneira geral, o pesquisador estrangeiro tem como foco principal a eficiência e a performance, enquanto o brasileiro tende a ser um pouco mais assistencialista. Alguns trabalhos exemplificam bem essa diferença cultural:

An Investigation of Motivational Factors Influencing Performance (ROCH, 2005) e, *High Performance Organizations: Creating a Culture of Agreement* (LEVINE, 2006), são estudos que exprimem a atenção dedicada ao resultado da atividade econômica em pesquisas ligadas à psicologia. *Intuition in Managers: Are Intuitive Managers more Effective?* (ANDERSEN, 2000), ilustra também esse aspecto quando a pesquisa se refere a conceitos da psicologia analítica. Este estudo, feito com mais de 200 administradores, sugere que o estilo intuitivo na tomada de decisão parece estar relacionado à eficiência.

Quando observamos as pesquisas feitas no Brasil, os títulos *A relação de ajuda no contexto organizacional* (PEREIRA, 1992), *Qualidade de vida no trabalho: contribuições ao papel do psicólogo organizacional* (TANNHAUSER, 1994) e *Construção de identidade numa empresa em transformação* (BRESSANE, 2000), de certa forma, exemplificam a temática encontrada em território nacional. Isso não quer dizer que aqui não existam trabalhos que tenham como meta a eficiência organizacional. A tese de Lessa (2002), por exemplo, *Cooperação e complementaridade em equipes de trabalho: estudo com tipos psicológicos de Jung*, visa o desenvolvimento de equipes. O que parece ocorrer é que, no Brasil, esse tipo de trabalho é minoria enquanto no exterior, maioria.

Quando procuramos trabalhos que cruzam poesia ou arte com empresas verificamos, tanto no Brasil quanto no exterior, que estão relacionadas com o desempenho econômico ou organizacional. *Solving Business Problems Through the Creative Power of the Arts: Catalyzing Change at Unilever* (BOYLE; OTTENSMEYER, 2005), por exemplo, busca nas artes elementos que estimulem a criatividade e a inovação na empresa, além de soluções que possam melhorar o retorno financeiro para os acionistas. Dentro dessa mesma

perspectiva, *Entrepreneurs: the Artists of the Business World* (DAUM, 2005), apresenta uma correlação entre o treinamento artístico e o de empreendedores e sugere que empresários busquem as artes para o desenvolvimento de potenciais. Em *O bobo da corte avisa ao rei que ele está nu – um estudo de caso sobre o uso do teatro nas organizações*, Gonçaves (1999) busca, por meio de técnicas das artes cênicas, melhorar a comunicação entre os funcionários de empresas visando o desenvolvimento pessoal e da organização.

A investigação aprofundada da literatura disponível no cruzamento entre psicologia e empresas parece não colaborar com os objetivos desta pesquisa. Podemos até mesmo considerar que seria um desvio do tema proposto. Por outro lado, muito já foi escrito sobre o poema de Camões e também sobre a figura do empreendedor e sua atividade. Por esse motivo, a revisão da literatura foi dividida em dois universos distintos. O primeiro se refere aos estudos publicados sobre o empreendedor, com algumas amplificações. A este tema foi dedicado um capítulo chamado *O empreendedor capitalista*. O segundo, trata da leitura das leituras de Camões, que em alguns casos chegou a ser uma leitura da leitura das leituras. Esse tema será abordado mais adiante, no capítulo denominado *Leitura de Camões*.

4. O empreendedor capitalista

4.1 Etimologia

Segundo Swedberg (2000), no final da Idade Média, uma pessoa criativa e realizadora era chamada de *entrepreneur*. Posteriormente, os ingleses adotaram esse termo francês para designar os indivíduos que controlam e assumem os riscos de um negócio. Em português ele foi traduzido como empreendedor.

A palavra *entrepreneur*, segundo o Trésor de la Langue Française, é composta por *entre* e *prendre*. *Entre* tem tanto sentido de local quanto de intervalo, entre duas coisas, ou seja, dentro. *Prendre* quer dizer pegar. Mas esse *pegar*, não é apenas *ter em mãos*, *possuir*, mas também *adquirir um conhecimento*. No latim *prehendere*, igualmente, além de significar *segurar*, quer dizer *chegar a algum lugar*, *aprender* e *compreender*. (PORTO, 2001).

Notamos então que, *apreender*, *compreender* e *empreender* estão intimamente ligados. *Com-preender* significa unir, ligar, atingir, alcançar e apreender. A preposição *com* transmite a idéia de reunião, de estar acompanhado, de atingir um conhecimento com o outro, uma verdadeira dialética. Por sua vez, o prefixo *em* de *em-preender*, carrega tanto uma noção de tempo quanto de local, dentro de. (MACHADO, 2003). A diferença entre *com-preender* e *em-preender* é, portanto, que um está ainda em processo, enquanto o outro já alcançou. Sendo assim, podemos concluir que *em-preender*, muito além de seu sentido vulgar, significa o processo de adquirir um conhecimento que está dentro, o sentido íntimo, a natureza de alguma coisa, a sua essência!

A constatação de que a palavra *empreendedor* carrega, ocultamente, na raiz de seu significado, a busca de uma essência, é bastante reveladora para esse estudo, como veremos adiante.

4.2 Perspectivas sobre o empreendedor

Swedberg (2000), professor de sociologia econômica da Universidade de Estocolmo, fez um estudo aprofundado sobre a literatura a respeito do empreendedor. Em seu livro *Entrepreneurship*, Swedberg comenta que os principais economistas, curiosamente, pouco escreveram a respeito da figura do empreendedor. A explicação que o autor encontrou para isso foi a dificuldade de inserir o empreendedorismo em modelos econômicos. O único dos grandes economistas que centrou suas investigações em torno do empreendedor foi Schumpeter em *A teoria do desenvolvimento econômico*. Nesta obra, o empreendedor é considerado o principal agente de transformação no cenário econômico e social. É responsável pela introdução de novos produtos e serviços, novos métodos de produção, abertura de mercados, desenvolvimento de materiais, e a criação de novas indústrias. Além disso, como veremos adiante, Schumpeter entende que os empreendedores são motivados pela vontade de conquista, pelo sonho de fundar um reino privado e pelo prazer de criar.

Nos estudos disponíveis no Emerald (editor de mais de 160 *journals* de pesquisa acadêmica na área de administração de empresas), encontramos que 75% das teses, dissertações e artigos publicados no exterior sobre o tema *empreendedor* se referem a três assuntos fundamentais:

1. educação e treinamento, que buscam o desenvolvimento de métodos para ensinar indivíduos a se tornarem empreendedores;

2. perfil psicológico e comportamento, que procuram identificar características psicológicas e atitudes dos indivíduos considerados empreendedores;

3. práticas gerenciais, que investigam as técnicas de gestão utilizadas pelos empreendedores.

Foi verificada uma diferença ao comparar os trabalhos feitos no exterior e no Brasil. No Capes, além desses três tópicos, constatamos que a maior incidência das pesquisas tem como assunto o que denominamos de

4. políticas de fomento e desenvolvimento, cujo objetivo central é identificar o papel do empreendedor no desenvolvimento econômico e encontrar alternativas para o estímulo da atividade empreendedora como forma de solucionar problemas sociais.

Acreditamos que isso deva ocorrer pelo fato do Brasil ser considerado, na ótica capitalista, um país subdesenvolvido e, como veremos a seguir, a atitude empreendedora foi reconhecida como um dos principais fatores para o desenvolvimento de uma economia.

Se os economistas, conforme apontou Swedberg, encontraram dificuldades para trabalhar com o empreendedor, os sociólogos, por sua vez, fizeram importantes contribuições para o tema. Max Weber publicou em 1920 um “monumento” chamado *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, que foi considerado para a sociologia o que *A Origem das Espécies* (Darwin) foi para a biologia, e *A Interpretação dos Sonhos* (Freud) foi para a psicologia. Nessa obra, Weber aponta que o capitalismo como hoje conhecemos nasceu da ética protestante. A grande transformação, segundo ele, ocorreu quando o

ganho passou a ser uma finalidade de vida e não mais um simples meio de satisfazer as necessidades materiais do ser humano. Em outras palavras, o ser humano passou a existir para o negócio e não o negócio para o ser humano.

Weber demonstrou como a ética protestante propiciou uma visão positiva do enriquecimento. A partir de Lutero, com a valorização da vida intramundana, a profissão começou a ser vista como um desígnio divino e o indivíduo deveria cumprir sua missão como um serviço ao cosmo social. Se Deus atua em todas as circunstâncias da vida, uma oportunidade de lucro é também obra Sua. Cabe, portanto, ao sujeito de fé, aproveitar essa oportunidade divina. Desta forma, o sucesso no trabalho passou a ser um sinal da benção de Deus.

No entanto, se por um lado a ética protestante "liberou" o enriquecimento e a ambição de lucro ao encará-los como queridos por Deus, por outro lado restringiu o desperdício, a dilapidação e a improbidade. Não tendo o que fazer com o dinheiro, os empreendedores passaram a re-investir o lucro excedente e as empresas cresceram até as proporções atuais. Para Weber, a idéia da ascese na profissão criou uma poderosa engrenagem econômica que passou a exercer uma pressão avassaladora no estilo de vida do homem contemporâneo. (WEBER, 2005).

Outra obra capital situada na fronteira entre as áreas da economia, sociologia e psicologia é *The Achieving Society* de David McClelland. Professor da Universidade de Harvard por mais de 30 anos, McClelland procurou explicações para o crescimento econômico e levantou a hipótese disso acontecer, em parte, pelo que chamou de "necessidade de realização". Ele notou que a família Protestante exigia e incentivava seus filhos a obterem melhores desempenhos e que isso poderia ser uma explicação para o fato dos países de religião

Protestante serem mais desenvolvidos economicamente que os Católicos, confirmando a teoria de Weber. Além disso, fez um grande levantamento da literatura de algumas civilizações e notou que havia uma correlação entre a ênfase dada à "necessidade de realização" e o desenvolvimento econômico. Nas culturas grega, espanhola e inglesa, quanto mais esse tema aparecia na literatura, maior era o crescimento econômico e, inversamente, quando ele diminuía acontecia um período de decadência econômica e social. (McCLELLAND, 1967).

O trabalho do sociólogo Robert Merton (2002), professor emérito da Columbia University, publicado em seu livro *Teoria e estrutura social*, levanta um aspecto social importante diretamente vinculado às duas obras que acabamos de mencionar: a cultura norte-americana contemporânea dá grande importância à riqueza como símbolo fundamental de sucesso e realização pessoal, no entanto, não dedica a mesma atenção às vias legítimas para se atingir essa meta cultural. Essa dissociação, segundo Merton, é geradora de anomia (ausência de regras, leis) e o que acaba sendo observado por trás da fachada moral das empresas é dificilmente aquele ideal Protestante da riqueza vinculada à virtude.

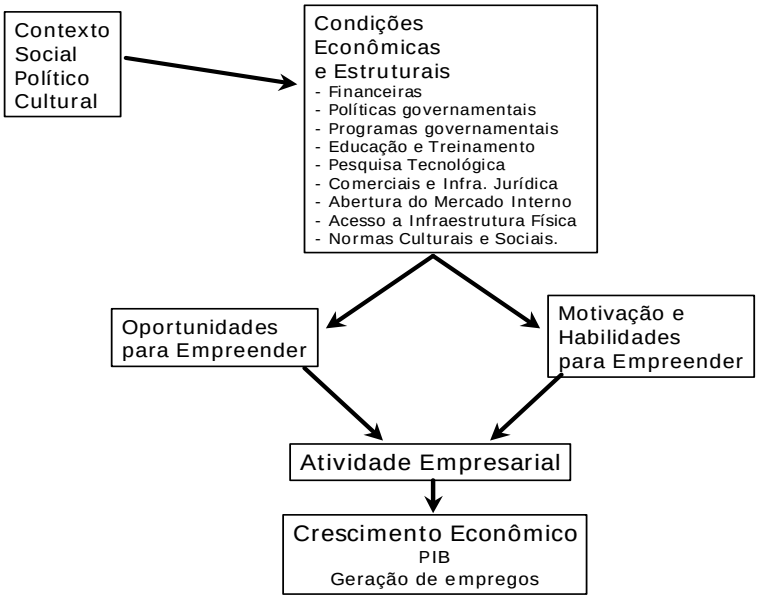
4.3 O empreendedor e a política econômica capitalista

Segundo Dolabela (1999, p.30), "tudo leva a crer que o desenvolvimento econômico seja função do grau de empreendedorismo de uma comunidade". As evidências parecem irrefutáveis: de 1970 a 1984, as 500 maiores empresas norte-americanas (Fortune 500) fecharam cerca de 5 milhões de postos de trabalho enquanto as empresas pequenas e médias criaram cerca de

40 milhões de empregos. (DRUCKER, 2003). Em 1970 as 'Fortune 500' empregavam cerca de 20% da força de trabalho dos Estados Unidos, em 1996 esta participação havia caído para 8,5%. (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2001).

Para avaliar a participação dos empreendedores independentes no processo econômico, foi feita uma pesquisa em 29 países, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) e organizada pela London Business School. O relatório final identificou evidências conclusivas de que a atividade empreendedora é o principal fator para o desenvolvimento econômico de um país. (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2001).

O Processo Empreendedor e Crescimento Econômico



Fonte: Global Entrepreneurship Monitor 2001

Atento à importância do espírito empreendedor no desenvolvimento econômico, o governo britânico incluiu em seu documento intitulado *Our Competitive Future – Building the Knowledge Driven Economy*, um item no qual afirma que o empreendedorismo e a inovação são fundamentais no processo criativo da economia, uma vez que

promovem o crescimento e a geração de empregos. Argumenta ainda que empreendedores têm senso de oportunidade e assumem riscos em momentos de incerteza para abrir novos mercados, desenhar novos produtos e processos. O governo britânico, por acreditar que esse espírito é de suma importância para o desenvolvimento do país, está implementando uma série de programas para gerar as condições necessárias ao desenvolvimento de novos empreendimentos. (DEPARTMENT OF TRADE AND INDUSTRY, 1998).

Para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), organização criada para auxiliar o desenvolvimento social e econômico da América Latina, que vem pesquisando o processo de criação de novos empreendimentos para orientar e priorizar ações governamentais, o empreendedorismo é um dos temas que merece atenção especial nos círculos políticos e universitários porque

> novas empresas contribuem de forma significativa para o desenvolvimento econômico, mormente nos países em desenvolvimento. Ao ter sucesso, os novos empresários criam empregos, expandem segmentos de mercado, aumentam a produção de bens e serviços e dinamizam a economia das comunidades onde operam. (BID, 2002, p.1).

No entanto, não podemos deixar de mencionar que uma parte expressiva dos empreendedores em todo o mundo, especialmente em países considerados “menos desenvolvidos”, são pessoas que não encontraram outra alternativa de trabalho. Cerca de 43% dos empreendedores pesquisados pelo GEM criaram negócios “por necessidade”. No Brasil, por exemplo, esses são 41% do total, enquanto que na Índia chegam a quase 66%. Em contrapartida, num país desenvolvido como a Dinamarca são apenas 7% dos empreendedores. (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2001).

4.4 Caracterização do empreendedor capitalista

O estudo da história nos leva a presumir que o primeiro empreendedor, nos termos que hoje conhecemos, tenha sido um guerreiro medieval. Esses bravos e admirados gladiadores eram oriundos de diversos segmentos sociais. Tinham a missão de defender a propriedade feudal e seus habitantes. Eles eram premiados com terras, títulos de nobreza e muitas vezes com a mão de adoráveis donzelas em matrimônio. Suas conquistas permitiam a elevação de classe social, fato raro na Idade Média. Como afirma Hauser (2000, p.205), "príncipes e barões, condes e ricos-homens tinham sido outrora guerreiros". A suposição de que a origem do empreendedor tem vínculos com a figura do guerreiro não é de se rejeitar, uma vez que no século XII a palavra francesa *entrepreneur* era designada também a um sujeito briguento. (DOLABELA, 1999).

Os guerreiros, como sabemos por meio dos cantos Homéricos, desde a antiguidade representaram aspectos heróicos e mitológicos no imaginário humano. Sua essência, ligada entre outras coisas à ousadia, bravura, coragem, agressividade, força, destreza, astúcia, estratégia, liderança, independência e à conquista, era material fértil para narrativas aventurosas contadas, recontadas e fantasiadas com entusiasmo. Para Benjamin (1985), os guerreiros sempre foram pessoas ricas em experiências comunicáveis e se tornaram excelentes narradores. Essa habilidade tornava-os líderes de verdadeiros exércitos de seguidores dispostos a, junto com eles, entregarem suas vidas por uma causa que os engrandecessem e pudessem com isso fazer parte desse rol de heróis imortais.

A ascensão transformava os guerreiros em nobres e por isso passavam a participar de um sistema de virtudes cavalheirescas pelo qual eram esperados, entre outras coisas, a generosidade, a

decência, a integridade, o respeito e a gentileza para com as mulheres e uma certa indiferença com relação às oportunidades de lucro. (HAUSER, 2000). Um guerreiro nobre é capaz de entregar sua vida e de um exército por uma causa, mas não faria com o mesmo entusiasmo se o objetivo fosse o dinheiro. No entanto, existiam os guerreiros corrompidos, mercenários, que invadiam brutalmente territórios alheios com vistas apenas nos lucros obtidos com as pilhagens.

Como vimos, muitos estudiosos do desenvolvimento econômico reconheceram a importância dos empreendedores como 'motores da economia', no entanto, poucos, por estranho que pareça, se dedicaram a estudá-los. (SWEDBERG, 2000). "Dentre todos os grandes economistas modernos, somente Schumpeter abordou o empreendedor e o seu impacto na economia" (DRUCKER, 2003, p.18). Em sua *Teoria do Desenvolvimento Econômico,* ao investigar esse personagem, Schumpeter fez algumas observações que reforçam a suspeita de que o espírito empreendedor tem ligações com características dos guerreiros medievais. Nesta obra ele identificou três fatores que estimulam a atuação do empreendedor. Argumenta o autor:

> antes de tudo, há o sonho e o desejo de fundar um reino privado, e comumente, [...] uma dinastia. [...] O que pode ser alcançado pelo sucesso industrial ou comercial ainda é, para o homem moderno, a melhor maneira possível de se aproximar da nobreza medieval (SCHUMPETER, 1982, p.65)

O segundo fator identificado aponta para o mesmo alvo: "Há então o desejo de conquistar: o impulso para lutar, para provar-se superior aos outros, de ter sucesso em nome, não de seus frutos, mas do próprio sucesso". (SCHUMPETER, 1982, p.65). Percebemos que duas das três fontes de estimulo do empreendedor, identificadas por Schumpeter, tem afinidade explícita com os valores guerreiros

medievos como, o desejo pela nobreza, a luta e a conquista, além de uma certa indiferença com relação aos ganhos pecuniários. Vamos dar mais alguns passos em nossa investigação e logo adiante encontraremos o terceiro fator percebido por ele.

O estudo da história nos ensina também que o ressurgimento das cidades foi ocasionado, em grande parte, pelos mercadores que levavam produtos para serem vendidos ou trocados em feiras montadas ao redor de igrejas ou castelos. Este outro tipo de empreendedor, não tão forte, combatente, glorioso e cortês, era, no entanto, extremamente ligeiro e esperto. Viajante por natureza, ele fazia a mediação entre produtores e consumidores procurando oportunidades para comprar barato e vender caro os produtos que circulava com grande agilidade. Não tinha as habilidades técnicas de um artesão nem a vocação para ficar horas a fio entretido com os detalhes da confecção de um artigo, no entanto, a natureza extrovertida fazia dele um hábil comunicador e negociador.

Assim como o guerreiro, o mercador era um bom contador de histórias, no entanto, a retidão não pode ser elencada em seu rol de predicados. O engano sempre esteve ligado a ele. Em alemão, por exemplo, o verbo *tauschen* quer dizer trocar, mas se forem colocados dois pontos sobre a letra “a” teremos *täuschen* e o significado muda para enganar, iludir. Em português as palavras “troca” e “truque” também tem uma proximidade bastante significativa. O mesmo ocorre na língua francesa entre *truc* e *troque,* que significam truque e permuta. Em inglês, a etimologia da palavra *barter,* que significa troca, está ligada a trapaça e decepção. “Quem não engana não vende” diz um ditado popular Russo. (GERSCHENKRON, 2000). Erasmo em seu *Elogio à Loucura,* também não poupou palavras ao falar dos comerciantes:

> Os negociantes, sobretudo, são os mais sórdidos e estúpidos atores da vida humana: não há coisa mais vil do que a sua profissão [...]. São, em geral, perjuros, mentirosos, ladrões, trapaceiros, impostores. No entanto, devido á sua riqueza, são tidos em grande consideração. (ERASMO, 2001, p.91).

O movimento gerado pelos comerciantes nas cidades que se formavam, propiciou novas oportunidades de trabalho fora dos domínios dos senhores feudais. Esses animados centros atraíam os agricultores descontentes com a vida no campo. Lá eles puderam encontrar novas possibilidades de vida usando suas habilidades e muitos acabaram se tornando artesãos.

A palavra arte, da qual deriva o vocábulo artesão, provém do latim *ars* que designava uma habilidade ou conhecimento técnico adquirido através do estudo ou da prática. O que entendemos hoje por arte também não tinha termo específico em grego. Em seu lugar utilizava-se *techné.* Ferreiros, sapateiros e escultores eram *technités.* (DOBRÁNSZKI, 2002).

Até o final da Idade Média, os ofícios que envolviam trabalhos manuais não eram valorizados, mesmo a pintura e a escultura eram considerados trabalhos rudes e vulgares. Os únicos que gozavam do respeito como artistas eram os poetas. Os artesãos eram especialistas, verdadeiros engenheiros do desenvolvimento de métodos produtivos para elaborar artefatos encomendados. Apenas no renascimento começou a haver uma distinção entre artistas e artesãos. Pintores e escultores foram elevados ao nível dos poetas, e os outros seguiram a veia industrial. (HAUSER, 2000).

Pois bem, aqui chagamos à terceira fonte de estímulo para a atividade empreendedora identificada por Schumpeter. Ela cabe justamente ao perfil de artistas e artesãos. Ela faz parte do espírito

de pessoas habilidosas e fazedoras. Trata-se da “alegria de criar, de fazer coisas, ou simplesmente de exercitar a energia e a engenhosidade”. (SCHUMPETER, 1982, p.65).

Talvez a melhor imagem para descrever esse tipo de empreendedor é a do inventor. Quando pensamos nele, imediatamente vêm em mente um sujeito genial, inteligente e criativo, mal penteado e de óculos, trancado horas e horas numa oficina cuja organização só ele entende, repleta de ferramentas, instrumentos, soldas e restos de coisas desmontadas. Lá ele fica criando coisas, a maioria delas inúteis. No entanto, numa dada hora – EURECA! Sai ele excitado como uma criança com um brinquedo novo, com um produto jamais imaginado, pronto para ser patenteado e posteriormente levado ao mercado em escala industrial. Através da figura do inventor, não é difícil notar as afinidades, originais, entre o industrial e o artista. O inventor é o inovador, é o primeiro a ter idéia de alguma coisa.

A inovação, ou a figura do inventor é uma característica tão preciosa e fundamental do empreendedor que o “papa” da administração, Peter Drucker, escreveu um livro chamado *Inovação e espírito empreendedor*, unicamente para falar a respeito da importância desta função. Segundo ele, nos Estados Unidos e na Inglaterra costuma-se considerar empreendedor aquele que começa um negócio próprio, na Alemanha ligam-no ao poder e à propriedade. Na sua opinião o empreendedor não é um capitalista, não é um investidor, não está ligado à posse nem ao poder de uma empresa, nem mesmo à iniciativa de começar um negócio próprio. Para ele “os empreendedores inovam. A inovação é o instrumento específico do espírito empreendedor”. (DRUCKER, 2003, p.39). Em outras palavras, se uma pessoa não inovar ela não é uma empreendedora na visão de Drucker.

Analisamos até agora 3 figuras que representam o conjunto de predicados, possivelmente originais e fundamentais, do espírito empreendedor. Elas nos ajudarão a mapear as características essenciais desse indivíduo. Apenas recapitulando, são elas os guerreiros, os mercadores e os artesãos. Vamos então dar um passo adiante.

Quando estudamos economia aprendemos que ela gira em torno de 4 grandes setores, além do Governo. São eles, Agricultura, Comércio, Indústria e Serviços. Até agora, identificamos a figura do empreendedor em dois deles: o mercador como figura central do comércio, e o artesão na raiz da indústria. A figura do guerreiro, como já vimos, é por natureza fundadora de reinos. O guerreiro pode não ser um gênio criador ou um esperto comerciante, no entanto, ele possui os atributos para ser o líder administrador de estados privados. As imagens da prosperidade do reino bem gerido e da decadência do que é mal cuidado são bastante conhecidas. Poderíamos dizer que a propriedade do guerreiro pode estar em qualquer um dos setores da economia. Podemos encontrá-lo chefiando empreendimentos agrícolas, comerciais, industriais ou de serviços. Falta-nos, portanto, descrever ainda o empreendedor agricultor e o prestador de serviços.

Comecemos investigando o significado da palavra agricultura. O sufixo *agri* vem do latim e quer dizer campo. *Cultura,* palavra também de origem latina, significa cultivar, fertilizar, dedicar-se a alguma coisa, manter, conservar, formar. Ou seja, *agricultura* é o cultivo dos campos, da terra. No entanto, *agri, agre, agro,* significam também ácido, azedo, o que nos leva ao agreste, rude, tosco, rústico, dificultoso, à agrura e ao dissabor, porque “a vida no campo era uma coisa rude e laboriosa” (ROBERTS, 1995, p.249) e a frustração sempre foi comum nas conhecidas épocas das “vacas magras”.

Desde que o homem deixou o “paraíso”, o que economicamente significa dizer: desde que deixou de viver das dádivas da natureza, passando de coletor e caçador para ser produtor de seus próprios alimentos, ele começou a trabalhar na lavoura e na criação de animais. As tribos, originalmente nômades, passaram a se apegar ao lar e a desenvolver um estilo de vida completamente diferente. O novo homem passou a se organizar em grupos cooperativistas empenhados em manter e preservar os meios de produção, formando culturas bastante tradicionalistas. (HAUSER, 2000).

Da mesma forma que a industrialização, essa foi uma das mudanças mais importantes e profundas da história da humanidade. Uma das transformações ocorreu porque no mesmo momento que o ser humano se viu dotado de poderes sobre a natureza, notou também que sua sorte era regida por outros ainda maiores, dos quais dependia imensamente. Abundância ou escassez, fome ou fartura, bênçãos ou pragas, vinham de forças superiores ao controle humano. Esse outro mundo, maior, mais potente, misterioso e sobrenatural passou a ser respeitado e reverenciado. Surgiu nesse momento o homem religioso que se via dividido em duas metades, uma delas visível, corpórea, fenomênica e outra invisível, da alma, dos espíritos e dos deuses. Para conhecer a natureza e prever seus movimentos, o homem precisou estudar o mundo divino. (HAUSER, 2000).

O agricultor e o pastor, são homens simples, religiosos, ligados intimamente à natureza, que trabalham e vivem dos frutos gerados pela terra e pelo rebanho. A tarefa de cultivo é árdua. Requer atenção, cuidado, dedicação, manutenção e conservação constantes, como se diz, “o que engorda o gado é o olho do dono”. Cultivar requer ainda paciência e perseverança, porque a natureza tem seu próprio tempo e humor. O produto do empreendedor rural é o

essencial e básico, é o alimento para o sustento dele e da comunidade. O luxo nunca combinou com seu mundo.

Mas, não teria sido a história como foi se o ser humano se contentasse apenas com o suficiente para seu sustento.

> O mais forte trabalhava mais, o mais esperto tirava mais vantagem de sua terra, o mais habilidoso encontrava formas de abreviar o trabalho [...] Assim, a desigualdade natural [...] multiplicada pelas das circunstâncias [...] começaram a influir, na mesma proporção, sobre o destino dos particulares. (ROUSSEAU, 2002, p.22).

Os sinais de riqueza, medidos em terras e rebanhos, e as diferenças entre os que um dia haviam sido iguais, já eram evidentes, alguns já eram ricos enquanto outros mal tinham para viver. "Quando as heranças aumentaram em número e extensão, a ponto de cobrir todo o solo e encostarem umas nas outras, uns não podiam crescer mais a não ser às custas dos outros" e assim aos pobres não restava alternativa, "foram obrigados a receber ou arrancar sua subsistência das mãos dos ricos". (ROUSSEAU, 2002, p.24). Surgiram dessa forma as classes dominantes, os servos, a violência e os guerreiros para defendê-los. Isso significa, como já sabemos, que o trabalho na terra passava a ser feito por prestadores de serviços – os servos.

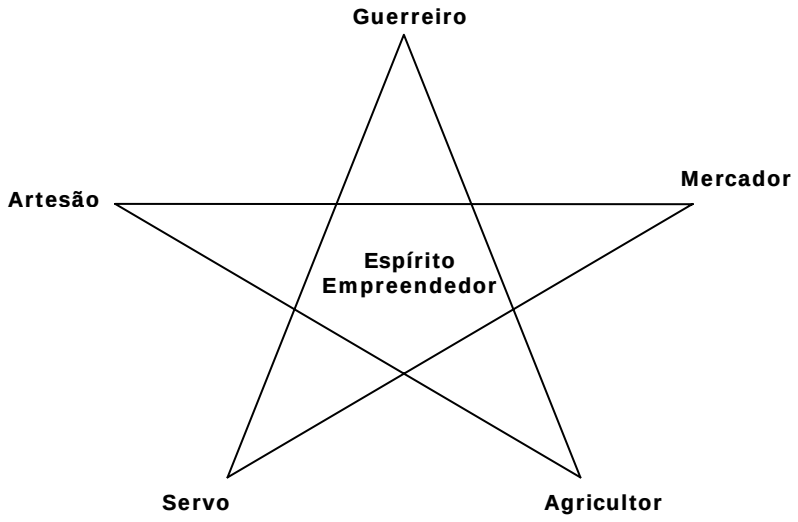
Chegamos a um ponto importante da nossa explanação: guerreiros, mercadores e artesãos, que como vimos, compõe a raiz do espírito empreendedor, possuem todos a mesma origem servil. Servir significava trabalhar como servo. *Servitiu,* palavra latina de onde vem o vocábulo serviço, quer dizer escravidão e *servu* significa "aquele que não dispõe de sua pessoa", que foi feito escravo ou que se vendeu por dinheiro.

É difícil, pelo que vimos até agora, imaginar que um empreendedor possa se sujeitar a uma posição servil, pois é justamente a antítese

disso que se esperaria habitar sua alma. O empreendedor é freqüentemente caracterizado como um indivíduo criativo, arrojado, que tem vontade de ser dono de seu próprio destino. Segundo essa visão, ele seria o comandante, jamais o comandado. Se servir pode ser visto também como ajudar, auxiliar, ser oportuno, ser útil, prestativo, atencioso e proveitoso, o que se esperaria do empreendedor é justamente que ele estivesse recebendo esses serviços de alguém ao invés de prestá-los. No entanto, com uma visão fria e objetiva, Ludwig von Mises, um dos líderes da escola austríaca do pensamento econômico, considera o empreendedor justamente um prestador de serviços. Se por algum motivo ele deixar de oferecer um bom produto ou serviço, com o menor custo possível, poderá sofrer perdas e ser substituído por outro que estiver atendendo melhor o cliente. Misses aponta ainda que tomar decisões é a principal atividade do empreendedor. A ele cabe dizer o quê fazer, como fazer, onde, quanto e quando fazer. Se ele estiver correto terá lucro, se por ventura ocorrer o contrário, ele deverá arcar com as conseqüências de seu equívoco, geralmente traduzido como prejuízo. (MISES, 1995).

Reunimos com isso algumas figuras arquetípicas que habitam a alma do empreendedor e podemos daí identificar algumas de suas características essenciais: do guerreiro ele tem a ousadia, a coragem, a agressividade, a capacidade de pensar estrategicamente, a liderança, a independência, a vontade da conquista, mas também, possui a brutalidade e pode até matar por dinheiro. Do mercador ele herdou a capacidade de enxergar e explorar oportunidades, a vontade de buscar novos mercados e fazer redes de relacionamento, a habilidade de negociar, saber comprar e vender bem seu produto, mas também recebeu uma certa tendência para a trapaça. Do artesão vem a habilidade de criar, inovar e produzir em escala. Do agricultor herdou o conhecimento e a capacidade de ler os

movimentos da natureza (entenda-se hoje mercado). Dele puxou também do olho atento, o cuidado, a dedicação, a manutenção e ainda a paciência, a perseverança e a simplicidade. Finalmente, do servo, o empreendedor carrega a capacidade de servir, de ser útil, oportuno e prestativo, mas também uma tendência a se vender por dinheiro. Chegamos assim ao seguinte quadro figurativo:



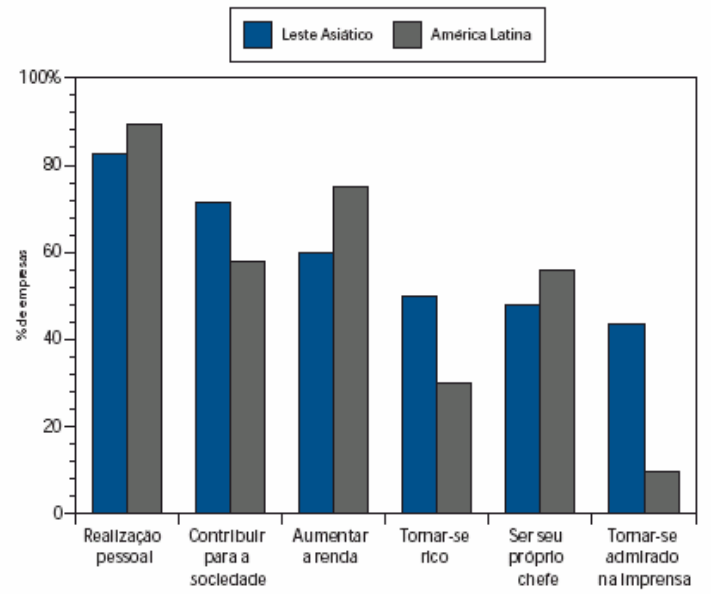
N'*Os Lusíadas*, muitas das características do empreendedor estarão em evidência: a disposição de servir, a coragem, a ousadia, o desejo de estabelecer novas relações, de buscar novos mercados, o conhecimento da natureza, a paciência, a perseverança. Encontraremos também o desejo de glória e fama, a brutalidade, a exploração, a ganância, mas, sobretudo, num plano oculto e menos evidente, será possível vislumbrar a busca de uma essência, conforme identificado na etimologia.

4.5 Motivação para criação de novas empresas

No ano de 2002, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) (2002) fez uma extensa pesquisa denominada *Empreendedorismo em Economias Emergentes: Criação e Desenvolvimento de Novas Empresas na América Latina e no Leste Asiático*. Foram entrevistados 1271 novos empresários, 582 no Leste Asiático e 689 na América Latina. A pesquisa abrangeu Japão, Coréia, Singapura, Taiwan, Argentina, Brasil, Costa Rica, México e Peru.

Apesar de ser freqüente a classificação dos empreendedores em dois grupos, um daqueles que empreendem pela identificação de oportunidades e outro dos que o fazem por necessidade, a pesquisa do BID apontou que a principal motivação para iniciar um negócio é a busca da "realização pessoal".

Principal motivação para iniciar um negócio



O resultado dessa pesquisa está de acordo com o que verificou McClelland (1967) que já havia relacionado a vontade de empreender ao que chamou de "necessidade de realização". Aprofundando a questão, veremos adiante no capítulo *O processo de individuação*, que existe uma pré-disposição psíquica, em todo ser humano, pela

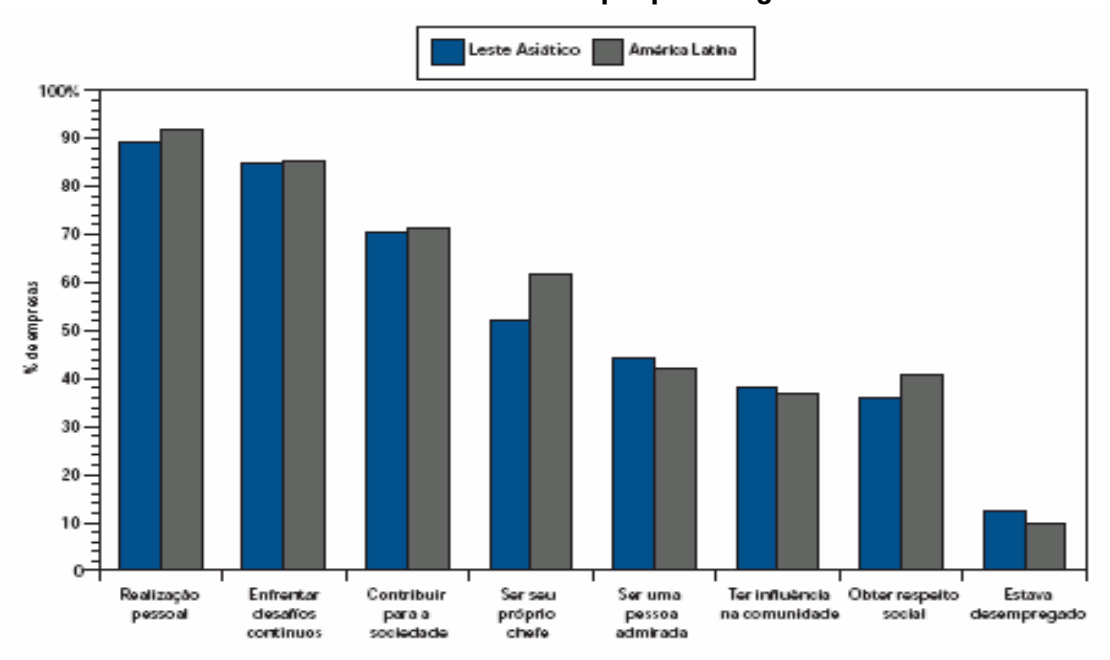
realização plena dos potenciais individuais. A busca de “realização pessoal” faz parte desse impulso instintivo e empreender pode ser visto como uma forma de sua expressão simbólica. Mas é interessante notar que “contribuir para a sociedade”, que aparece como tão motivador quanto “aumentar a renda” para se iniciar um empreendimento, possui igualmente um vinculo estreito com a individuação. Individuação não significa individualismo, conforme afirmou Jung (1991c, par.856), “O caminho individual não pode ser uma oposição à norma coletiva”, pois o individuo, em sua essência, está vinculado ao coletivo e à natureza cósmica. Esse desejo de empreender, vinculando “realização pessoal” com “contribuição para a sociedade”, ou seja, um compromisso simultâneo do indivíduo consigo mesmo e com os outros, faz parte da busca pelo equilíbrio psíquico, no qual indivíduo e grupo tem seu papel e valor. Direita e esquerda políticas estariam reunidas no ideal de individuação.

Quando os entrevistados foram questionados sobre os fatores não econômicos que influenciam a decisão de empreender, além da “realização pessoal” e da “contribuição para a sociedade” aparece pronunciadamente a “vontade de enfrentar desafios”. Essa é, como veremos, uma das principais características do herói (o homem em processo de individuação). Existe uma predisposição interna tão forte para a realização de seu destino que, até mesmo a integridade física é colocada em segundo plano. Para o herói, de nada vale a vida se ele não puder realizar o seu desígnio.

Podemos também observar na pesquisa que não é nada desprezível a vontade de “ser seu próprio chefe”. Como pode um herói deixar que alguém mande em sua vida? Que seja dono de seu tempo e diga o que ele deve ou não fazer? Essa não é uma questão de egocentrismo, pois, como mencionamos acima e veremos adiante, a missão do herói vem como um desígnio interno, de seu *daimon*, e não cumpri-la

coloca-o numa situação muito delicada: o abandono de seu Ser que é equivalente à morte. Esse impulso de independência é necessário para que um indivíduo possa cumprir o seu destino.

Principais fatores não econômicos que influenciaram a decisão de iniciar o próprio negócio



Como podemos ver nos quadros acima, “ser uma pessoa admirada”, “ter influência na comunidade”, “obter respeito social” e mesmo “aparecer bem na imprensa” são fatores relevantes que figuram no imaginário dos empreendedores. Vries (1996), psicólogo e importante referência no círculo acadêmico quanto à dinâmica das organizações, relaciona este “desejo de aplauso” da personalidade empreendedora a problemas de falta de reconhecimento e atenção na infância. O autor cita uma manifestação dessa necessidade no que chamou de “complexo de edifício”, uma tendência do empreendedor a querer construir monumentos que simbolizem suas realizações.

Almejar a glória e a fama, pretensões tão antigas na humanidade e tão bem representadas na *Ilíada*, tinha relação direta com a busca do

Olimpo. O herói, conforme será exposto, era o homem que alcançava a imortalidade e se tornava divino por ter cumprido o seu destino. Fama e glória eram conseqüências desse feito. A conquista do Olimpo era o equivalente simbólico da realização pessoal. Mas, a busca da fama, desvinculada de uma verdade interior profunda, corre o risco de desviar o indivíduo de seu caminho autêntico e fazer com que sua personalidade não se desenvolva, permanecendo, portanto, infantil como observou Vries.

Por fim, temos a figura do desempregado. Ele aparece pequeno, no final das estatísticas. O desemprego, como sabemos, é um fantasma que assombra indivíduos e governos. O desempregado é aquele que está desocupado, ocioso, sem ter o que fazer. É aquele que não está a serviço de nada e de ninguém, que está sem desafios, que não é admirado, que não tem respeito social, que se sente fracassado. É a representação do vazio e da ausência de sentido da vida. O desempregado que resolveu empreender por fatores não econômicos pode representar, simbolicamente, aquele que decidiu buscar um sentido para a sua vida. Mais adiante, na discussão, esse assunto será retomado e serão apresentadas outras amplificações desta pesquisa.

Até o momento, vimos a importância da figura do empreendedor para a manutenção do atual sistema político e econômico em que vivemos. Verificamos com McClelland (1967) e Weber (2005) que o ato de empreender está ligado a uma necessidade de realização que é estimulada culturalmente. Por meio de textos de historiadores e economistas encontramos algumas características intimas desse personagem. Investigamos também a etimologia da palavra *empreendedor* e por fim, expusemos uma pesquisa que procurou identificar os fatores que motivam os empreendedores a darem início

às suas empresas. Isso já é algo interessante, mapeamos o terreno e construímos uma imagem mais clara de nosso protagonista.

A próxima etapa, plagiando Lewis Carroll, é uma espécie de “entrada na toca do coelho”. Como dissemos, são inúmeros os casos empresariais relatados por mestres da administração que podem ser encontrados em livros e revistas de negócios. Esses trabalhos têm validade inquestionável e são impecáveis para atingir as metas que pretendem. O presente estudo, no entanto, trata de uma outra visão desse assunto. Ele adentra o tema por uma via de acesso diferente e, por isso, chega a novas conclusões.

O caso que estudaremos foi escolhido especialmente por ter sido retratado por um poeta, fato raro, talvez único no mundo capitalista. Isto tem um imenso valor para quem conhece o alcance da linguagem simbólica, mesmo assim, essa questão merece ser explicada. Por este motivo, faremos uma rápida, mas profunda visita ao mundo das artes na qual identificaremos aspectos essenciais da visão dos poetas.

5. Os poetas e a leitura da realidade

> Só é poeta o homem que possui a faculdade de ver os seres espirituais que vivem e brincam em torno dele.
> Nietzsche

O estudo comparado de mitos indica que houve, logo após a pré-história, uma visão mítica comum em toda a humanidade: O ser humano era considerado um microcosmo e deveria viver em harmonia com o macrocosmo. (SCHWARZ, 1985).

A consciência dava ao homem a possibilidade de perceber a beleza da natureza e do Universo em que estava inserido. Tudo era uma coisa só, tudo estava interconectado. Nada escapava à imensa teia da vida, da qual o homem era apenas um fio. Tudo o que fizesse a esse tecido da vida faria a si mesmo. A consciência diferenciava o homem dos outros seres, mas também dava a ele uma missão: ser o mantenedor, o guardião da criação divina. O homem não era dono da terra, não devia explorar ou mandar na natureza, mas sim respeitá-la, reverenciá-la, aprender com ela. O canto e a dança faziam parte do banquete que os homens ofereciam aos deuses para celebrarem a vida, que era considerada uma dádiva. (MUNDURUKU, 2000).

No entanto, o poder da consciência também dava ao homem a possibilidade de se imaginar como substituto de Deus ou, de viver de acordo com seus interesses específicos e particulares. Essa pretensão era considerada em muitas tradições como a decadência do homem, pois isso significaria uma desarmonia do equilíbrio cósmico, um rompimento com as potências eternas que regem o universo e o próprio homem, representadas pelas divindades e que posteriormente foram denominadas de arquétipos. (SCHWARZ, 1985).

No Egito antigo, no Oriente e nas civilizações pré-Colombianas os líderes eram seres humanos com uma cosmovisão, uma consciência superior que lhes dava a capacidade de ler e interpretar a ordem arquetípica que agia como “pano de fundo” da vida. Sua função era transmitir essa visão de mundo para o homem comum e procurar fazer com que todos vivessem de acordo com essas Leis não escritas. Assim como Jung (2000) observou, sem essa cosmovisão as coisas tendiam a não ir tão bem.

No entanto, na Hélade (Grécia arcaica), a invasão dórica ocorrida entre os séculos XII e VIII a.C. destruiu definitivamente aquele sistema da realeza divina. Sobreviveram, contudo, alguns pequenos reinos agrícolas que mantiveram fragmentos da cultura arcaica. Nesse novo período, conhecido como homérico, os poetas tinham a função de recuperar a memória daquela visão de mundo, reunificando os homens aos deuses e à natureza. Os poetas eram pensadores religiosos, verdadeiros interpretes dos deuses e por isso ocupavam posição igual ou superior aos *basileus* (reis que não tinham função sacerdotal). (VERNANT, 2003).

Os poetas eram possuídos pelas *Musas* (filhas de Zeus e Mnemosyne - *Memória*), potências divinas que tinham o poder de revelar os princípios estruturantes da vida. (VERNANT, 2002a). A palavra pronunciada pelo poeta era dotada de vidência, dizia, segundo Hesíodo (2003), “o presente, o futuro, e o passado”, ou seja, tratava-se de uma voz imperecível e por isso era considerada a pura expressão da Verdade, a *Alétheia* (não esquecimento). Como estava ligada à *Memória*, a oposição da Verdade não era apenas a mentira ou a falsidade, mas principalmente o Esquecimento (*Léthe*). Sendo assim, os homens comuns eram ditos “esquecidos”, ao passo que os poetas eram conhecidos como “Mestres da Verdade”. (DETIENNE, 1989).

O ser humano que conseguia recuperar a memória dessa época ancestral, em que os homens viviam em perfeita harmonia com a natureza (interna e externa, micro e macrocósmica), era considerado um homem perfeito, divinizado, pois agia de acordo com as Leis Universais, e suas obras, por estarem de acordo com a ordem cósmica, eram consideradas belas e imperecíveis. Na Grécia arcaica, esse homem era um *poietés* (poeta) e seu ato criador, a sua criação, *poiésis* (poesia). (MACHADO, 2003).

A importância que se dava à *Memória* estava também ligada à *Teoria da Reminiscência*. Segundo essa visão, todo ser humano carregava em germe na sua alma, uma missão a realizar, uma personalidade celeste. Alinhar as pretensões pessoais com esse desígnio, que estava indissoluvelmente associado ao coletivo e ao plano cósmico, era a meta básica de todo trabalho de desenvolvimento individual. Era a *Memória* que ajudaria o indivíduo encontrar a sua natureza original. Essa potência divina fazia parte de um movimento instintivo em direção à essência do ser, bastante semelhante ao processo de individuação junguiano, que abordaremos adiante. (PLOTINO, 2002).

O estreito vínculo dos poetas com a *Memória* fazia deles, acima de tudo, grandes educadores. Dedicavam-se a despertar o indivíduo (mito platônico da caverna), sintonizando-os aos desígnios de suas almas e orientando-os na busca da virtude (*arete*). O objetivo era transformá-los em verdadeiros heróis, conforme veremos.

O ritual milenar presidido pelos poetas era uma cerimônia festiva e ao mesmo tempo religiosa e mágica. Nesses encontros, os poetas, exímios criadores de metáforas, transmitiam conhecimentos adquiridos milênios antes do surgimento da escrita. Por meio dos mitos, descreviam o *modus operandi* dos arquétipos, da relação entre

eles e deles com os homens. Um exemplo dessa prática milenar que foi preservado pela nossa cultura foi o de Cristo, que ensinava por meio de parábolas. Essa era a forma de educação na antiguidade. Ao invés de conceitos, os poetas ofereciam estórias e imagens metafóricas.

A visão mítica, por não se fundamentar na lógica e na razão para conhecer o mundo, tem sido atacada no ocidente desde o século VII a.C. (LEÃO, 2002). Ainda hoje é considerada um estágio preliminar de consciência ou uma concepção infantil da realidade. A palavra *mito* se tornou sinônimo de mentira, de estórias que não correspondem à realidade. No entanto, o fato de muitos desses conceitos continuarem válidos até hoje e de que boa parte do que a psicologia contemporânea sabe a respeito de arquétipos ter sido aprendido por meio da mitologia, é uma prova do sucesso que os poetas tiveram em usar o imaginário em suas interpretações e da imperecibilidade dos conhecimentos que adquiriram.

Mas chegou o momento em que os poetas também perderam a memória. No século VI a.C. Simônides transformou a poesia em negócio. Passou a criar poemas que enalteciam, não mais os deuses, mas sim os ricos e poderosos em troca de dinheiro. Os poetas perderam sua importância e passaram a ser duramente criticados. (DETIENNE, 1989). Alguns mudaram de atividade. Segundo Aristóteles (2003), os verdadeiros poetas passaram a se dedicar a outras formas artísticas, como o teatro por exemplo. Continuaram, desse modo, a educar e a buscar a verdade universal, como passaram também a fazer os filósofos. Sidney (2002) e Detienne (1989), entendem que os próprios filósofos gregos eram poetas disfarçados, e que a beleza de suas obras vinha, em grande parte, da poesia nelas contida.

Mais tarde, em Roma, muitos poetas ainda eram respeitados pela sua capacidade de enxergar o invisível. Eram chamados de *vates*, que significa adivinho, profeta, visionário. (SIDNEY, 2000).

Outras culturas também procuraram desenvolver as faculdades poéticas. Um exemplo são os filósofos e intelectuais árabes, conhecidos como *Sufistas*, que anunciaram a possibilidade de obter conhecimentos imperecíveis, por meio da imaginação. Segundo Ibn Arabi, para se chegar à sabedoria perfeita, seria necessário enxergar com os dois olhos: o da razão e o do imaginário. Essa era considerada a base da sabedoria dos profetas e da realização plena das potencialidades humanas. (JAROSZYNSKI, 1998).

No renascimento, os poetas continuaram sendo glorificados por sua capacidade de acesso ao mundo das essências, como podemos notar em Shakespeare, na primeira cena do quinto ato de *Sonho de uma Noite de Verão*:

> O olho do poeta, num delírio excelso, passa da terra ao céu, do céu à terra, e como a fantasia dá relevo a coisas até então desconhecidas, a pena do poeta lhes dá forma, e a essa coisa nenhuma aérea e vácua empresta nome e fixa lugar certo. (SHAKESPEARE, 1952, p.217).

Foi apenas nesse período (Renascimento) que pintores e escultores se intelectualizaram e passaram a manifestar uma visão penetrante da realidade em suas obras, conseguindo sair da condição de artesãos e, finalmente, se elevar ao nível artístico dos poetas. (HAUSER, 2000). Antes disso, não passavam de simples operários exercendo funções mecânicas. (BLUNT, 2001).

Como podemos notar, há milênios o olhar do poeta, ou do artista como estamos habituados a dizer, é considerado uma visão mais abrangente da realidade pois ele possui a capacidade de unir o

concreto e imaginário, o consciente e o inconsciente. A afirmação do surrealista Breton (1997, p.76), de que existe um ponto na mente em que “vida e morte, real e imaginário, passado e futuro, comunicável e incomunicável, alto e baixo, deixam de ser percebidos em termos contraditórios”, é um bom exemplo desse jeito de perceber o mundo.

O filósofo romeno Mircea Eliade (1996), confirma essa idéia considerando a linguagem simbólica como mais eficiente que qualquer outro meio de conhecimento para chegar aos níveis profundos da realidade. Cassirrer (1997 p.236), igualmente, defende no capítulo nono de seu *Ensaio Sobre o Homem*, que a poesia é a chave da realidade. Para ele, “um dos maiores triunfos da arte é fazer com que vejamos as coisas corriqueiras em sua verdadeira forma e sob sua verdadeira luz”.

Se prestarmos atenção nas declarações de alguns artistas, teremos a confirmação da existência de uma forma de perceber a realidade, mais próxima do inconsciente, que vai além da lógica e da razão.

Picasso, com sua conhecida irreverência, afirmou:

> mas o que é isso, realidade objetiva? Ela não vale nem para o vestuário, nem para os tipos humanos, para nada [...] a realidade objetiva é algo que se deve dobrar cuidadosamente como se dobra um lençol e encerrá-la num armário de uma vez para sempre. (PICASSO apud BRASSAÏ, 2000, p. 198).

Para Octávio Paz (2003 p.26), “o poema é uma via de acesso ao tempo puro, uma imersão nas águas originais da existência”. Sua opinião é semelhante à de Kandinsky, para quem as obras de arte, conduzem o homem para além das aparências, “sob a pele da natureza, à sua essência, ao seu conteúdo”. (KANDINSKY, 2000, p.229).

> Neste sentido [...] afastando-se da realidade e elevando-se a um mundo simbólico o homem, ao voltar à realidade, lhe apreende melhor a riqueza e profundidade. Através da arte [...] distanciamo-nos e ao mesmo tempo aproximamo-nos da realidade. (CANDIDO et al, 2002, p.49).

Toda autêntica obra de arte continua válida e não envelhece com o tempo. Isso acontece porque o artista tem a capacidade de apresentar, de forma visível e dizível, aspectos imutáveis da vida humana. Elas tocam, conforme o antigo ideal grego, a eternidade. Quando Sófocles escreve *Édipo* quatrocentos e tantos anos antes de Cristo e esse texto continua perfeito até hoje; quando *As Nuvens* de Aristófanes é representada em plena era da cibernética e os espectadores reconhecem os personagens no seu cotidiano; quando Stevenson desperta de um sonho com a novela *dr.Jeckle e mr.Hyde* descrevendo o lado sombrio da alma humana; quando Chaplin filma *Tempos Modernos* expondo as mazelas da industrialização e do sistema capitalista, percebemos o alcance da visão do artista. Por sua consciência diferenciada, são capazes de criar obras que nos emocionam e tocam nosso coração, por isso, ficam gravadas na memória.

Este estudo justifica-se, fundamentalmente, pelo fato de utilizar a poesia e sua capacidade de penetração no mundo não aparente para chegar a uma melhor compreensão da natureza do espírito empreendedor.

> Se [...] todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. (BARTHES, 1989, p.18).

6. A psicologia analítica e o símbolo do herói

6.1 O herói

Talvez não exista na humanidade, em qualquer cultura, um personagem tão notório quanto o herói. Seu mito descreve as vivências de um ser humano diferenciado, com poderes especiais e coragem para superar as adversidades no intuito de cumprir a missão para qual foi escolhido. Ele segue sua própria paixão, implacavelmente, deixando de pensar prioritariamente em si mesmo. Chega a considerar a morte irrelevante. Para ele, mais vale morrer tentando cumprir seu dever do que ficar vivo sem cumprí-lo.

Em seu caminho, aventura-se por regiões perigosas e desconhecidas, onde poucos se atrevem a ir. Os obstáculos que enfrenta são representados por monstros e animais ferozes, com os quais trava lutas quase fatais, no entanto, consegue vencê-las, para em seguida encontrar um tesouro difícil de ser atingido e se unir a uma pessoa do sexo oposto.

Um dos primeiros estudos aprofundados sobre o mito do herói foi publicado em 1871 pelo antropólogo inglês Edward Taylor. Nesse trabalho, o autor identificou alguns padrões na comparação entre mitos heróicos de diversas culturas, como, por exemplo, complicações no nascimento, ajuda por seres humanos e animais e, finalmente, a apoteose, quando ele se torna adulto e é reconhecido como herói nacional. Em 1876, o austríaco von Hahn chegou a uma conclusão semelhante. Acrescentou, no entanto, algumas passagens à trajetória, como, o afastamento dos pais, a participação em batalhas e um retorno triunfal. Esses e alguns outros autores evidenciaram padrões do mito do herói, mas não o analisaram. (SEGAL, 1990).

Em 1909 o psicanalista Otto Rank (1990) publicou um curto trabalho chamado *O Mito do Nascimento do Herói*, no qual aponta não só o padrão estrutural dos mitos, como também os interpreta. Para ele, trata-se da luta do indivíduo para alcançar a independência, se afirmar no mundo, e também, da difícil tarefa de dominar os próprios instintos. Rank fez uma analogia do herói com o ego infantil e sua "novela familiar", destacando as principais etapas do mito. Os pais do herói, sempre divinos ou nobres, são comparados à supervalorização dos pais na infância; as complicações no nascimento são interpretadas como representações da atitude hostil do pai perante aquele que o sucederá; a ajuda de animais no percurso é explicada como uma forma infantil de entender o amparo materno, por fim, Rank enfatiza a relação do mito do herói com algumas doenças mentais como a paranóia e a anarquia.

Em 1912 Jung publicou *Símbolos da Transformação*, trazendo nova luz sobre o tema, mas, antes de entrarmos na teoria junguiana precisamos resgatar o aspecto original do herói, para ampliarmos o entendimento de seu significado. Uma rápida visita à tradição helênica, na qual todo questionamento ético estava baseado na busca da excelência e que tinha a figura do herói como seu exemplo essencial, nos dará essa noção mais ampla.

6.1.1 O herói na Grécia arcaica

A palavra *herói* tem sua origem no grego *héros*, que significa um semi-deus, um homem sagrado. (MACHADO, 2003). *Ieró* em grego quer dizer sagrado, donde derivou *hieróglifo*, a escrita sagrada e também *iroas*, herói em grego arcaico que significava – "aquele que buscava o sagrado". (SALIS, 2002, p.26).

Segundo a tradição helênica, os seres humanos viveram originalmente em perfeita comunhão com os deuses. Reunidos, homens e deuses celebravam diariamente a alegria e a beleza da vida. Partilhavam uma terra rica e fecunda, que não estava sujeita às intempéries. Tudo o que era necessário, a natureza colocava à disposição. Além disso, gozavam de perfeita saúde e a velhice não lhes pesava. Esta é, segundo Hesíodo (2002), a *Idade de Ouro*, uma raça de homens que viviam de acordo com a natureza, psíquica, física e cósmica, que estava vinculada às leis universais e divinas (*Dike*).

Por meio do mito de Prometeu, Hesíodo (2002) descreve a queda da *Raça de Ouro*. Esse Titã, além de entregar uma centelha do fogo divino (saber criador) aos homens, tentou enganar Zeus ao fazer a partilha de um boi. Essa trapaça, representando uma atitude esperta e egoísta, ocasionou a queda da humanidade para a *Raça de Prata*. Com ela veio a perda da pureza e do vínculo com as leis divinas da natureza (*Dike*). Houve uma cisão. O ser humano deixou de se ver como parte da natureza cósmica. Essa cisão ocasionou também uma dissociação psíquica entre consciente e inconsciente. Com ela, o ser humano deixou de ser a expressão de si mesmo, assim como a prata tem a propriedade de escurecer escondendo assim seu brilho. Como já não vivia de acordo com as leis divinas, o ser humano criou as suas próprias, passando a ser a medida das coisas. Houve com isso uma nova queda, desta vez para a *Raça de Bronze*, uma raça de homens pretensiosos, vaidosos e embrutecidos, que lutavam pelo poder, pelo sucesso e pelas honrarias, uma perfeita representação do egocentrismo. Mas esse ainda não é o final do caminho. O ser humano se corrompeu, passando a dar valor aos bens materiais, chegou enfim, num degrau ainda mais baixo, à *Raça de Ferro*, uma raça doente e materialista, com valores mesquinhos. A verdade, a honra, o comedimento, a nobreza foram misturadas aos desvarios, a

inveja, a malícia, a fraude, a vaidade e a ganância. Essa indiscriminação fez com que se honrasse “muito mais ao malfeitor e ao homem desmedido” (HESÍODO, 2002, p.35).

Quando os homens honravam os deuses e a ordem do universo, quando olhavam para si mesmos “em íntima e viva conexão com a totalidade do mundo circundante, com a natureza e com a sociedade”, a vida material era sagrada, uma benção, e a terra, um paraíso. (JAEGER, 2001, p.151).

Esse mito do início perfeito seguido da degeneração do homem não se resume à tradição grega, como bem apontou Eliade (2000). A mesma configuração das raças de ouro, prata, bronze, ferro é encontrada entre persas, judeus e hindus. Havia, no entanto, uma outra raça. A *Raça dos Heróis*. Esses, por seu amor à ética, à dignidade, à honra, à verdade e à justiça; pelo seu respeito à *Dike*, aos valores sagrados, iniciavam uma longa jornada de purificação, de aperfeiçoamento pessoal, na tentativa de sair do ferro para retornar ao ouro primordial. Alguns poucos alcançavam essa difícil meta, o que se dizia ser possível unicamente mediante uma boa educação.

Diante dessa visão trágica da humanidade, os gregos arcaicos instituíram um programa de formação de jovens chamado *Paidéia* que procurava cultivar a perfeição do ser humano através do desenvolvimento de seus talentos e virtudes, ou seja, procurava transformar o homem ordinário num ser extraordinário. Utilizavam a Ilíada, a Odisséia, a mitologia e o teatro, sempre com a finalidade de demonstrar o que deve ou não ocorrer para a consagração desse herói. O utilitarismo, as riquezas, as glórias e honrarias eram questões secundárias não fundamentais.

Na visão de Sócrates (PLATÃO, 1987), cada ser humano tinha uma função específica a desempenhar na vida, missão essa que estava vinculada indissoluvelmente à *polis* e ao cosmos. Harmonizar as pretensões individuais à essa ordem era o mesmo que atingir a sabedoria e a perfeição da alma.

“Quem sou eu, o que vim fazer aqui?” Esse era o terrível enigma proposto pela esfinge, que ainda finalizava com uma ameaça: “decifra-me ou te devoro”. Aquele que não soubesse resolver essa questão era considerado um sujeito morto-vivo, perdido por toda a vida. Por isso, a premissa “conhece-te a ti mesmo” estava gravada na entrada do santuário de Delfos, local de peregrinação obrigatória aos que buscavam o sentido de suas vidas. (SALIS, 2002).

A chave para a solução desse enigma estava no despertar da porção divina (eterna e imortal) de todo ser humano, onde se dizia estar guardada a memória adquirida do indivíduo - o *daimon*. Desvelar seu *daimon* e servi-lo era, para o homem arcaico, o supremo empreendimento. Realizar este feito era o que significava formar um herói.

Jung (1995, par.536) estava atento à esta questão, e mencionou num de seus primeiros estudos que “o herói é um homem extraordinário no qual habita um *daimon*, e é este que o transforma em herói”. Hillman (1997), um de seus mais ilustres seguidores, recuperou esse conceito integralmente para a psicologia analítica, propondo a *Teoria do Fruto do Carvalho*, segundo a qual todo ser humano tem um motivo para estar vivo e alguma coisa única e individual para executar. Essa missão estaria gravada em nossa psique e seria capaz de dirigir nosso destino, mesmo que dela não tenhamos consciência. Para Hillman, o *daimon* é o mensageiro desse destino singular e está presente em nossas vidas para conduzir-nos à

execução dessa tarefa, no entanto, ele não admite que nos afastemos muito dela. Se estamos seguindo a nossa trajetória, o *daimon* age como um gênio, um "anjo da guarda" que facilita o percurso e nos impulsiona através de nossos talentos. Em contrapartida, quando estamos fora de nosso curso ele tende a fazer o contrário, procura "infernizar" a nossa vida de várias maneiras para que esse potencial não desenvolvido possa ser realizado. Esse é um dos motivos deste aspecto da psique ser chamado de *daimon*, palavra da qual derivou o termo *demônio*. Nesse aspecto, Hillman concorda com a tradição arcaica dizendo:

> talvez a tarefa do homem seja alinhar seu comportamento às intenções dele (*daimon*), agir de acordo com ele, por ele. O que fazemos na nossa vida afeta nosso coração, nossa alma e interessa ao *daimon* [...] O *daimon* então torna-se a fonte da ética humana, e a vida alegre – o que os gregos chamavam de eu*daimon*ia – é a vida que é boa para o *daimon*. (HILLMAN, 1997, p.277).

Para Zoja (1997, p.482), a *paidéia* grega e sua meta primordial de fazer despertar o potencial natural de cada indivíduo, pode ser vista como "uma antecipação do que hoje nos referimos como individuação".

À vista disso, o sentido original do herói, muito diferente da leitura moderna que o entendeu como um impulso pela auto-afirmação do indivíduo, sinaliza um impulso instintivo da psique pela consagração do Ser, que carece, no entanto, de uma boa dose de educação e orientação.

6.1.2 O herói em Campbell

Joseph Campbell (1994), importante mitologista do século XX, para quem os mitos têm a função primordial de colocar o homem de

acordo com a natureza (interna e externa), dedicou boa parte de seus estudos ao que chamou de *monomito*. Segundo ele, apesar da infinita possibilidade de variação encontrada nos mitos de diversas culturas e épocas, uma vez interpretados, as diferenças entre eles se tornam semelhanças e o tema recorrente encontrado nessas obras é à trajetória do herói. Esse itinerário obedece a formula dos ritos de iniciação composta de 3 etapas fundamentais: separação, iniciação, retorno.

Campbell (2003) concluiu que todos os seres humanos enfrentam, simbolicamente, as mesmas etapas da jornada do herói na sua busca por uma vida harmoniosa. Segundo ele, esse longo périplo inicia-se com um "chamado", que pode ou não ser atendido. No caso do indivíduo optar por um caminho diverso, recusando-se a atender essa convocação, tanto na mitologia quanto na realidade concreta, são inúmeros os exemplos que indicam que essa pessoa terá uma vida triste, tediosa, vazia e sem sentido. Essa vida tende a definhar porque não está cumprindo a sua própria aventura, é uma vida inautêntica, por isso está associada a uma terra devastada. Em contrapartida, se a proposta for aceita, inicia-se uma longa jornada por um mundo desconhecido ainda inexplorado. O herói abandona o ambiente familiar iniciando sua trajetória por um caminho onde tudo é novo, estranho, nada parece seguro ou garantido, não existem certezas e fórmulas prontas. As únicas referências são os próprios sentimentos e intuições. O medo está sempre presente experimentando sua coragem, mas, de uma forma inexplicável, ele percebe que algo oculto está a ajudá-lo. Esse caminho, por ser único, jamais foi percorrido por outra pessoa (pelo menos daquela forma). Trata-se de um trajeto repleto de obstáculos e provações, reais e imaginárias, que servem para testar o indivíduo, para saber se ele está realmente apto a ultrapassar as barreiras. O sucesso nesse

empreendimento dirá se ele está habilitado a ser um verdadeiro herói.

Depois de ultrapassadas todas as provas, a última etapa é o encontro com uma figura do sexo oposto num casamento místico. Para que isso seja possível, é necessário que o indivíduo seja dotado de um "coração gentil", no qual prevaleça a verdade e a delicadeza. "É o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor". (CAMPBELL, 2003, p.119). A porta de entrada, no entanto, encontra-se justamente naquele ponto em que o herói é fragilizado. É o final de um longo caminho de aventuras recheadas de árduos conflitos. É a hora se libertar da armadura, de se despir, de se limpar, de se entregar e de curar os ferimentos. É a hora daquele que foi até então pura fortaleza abrir seu coração.

Quando o herói se entrega, sinceramente, num encontro de amor verdadeiro, percebe que ele e o outro são um. Torna-se um indivíduo (não dividido), yin/yang, masculino e feminino unidos simbolicamente. Nessa união, o herói terá a redenção de suas feridas humanas e, justamente através desse casamento com seu oposto e complementar, ele terá acesso a um conhecimento inusitado, reservado aos que foram capazes de ultrapassar os limites da sensorialidade material do cotidiano na sua busca da verdade e do eterno. "Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança uma percepção que transcende todas as experiências da forma". (CAMPBELL, 2003, p.178). Ao herói verdadeiro, aos bem-aventurados, é revelada, por alguns instantes, a "máquina do mundo", as engrenagens infinitas que coordenam e comandam o movimento do cosmos – a Verdade Suprema - a forma imutável, eterna, a natureza essencial, que só os deuses conhecem.

Alcançada a iluminação, depois desse êxtase, o herói, transformado pela revelação, deve começar a fazer sua viagem de volta ao cotidiano, ao reino humano. Eis aí a última grande missão do herói para Campbell: como conviver com a mediocridade de uma sociedade mesquinha, hipócrita e de curta visão depois de ter sido apresentado a algo tão vasto? “Como comunicar, a pessoas que insistem na evidência exclusiva dos próprios sentidos, a mensagem do vazio gerador de todas as coisas?” (CAMPBELL, 2003, p.215). Seria mais fácil deixar tudo de lado e isolar-se, mas, para cumprir sua missão o herói deve resistir a esse choque do retorno.

O herói deve saber viver numa realidade dinâmica, que reside no ponto de encontro entre o mundo das essências, que lhe foi revelado, e o mundo das aparências da realidade objetiva cotidiana. A confluência desses dois mundos chama-se *símbolo* e o talento do herói está justamente na capacidade de enxergá-lo. Como o símbolo se trata de uma verdade em constante mutação, o saber do verdadeiro herói é nulo e reside justamente em saber que não sabe. O verdadeiro herói não é um ser vaidoso, pelo contrário, é um indivíduo cujas ambições pessoais foram inteiramente dissolvidas, por isso, age desinteressadamente. Ele não tenta viver, apenas vive livremente o seu destino, seja ele qual for. (CAMPBELL, 2003).

6.2 O processo de individuação

Essa mesma trajetória de iniciação percebida por Campbell na mitologia, Jung nomeou de processo de individuação. Em seus estudos sobre o inconsciente, Jung (1995) identificou evidências conclusivas que a simbologia do herói, presente em sonhos e fantasias, está diretamente ligada a impulsos instintivos da psique que não só determinam, como também exigem o desenvolvimento

pleno das potencialidades do indivíduo. Em alguns casos em que, além de ignorar, a pessoa inibe de forma unilateral essa tendência à realização plena individual, desperdiçando seus potenciais, o resultado pode ser desastroso:

> Quanto mais se alarga a brecha entre consciente e inconsciente, tanto mais iminente a cisão da personalidade, que no indivíduo com tendência neurótica leva à neurose, naquele com predisposição psicótica leva à esquizofrenia, à desintegração da personalidade. (JUNG, 1995, par.683).

Em outro texto Jung vai ainda além:

> Se o destino se encarregar de fazer a uma pessoa a exigência do autoconhecimento, e essa se recusar, neste caso a atitude negativa pode significar a morte real [...] O inconsciente tem mil caminhos para extinguir com surpreendente rapidez uma existência já sem sentido. (JUNG, 1990, par.340).

A totalidade da psique é composta por duas partes complementares, a consciência e o inconsciente. Por mais que tenhamos, naturalmente, uma inclinação a considerar reais apenas fenômenos observáveis e concretos, o estudo da psicologia comprova que conteúdos inconscientes, não só influenciam como muitas vezes dominam por completo a consciência (mesmo que essa não se aperceba desse fato), “especialmente quando se trata das questões principais da vida. O destino individual depende em grande parte de fatores inconscientes”. (JUNG, 2003, par.504). Como em nossa cultura ocidental não somos educados a ficarmos atentos às manifestações do inconsciente, se existe uma concordância entre as decisões que tomamos e nossas predisposições inconscientes, essas últimas acabam passando desapercebidas. No entanto, se existe uma desarmonia entre esses dois aspectos da psique, o indivíduo experimentará um conflito gerado pela ativação perturbadora do inconsciente em oposição a decisões que não lhe correspondem.

Seguindo as idéias propostas por Jung, von Franz ratifica que a psique possui um centro regulador (*Self*) de onde provêem orientações e impulsos ao indivíduo para seu desenvolvimento. “O quanto vai evoluir depende do desejo do ego de ouvir ou não as suas mensagens” (FRANZ, 1996, p.162). Von Franz argumenta, assim como Hillman (1997) em *O código do ser*, que cada um carrega dentro de si talentos únicos e exclusivos que, no entanto, podem permanecer ocultos e não se realizarem. Para que aconteça a consagração do destino individual, que segundo ela “é o maior empreendimento do homem” (FRANZ, 1996, p.163), o ego deve ser capaz de abrir mão de objetivos utilitaristas em benefício dessa intenção essencial da psique pela auto-realização.

Segundo Jung, não são todas as pessoas que estão atentas a esse “guia interior” e se deixam conduzir por ele: “o destino abre-se diante delas, confuso e com uma profusão de possibilidades. E no entanto só uma dessas possibilidades é a sua, o caminho certo”. (JUNG, 2002a, par.72). Para ele, quem aceita essa realidade e busca seu caminho particular, sem pretender realizar suas vontades racionais e sem se incomodar com opiniões alheias, é o verdadeiro herói. Jung faz, contudo, uma ressalva importante. Quase todas as pessoas que buscam ostentar feitos heróicos chamando atenção para si, são, na verdade, personalidades infantis ou escondem profundos complexos de inferioridade. É importante, portanto, que não se confunda uma coisa com a outra.

As poucas pessoas que têm coragem de seguir esse caminho único e individual, costumam parecer dotadas de um dom especial. No passado, como já vimos, dizia-se que eram possuídas por algum espírito sobrenatural, algum demônio (*daimon*). Para Jung, o *daimon* se manifesta no indivíduo como uma

> *designação*, [...] algo traçado pelo destino que impele a emancipar-se da massa gregária e seus caminhos desgastados pelo uso [...] Esta designação age como se fosse uma lei de Deus, da qual não é possível esquivar-se. (JUNG, 1986, par.300).

Essa é a única forma de se chegar à verdadeira personalidade, ou seja, ser si mesmo. De acordo com Jung (2002b), a verdadeira identidade não é a nossa consciência, não é a persona que apresentamos socialmente, nem aquilo que ambicionamos ser, mas sim algo desconhecido que está dentro de nós, em nosso inconsciente, intrínseco à nossa psique. Em seus estudos alquímicos, Jung (1994) a considera um tesouro oculto e difícil de ser alcançado.

Como vimos na tradição helênica, a pessoa que não resolvesse o enigma de sua existência era considerada perdida na vida. De modo semelhante, Campbell (2003) aponta que aquele que não atende ao chamado para seguir seu caminho único e individual está destinado a uma vida melancólica e sem sentido. Podemos notar também nas observações de Jung que a busca pela individuação não é algo opcional, pois faz parte da estrutura da psique. Trata-se, portanto, de *ser ou não ser* quem nascemos para ser.

Essa, no entanto, não é empreitada fácil, tendo em vista de que a *designação* que o indivíduo carrega em seu inconsciente exerce uma força muitas vezes contrária aos desejos conscientes. O processo de individuação se refere ao percurso da vida, no qual esse atrito inevitável entre consciência e inconsciente vai, em seu próprio tempo, dando forma a uma personalidade conjugada, não dividida, capaz de cultivar o equilíbrio das forças que a compõe.

Invariavelmente o processo inicia com uma renúncia, com uma entrega de poder. É necessário, como observou von Franz (1996), que a personalidade consciente “abra mão” do domínio do processo e

reconheça a atuação de forças inconscientes, muitas vezes em sentido contrário às suas pretensões. Desse modo, é possível notar que é “um jogador invisível [...] quem decide o jogo do destino e não a consciência e suas intenções”. (JUNG, 2002b, par.251). Ou seja, logo no início do processo, o *ego* leva um duro golpe ao perceber que apesar de ocupar um importante cargo executivo na psique, não “comanda o espetáculo”. Essa é a chamada “derrota do ego”. Em outros casos ela é vista como o “abandono do eu”. De uma forma ou de outra esse é um momento decisivo, pois nele o indivíduo deve conseguir se deixar seguir, se entregar à condução de uma outra instância da psique, abrindo assim a possibilidade para a manifestação de algo novo em sua vida, sobre o qual será constituída a nova personalidade. (JUNG, 2003).

A percepção disso, em geral, acontece após uma vivência desastrosa, na qual emergem sentimentos de colapso, de falência, de destruição, de impotência, de desorientação, desencadeando um processo característico de depressão: “o colapso da orientação consciente não é assunto negligenciável. Corresponde a um fim de mundo em miniatura”. (JUNG, 2002b, par.254). Pois é justamente sobre essa terra devastada que será possível construir algo novo, liberto das estruturas unilaterais deficientes previamente estabelecidas. Nessa ocasião o indivíduo tem uma dura prova: terá ele força para recomeçar? Às vezes essa vivência é tão avassaladora que o sujeito “desiste” de seu caminho e passa a restringir exageradamente suas atividades fazendo coisas muito aquém de suas capacidades. Essa fragilidade acaba fazendo com que ele desperdice seus potenciais. Mas, noutras vezes, essa experiência angustiante é assimilada de forma criativa, o que vem a fortalecer o ego e ampliar a consciência, contribuindo para estruturar a personalidade do sujeito tirando-o de uma posição anterior de onipotência. (BYINGTON, 1988).

Esse drama pessoal é amplamente descrito na mitologia, na alquimia, na literatura, no teatro e em outras artes como metáfora da morte, das trevas, ou ainda, da descida ao inferno. Ela figura como uma das etapas necessárias para o desenvolvimento pleno do indivíduo – o confronto com a sombra[1]. Edinger (2002) vincula essa fase à derrota e ao sofrimento, no entanto, aponta que dessa prova surge também a possibilidade de ressurreição, o renascimento, uma completa transformação da personalidade. Antes que isso aconteça, no entanto, a única alternativa possível é viver esse período com humildade, buscando compreender o sentido íntimo dessa passagem. De acordo com von Franz (1996), esse propósito oculto pode ser percebido em sonhos e fantasias inconscientes. Trata-se de: 1) conhecer aspectos da psique que estavam reprimidos ou não desenvolvidos e precisam ser integrados ou re-integrados à consciência; 2) aceitar novas possibilidades para a vida; ou ainda, os dois ao mesmo tempo. De qualquer forma, para seguir esse caminho é preciso muita coragem e determinação, ambas características típicas dos heróis.

Como vimos, o objetivo desse processo é a formação de uma personalidade conjugada, que represente a um só tempo as porções opostas e complementares (consciente e inconsciente) da psique, formando assim um todo não dividido, o indivíduo, daí o nome processo de individuação. Para um homem, a imagem clássica de seu oposto complementar é a figura da mulher e para uma mulher é a do

[1] A *sombra* é considerada o lado obscuro, inconsciente e não aceito da personalidade. São qualidades reprimidas ou não desenvolvidas que, por não estarem integradas à consciência, não são diretamente experimentadas pelo ego e acabam, freqüentemente, projetadas em outra pessoa. Como a *sombra* representa um conjunto de conteúdos não desenvolvidos, sua integração à consciência costuma ter um efeito transformador, uma metamorfose, em que se abre ao indivíduo, a possibilidade de uma nova possibilidade de vida. (STEIN, 2001). Os processos de depressão, falência, colapso, derrota, destruição, etc. mencionados acima, são representações simbólicas do confronto com a *sombra*, equivalentes a uma descida ao mundo dos mortos, mas que, se bem elaborados, conduzem à ressurreição, ao renascimento.

homem. Jung (2002b) constatou que no inconsciente do homem existem imagens femininas à quais chamou de anima que possibilitam ao homem obter informações sobre a natureza da mulher, mas que, acima de tudo, representam aspectos que faltam à sua consciência masculina e por isso têm a capacidade de completá-la. Inversamente, no inconsciente feminino habitam imagens masculinas (animus) que têm essa mesma função.

Anima e animus, no entanto, podem exercer papéis positivos ou negativos na psique, dependendo do grau de desenvolvimento individual. Como são imagens femininas (anima) e masculinas (animus), estão, num primeiro estágio, profundamente identificadas às nossas referências básicas de homem e mulher, ou seja, pai e mãe. Nesse aspecto, essas figuras podem dificultar e até impedir a evolução da personalidade, conforme bem ressaltou Freud em suas investigações sobre o *complexo de Édipo*. No entanto, depois de um trabalho profundo e intenso, uma vez superada essa limitação, anima e animus, passam a agir como parceiros íntimos da consciência fazendo a mediação com o Self[2], o ponto central da psique. (FRANZ, 1996).

A união entre ego e anima/animus é para a teoria junguiana o ponto culminante do trabalho psíquico. Trata-se da conjunção dos opostos, a *coniunctio*, que significa a união do *eu* com o *outro*, do consciente com o inconsciente, identificada, em muitos casos, pela imagem da cópula ou do casamento. Apenas mediante essa união será possível

[2] Jung definiu o *Self* como o fator governador da psique, um ponto central que representa sua totalidade ou unidade, englobando os conteúdos conscientes e inconscientes. O *Self* também é entendido como um fator psíquico que orienta o indivíduo, por meio de uma ordem secreta, em direção ao seu pleno desenvolvimento. O ego deve estar atento e ser capaz de seguir essa orientação. Várias culturas, em diferentes momentos da história, representaram simbolicamente o *Self* como o Homem Cósmico ou o Anthropos. O processo em direção à essa meta, foi denominado por Jung de processo de individuação. (JUNG, 1996).

atingir a meta da individuação: a personalidade integrada como representação da totalidade do indivíduo. Isso, no entanto, não quer dizer que o trabalho termine nesse ponto. Pelo contrário. A vida por si só trará conflitos que experimentarão a nova estrutura psíquica do indivíduo e

> ele não deverá desanimar por ter de examinar sempre de novo onde sua atitude ainda tem falhas e quais são os pontos cegos no seu campo visual psíquico. [...] Devemos sempre de novo recomeçar tudo outra vez. (JUNG, 1990, par.413).

Essa etapa, na qual a nova personalidade é testada, é denominada *coniunctio* inferior por representar uma união ainda não estável entre o *eu* e o *outro*. As sucessivas provas servem tanto para verificar se o vínculo está estabelecido de forma adequada e satisfatória quanto para estimular seu aperfeiçoamento. Esse processo contínuo opera como um purificador, depurando o indivíduo e deixando-o em condições de vivenciar a etapa final, a *coniunctio* superior. (EDINGER, 2002).

Nesse último estágio o indivíduo realizaria a união dos opostos e se tornaria *Um*. Isso significa que seu ego estaria em perfeita consonância com o centro unificador da psique (Self), portanto, não haveria mais divisão interna nem externa. Não haveria mais conflitos. A transformação estaria completa. Ele se tornaria um verdadeiro Herói, um *Homem Cósmico*, passando a viver de acordo com a lei que rege a si e a todo o universo, ou seja, um microcosmo harmônico ao macrocosmo, ou um *Anthropos* como diziam os gregos. No entanto, segundo o próprio Jung (1990), esse é um processo nunca acabado.

Feitas essas observações, podemos passar a'Os Lusíadas no qual as etapas desse processo serão vistas com mais detalhes.

7. Análise de *Os Lusíadas*

7.1 Leitura de Camões

"Importa tomar consciência de que a obra de Camões é difícil" afirma Maria Vitalina Leal de Matos (1981, p.211), professora catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Segundo a autora, a dificuldade de ler Camões se dá pelos seguintes motivos:

1) extrema complexidade da poesia
2) obscuridade do texto
3) difícil interpretação, não apenas pelo estilo culto e erudito, mas principalmente pelo contexto mitológico, distante de nossa realidade, que faz dele um texto hermético, impenetrável para quem não possua certos conhecimentos
4) necessidade de estar familiarizado com o platonismo

O resultado dessa dificuldade é que raramente se lê Camões. Em seu lugar lê-se camonistas, ou seja, faz-se uma leitura das leituras, o que para Matos representa um desvio de atenção. Segundo ela, um texto como esse só pode ser compreendido por meio de uma leitura continuada e autônoma.

Apesar da crítica que faz Matos àqueles que lêem Camões somente em segunda mão, dada a dificuldade de interpretação d'*Os Lusíadas*, as críticas e obras introdutórias são de grande valia para quem pretende fazer uma leitura cuidadosa do texto original. Para este estudo os principais estudiosos de Camões consultados foram: Hernani Cidade (2001) (professor da Faculdade de Letras de Lisboa e do Porto) e seu livro *Luis de Camões – O Épico* que dá um bom panorama geral da obra; Vitor Manuel de Aguiar e Silva (1999) (catedrático na Faculdade de Letras de Coimbra) que em *Camões:*

Labirintos e Fascínios apresenta, entre outras coisas, uma leitura sobre o significado do episódio da Ilha dos Amores e do mito de *Actéon*; Cleonice Berardinelli (2000) (professora emérita da UFRJ e professora titular de Literatura Portuguesa na PUC-Rio) que em *Estudos Camonianos*, apresenta vários aspectos da obra e, especialmente, uma leitura do gigante Adamastor; Ivan Teixeira (1999) (doutor em Literatura Brasileira pela FFLCH-USP e professor da Escola de Comunicações e Artes da USP) que em *Os Lusíadas*, faz uma excelente introdução à obra camoniana. A respeito da mitologia n'*Os Lusíadas*, Jorge Campos Tavares (1992) publicou uma obra composta por um dicionário de mitologia e pequenas notas explicativas, não muito aprofundadas, referentes aos trechos da obra de Camões que citam divindades. Ainda sobre a questão da mitologia, a tese de doutorado de Bianca Morganti (2003) na Unicamp, faz um balanço histórico-crítico da polêmica intelectual sobre a questão da mitologia na obra de Camões. Foi também de grande valia a edição d'*Os Lusíadas* de Camões (1972) comentada pelo lingüista e filólogo Augusto Epifânio da Silva Dias, considerado um dos maiores helenistas de Portugal em sua época (1841-1916).

A quantidade e a variedade das obras publicadas a respeito d'*Os Lusíadas* é muito grande. Isso é bem ilustrado num parágrafo de Jorge de Sena (1970), engenheiro e doutor em literatura portuguesa, que se tornou um importante camoniano e que publicou uma obra de referência denominada *A estrutura de Os Lusíadas*. Antes de aplicar seus dons de engenheiro para metrificar a obra de Camões usando funções matemáticas de alta complexidade, Sena declarou:

> De Os Lusíadas tem-se estudado tudo: a fauna e flora, a astronomia, a geologia e vastamente as "fontes". Tem-se discutido se é ou não um poema épico, se o papel do maravilhoso é feliz ou infeliz artisticamente, e a última moda é que, de tão feliz, as personagens de carne e osso são as que não tem, a

> comparar com os "deuses", carne e osso nenhuns. (SENA, 1970, p.57).

Das tantas e tantas leituras de Camões, uma obra genial de 1934 deve ser destacada: *Mensagem* de Fernando Pessoa. *Mensagem* é uma releitura, uma espécie de “remake” d’*Os Lusíadas* traduzido para o século XX. A linguagem de Camões havia ficado ultrapassada para nossa época apressada e Pessoa deu uma nova dinâmica ao texto, sem prejuízo de seu conteúdo. O texto de *Mensagem*, igualmente iniciático, só é revelado para aqueles que tiverem condições de compreendê-lo. Em nota preliminar, Pessoa (1997) afirma que, para se entender o sentido simbólico de seu poema são necessários simpatia, intuição, inteligência, compreensão e, por fim, a graça divina. O poema é dividido em 3 partes: *Brasão*, *Mar Português* e *O Encoberto*. A primeira parte, assim como o canto III d’*Os Lusíadas*, se refere ao passado glorioso de Portugal. Em *Mar Português* encontramos o verso “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce” (PESSOA, 1997, p.78), sobre o sonho do Rei de Portugal; encontramos também o poema *O Monstrengo*, sobre o gigante Adamastor. Ainda na segunda parte estão os famosos versos “Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal!”, que ilustram a despedida na praia do Restelo. (PESSOA, 1997, p.82). Na terceira e última parte, *O Encoberto*, encontramos *As Ilhas Afortunadas* e na última estrofe do livro, Pessoa (1997, p.89) reafirma o lamento de Camões: “ninguém sabe que coisa quer, ninguém conhece a alma que tem, nem o que é o mal e o que é o bem”.

Finalmente, deve ainda ser citado um breve estudo de Helder Macedo (1980): *Camões e a Viagem Iniciática*. O autor baseia-se em Joseph Campbell para definir a estrutura mítica do poema camoniano e dá especial atenção para as figuras de Baco, do gigante Adamastor e ao episódio da Ilha dos Amores. Segundo ele, tanto Camões n’*Os*

Lusíadas, quanto Fernando Pessoa na *Mensagem*, utilizam o modelo iniciático que serve para a “transformação de um presente degradado num futuro regenerado" (MACEDO, 1980, p.38).

“Que enfim Camões seja lido porque nenhuma apologia pode substituir a maravilha da descoberta de sua obra”. (MATOS, 1981, p.217).

7.2 Introdução a’*Os Lusíadas*

Durante quase todo o século XV, Portugal vinha tentando encontrar uma rota alternativa de comércio com o Oriente para quebrar o poderoso cartel que dominava o antigo caminho das arábias. O excesso de pedágios e atravessadores fazia com que produtos essenciais para o tempero e preservação de alimentos - as especiarias - chegassem à Europa a preços proibitivos. Furar esse bloqueio não era fácil e para dificultar ainda mais as coisas, quadrilhas organizadas ameaçavam a vida de quem circulasse por aquele caminho. O perigo era tanto que até mesmo mercadores venezianos, que participavam desse esquema comercial, não se arriscavam a trafegar por ali, restringindo seu contato com o Oriente aos portos do Mediterrâneo. (ZWEIG, 1938).

As autoridades geográficas daquela época garantiam que o oceano Atlântico era infinito e intransitável, no entanto, D. Henrique contrariava essa idéia e apostava que a única alternativa viável para atingir o Oriente era a circunavegação do continente africano. Ele acreditava que se conseguisse estabelecer essa rota, transformaria a pequena Portugal numa nação comercial rica e prestigiosa.

Apesar de contestações, afirma-se que esse monarca manteve no cabo de Sagres, uma equipe multidisciplinar de sábios e especialistas que desenvolviam instrumentos, embarcações, técnicas de navegação, mapas etc. Durante décadas essa escola formou capitães e enviou frotas que alcançavam pontos cada vez mais longínquos da costa africana. D. Henrique não chegou a ver o resultado de seu investimento, mas o projeto não foi abandonado por seus herdeiros. Em 1471, depois de décadas de trabalho intenso, os portugueses conseguiram chegar à linha imaginária do Equador; em 1484 alcançaram o Congo e, em 1486, a frota de Bartolomeu Dias dobrou o assustador Cabo das Tormentas, o último grande obstáculo para a concretização daquele sonho. (ZWEIG, 1938).

Em 1497 Vasco da Gama partiu para a histórica viagem na qual conseguiu estabelecer contato com o Oriente. Em pouco tempo, produtos vindos da Índia começavam a jorrar nas docas de Portugal custando menos de um quinto do que cobravam os venezianos. (BOORSTIN, 1994). O resultado disso já era esperado: “Portugal converte-se da noite para o dia na sensação do mundo” (ZWEIG, 1938, p.33), passando a controlar uma área territorial mais extensa do que o Império Romano em seu auge. “Como a Grécia de Péricles, a Inglaterra de Isabel e a França de Napoleão [...], Portugal é a primeira nação da Europa, a condutora da humanidade”. (ZWEIG, 1938, p.35).

Camões viveu intensamente o triunfo português. Conduzido por seu espírito inquieto, como soldado, navegou pela rota inaugurada por Vasco da Gama e morou parte de sua vida no Oriente. Por outro lado, sua formação acadêmica, seguramente sintônica ao ideal renascentista, permitiu que o poeta não apenas conhecesse as obras dos principais poetas da antiguidade, como também fosse inspirado por elas a dedicar sua vida à criação de um poema que pudesse

instruir seu povo. *Os Lusíadas*, além de eternizar a glória de Portugal e contar em versos a história deste país, traz na sólida base de sua estrutura, a exemplo da *Ilíada* e da *Odisséia*, o tema da jornada do herói, e é justamente este último aspecto da obra que pretendemos comunicar.

Os Lusíadas é narrado em 10 cantos que contem, em média, 110 estrofes cada um. As estrofes são todas compostas de 8 versos, sendo que o primeiro rima com o terceiro e o quinto; o segundo rima com o quarto e o sexto; por fim, sétimo e oitavo versos rimam entre si:

1 - As armas e os barões assinalados
2 - Que da Ocidental praia Lusitana,
3 - Por mares nunca de antes navegados,
4 - Passaram ainda além da Taprobana,
5 - E em perigos e guerras esforçados
6 - Mais do que prometia a força humana,
7 - Entre gente remota edificaram
8 - Novo Reino, que tanto sublimaram. (I,1)

O poema foi publicado no ano de 1572, após Camões ter lido pessoalmente o texto ao Rei D. Sebastião. Graças ao esforço sobre humano deste poeta, temos hoje, na nossa língua portuguesa, um monumento literário equivalente aos de Homero, Virgílio, Dante, Cervantes e Shakespeare.

7.3 Plano geral do texto

Após anunciar que cantará os feitos lusitanos, e de narrar o concílio dos deuses, que debatiam o sentido e a ousadia daquela empresa, Camões começa a descrição da viagem já no Oceano Índico, com as naus chegando a Mombaça na costa leste da África. Estavam em busca de um piloto que pudesse levá-los às Índias.

Em Mombaça escapam milagrosamente de uma armadilha, cuja intenção era sacrificar toda a tripulação. Seguem então para Melinde, onde são bem recebidos, e o Rei pede ao Gama que conte a história de Portugal.

Gama inicia a narração tratando da geografia e da história destacando batalhas e o episódio de Inês de Castro. Prossegue falando das batalhas, que eram sempre contra os castelhanos ou os mouros, até o reinado de D. Manuel em que se realizou o sonho de alcançar as Índias. Gama narra sua contratação e comprometimento com o empreendimento, depois prossegue relatando a partida na praia do Restelo. Neste trecho o poeta inclui o personagem do velho do Restelo, que fala com veemência, mencionando a vaidade e a imprudência daquela viagem. Gama continua e descreve a passagem pelo Cabo das Tormentas no qual Camões imaginou a terrível tempestade chamada Gigante Adamastor.

Após a tempestade, seguiram caminho até chegar à Melinde onde termina o relato do Gama. Abastecidos e acompanhados de hábeis e honestos pilotos, seguem viagem atravessando o oceano Índico para chegar à tão sonhada Índia. Nesse país foram recebidos por pescadores e um mercador que falava português e passou servir de intérprete.

O Rei, sabendo da presença dos portugueses enviou uma comitiva para receber o Capitão Gama. Entraram no palácio e foram recebidos pelo Samorim. Gama então se apresenta dizendo ao monarca indiano palavras de respeito e da intenção da corte portuguesa de estabelecer vínculos com aquele povo.

Na viagem de retorno, Camões insere a famosa passagem da Ilha dos Amores, na qual os navegantes amam musas orientadas por Vênus e, ao capitão Gama, é apresentada a Máquina do Mundo. Camões finaliza o texto descrevendo as impressões da chegada a Portugal.

Neste estudo, examinaremos alguns episódios da obra ordenados numa seqüência cronológica. Veremos *A partida*, *O gigante Adamastor*, *O caminho de provas e a interferência divina*, *Chegada ao Oriente* e, por fim, *O retorno - a ilha dos amores*. Antes disso abordaremos dois aspectos importantes do texto: sua estrutura correspondente à jornada do herói e o significado simbólico da viagem ao Oriente.

7.4 *Os Lusíadas* e a jornada do herói

O tema da viagem acompanha a humanidade desde os tempos mais remotos. Sair do conforto, da segurança do mundo conhecido, para enfrentar o medo, o perigo, o mistério e conhecer o outro. Essa é a proposta aventurosa de toda peregrinação. Inúmeras vezes retratada na literatura, nas lendas e nos mitos, a partida rumo ao desconhecido representa, como vimos em Campbell (2003), a jornada do herói, ou, o processo de individuação de Jung (1994).

A *Odisséia* de Homero, que serviu de base para *Os Lusíadas,* por exemplo, narra o caminho de provas pelas quais Odisseu teve que passar para conseguir retornar a Ítaca, o seu lugar no mundo. Possidon pôs à prova a glória de Odisseu, que havia dado a vitória aos gregos na guerra de Tróia tendo criado o famoso estratagema do cavalo. Essa narrativa descreve as vivências necessárias ao aperfeiçoamento espiritual de Odisseu, que saiu um e retornou outro.

A *Odisséia* é um rito de passagem, a regeneração e transformação de Odisseu.

Vimos em Campbell (2003) que a trajetória do herói obedece a formula dos ritos iniciáticos: separação, iniciação e retorno. Esse padrão está bem demarcado n'Os *Lusíadas* como demonstraremos:

Segundo ele, a aventura inicia com um "chamado", e este podemos encontrar no Canto IV.

Me põe o inclito Rei nas mãos a chave
Deste cometimento grande e grave. (IV, 77)

O Rei sabia que esse trabalho transformaria o Gama num herói, por isso, na estrofe seguinte ele menciona a imortalidade, que é a meta do herói:

As coisas árduas e lustrosas
Se alcançarão com trabalho e com fadiga;
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga,
Que quando o medo infame não se rende,
Então se menos dura, mais se estende. (IV, 78)

O Rei formalizou então o chamado:

Eu vos tenho entre todos escolhido
Para uma empresa, qual a vós se deve,
Trabalho ilustre duro e esclarecido,
O que eu sei que por mi vos será leve. (IV, 79)

Campbell (2003) diz que se o chamado é aceito, inicia-se uma longa jornada por um mundo desconhecido e inexplorado, cheio de aventuras, o *caminho de provas,* coisa que Gama reconheceu imediatamente citando Hércules, o herói embrutecido que alcançou a imortalidade por meio de seus doze trabalhos:

Ó Rei subido,

Aventurar-me a ferro, a fogo e a neve,
É tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida coisa tão pequena. (IV, 79)

Imaginai tamanhas aventuras,
Quais Euristeu a Alcides inventava,
O leão Cleoneo, Harpias duras,
O porco de Erimanto, a hidra brava,
Descer enfim às sombras vans e escuras,
Onde os campos de Dite a Estige lava;
Porque a maior perigo, a mor afronta,
Por vós ó rei, o espírito e a carne é pronta. (IV, 80)

Outra característica marcante evidenciada por Campbell (2003) é o auxílio sobrenatural ao herói e isso também está presente em toda a narrativa d'Os *Lusíadas.* É interessante ressaltar que apesar da influência da Igreja Católica, Camões inseriu em seu texto os deuses da antiguidade. No início do Canto I, está o trecho conhecido como *Conselho dos Deuses* que se estende da 20ª à 41ª estrofe. Nele, Júpiter, Vênus e Apolo se colocam a favor dos navegantes portugueses:

Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em conselho glorioso
Sobre as coisas futuras do Oriente. [...] (I, 20)

Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra que deseja. (I, 28)

E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão ásperos perigos,
Tantos climas e céus experimentados,
Tanto furor de ventos inimigos
Que sejam, determino, agasalhados,
Nesta costa Africana como amigos,
E tendo guarnecida a lassa frota
Tornarão a seguir sua longa rota. (I, 29)

Estas palavras Júpiter dizia,
Na sentença um do outro diferia
Razões diversas dando e recebendo. (I, 30)

O caminho de provas que daí se segue, serve para testar o indivíduo, para saber se ele está apto a ser um verdadeiro herói. Dentre esses

obstáculos, o principal é o do gigante Adamastor, ao qual dedicamos um capítulo.

Campbell (2003, p.111) observa também que, depois de ultrapassadas todas essas as provas, a última aventura "costuma ser representada como um casamento místico". Veremos, noutro capítulo exclusivo, que Camões dedicou boa parte de seu texto à chamada *Ilha dos Amores,* na qual os nautas amam as musas devidamente instruídas por Vênus.

"Por fim, a mente quebra a esfera limitadora do cosmo e alcança uma percepção que transcende todas as experiências da forma". (CAMPBELL, 2003, p.178). Ao herói verdadeiro são reveladas as engrenagens infinitas que coordenam e comandam o universo, passagem que também encontraremos claramente no episódio da *Máquina do Mundo* (trecho da Ilha dos Amores) que é revelada ao Gama pela deusa Tethys nos Cantos IX e X. Essa passagem, como veremos, é uma representação simbólica da aproximação do herói com a totalidade da psique, o Self.

Depois desse êxtase, o herói, deve conseguir retornar ao cotidiano. Essa é a última grande missão na opinião de Campbell (2003), porque o herói retorna com uma visão de mundo diferenciada e o que ele encontra na sua volta é uma sociedade fundada em valores que para ele agora são pequenos e mesquinhos. Para cumprir sua missão o herói deve resistir a esse choque e Camões encerrou a narrativa no Canto X com um desabafo que confirma essa dificuldade de comunicação:

No'mais, Musa, no'mais, que a Lyra tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,

Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza. (X, 145)

Esses elementos e tudo o que será apresentado nas interpretações dos episódios, são evidências contundentes da intenção de Camões de versar sobre a trajetória do herói.

7.5 O significado simbólico da viagem ao Oriente

No início do texto, Camões declara que cantará a glória dos heróis, "aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando" (I, 2). Profundo conhecedor dos textos gregos, e como poeta que era, conhecia Hesíodo e o *Mito das Raças* que, como já expusemos, define os heróis como aqueles que conseguem sair da condição mortal e degenerada da *Raça de Ferro* e retornar à *Raça de Ouro*, imortal, depois de uma longa jornada de purificação e aperfeiçoamento da alma. Essa transformação do ferro em ouro é equivalente ao processo alquímico descrito por Jung que acabou por conduzi-lo ao conceito básico de toda sua psicologia: o processo de individuação. (JUNG, 1998).

Nesse sentido, a busca do Oriente acrescenta um significado simbólico muito especial, porque, conforme menciona Borges (2004, p.260), "na palavra 'Oriente' sentimos a palavra ouro, já que quando amanhece vê-se o céu de ouro". Oriente vem do latim, o local do sol nascente (MACHADO, 2003) da aurora, a hora dourada, conhecida na alquimia como a anunciadora do fim da noite e do despertar de uma nova vida (ROOB, 1997). Ligado a Oriente está também "origem", fonte, princípio, proveniência. O famoso enigma da esfinge propunha a seguinte questão: Quem é você? De onde vêm? Para onde vai? Édipo era aquele que desconhecia sua origem e por isso cometeu os

mais medonhos crimes. Conhecer a própria origem na antiguidade não significava conhecer apenas sua filiação, era, acima de tudo, conhecer a origem divina do ser humano, o seu *daimon* (VERNANT, 2002b), considerado muito adequadamente pela psicologia analítica como Self (FRANZ, 1996) pois, “know thy Self” - conhece-te a ti mesmo – era a frase que exprimia a busca da verdadeira identidade, do ouro espiritual. De Oriente vem também orientar, encaminhar, encontrar o rumo, o sentido. Lembremos que na antiguidade aquele que não conseguisse resolver o enigma de sua existência era considerado um sujeito perdido. Sua vida seria uma vida sem sentido, sem direção, ou seja, uma pessoa desorientada. Pois bem, enquanto a busca do Oriente está ligada simbolicamente à busca do ouro imaterial, do sentido da vida, da porção divina e imortal do ser humano (*daimon*), o Ocidente, ao contrário, está ligado ao poente, à morte, à queda, à ruína, a *occidere*, de onde vem também oxidar, enferrujar, muito próprio da raça de ferro. (PORTO, 2001). Portanto, sair do Ocidente em busca do Oriente, era, simbolicamente, o mesmo que sair do ferro em busca do ouro, e aqueles que conseguissem realizar esse feito seriam considerados heróis imortais.

7.6 Análise da obra

7.6.1 A partida

Na introdução mencionamos que empreendedores não têm por hábito considerar que aspectos inconscientes atuam em seus empreendimentos. N'*Os Lusíadas* podemos notar que Camões defende justamente o contrário: que no Olimpo luminoso está o governo da humana gente (I, 20). Para ele, além da participação constante de divindades em toda a trajetória, foi justamente num sonho que tudo começou.

O poeta, como sabemos, faz uso de alegorias para revelar as forças atuantes na nossa realidade concreta, nesse sentido, existe uma estreita correlação entre a visão de Camões e os impulsos instintivos da psique, principalmente aquele que clama pelo desenvolvimento pleno das potencialidades do indivíduo, o "instinto" de individuação:

Estando já deitado no áureo leito,
Onde imaginações mais certas são,
[...]
Os olhos lhe ocupou o sono aceito
Sem lhe desocupar o coração
Porque tanto que lasso se adormece,
Morfeu em várias formas lhe aparece. (IV, 68)

O Rei de Portugal tem um sonho no qual *Morfeu* lhe aparece como dois homens velhos, os rios Indo e Ganges, que dizem ao monarca que chegou a hora de conhecer esse novo mundo misterioso:

"Eu sou o ilustre Ganges, que na terra
Celeste tenho berço verdadeiro;
Este outro é o Indo, Rei que nesta serra,
Que vês, seu nascimento tem primeiro.
Custar-te–emos contudo dura guerra;
Mas insistindo tu, por derradeiro
Com não vistas vitórias, sem receio,
A quantas gentes vês, porás o freio." (IV,74)

Não disse mais o rio ilustre e santo;
Mas ambos desaparecem num momento:
Acorda Emanuel com um novo espanto
E grande alteração de pensamento.
Estendeu nisto Febo o claro manto
Pelo escuro hemisfério sonolento;
Veio a manhã no céu pintando as cores
De pudibunda rosa e roxas flores. (IV,75)

Camões inseriu nesse trecho a imagem da aurora apolínea, metáfora da revelação da inevitável vontade de *Zeus* (COTTERELL, 1988), que pode ser interpretado psicologicamente como o chamado para a consagração do destino individual, conforme demonstramos no capítulo a respeito do processo de individuação. *Febo* (*Apolo*) ilumina o "escuro hemisfério sonolento", que segundo a filosofia platônica, é o mundo dos fenômenos, a nossa realidade concreta (alegoria da caverna). (PLATÃO, 1996). Para Jung (1986), o nascer do sol está ligado à *iluminação*, à inspiração, ao momento em que o herói desperta para uma nova vida. De fato, o Rei Emanuel acorda com "grande alteração de pensamento", determinado empreender a missão de chegar ao Oriente. Não hesita em convocar seus conselheiros e apresentar-lhes sua visão, "que a todos foram de grande admiração" (IV, 76). Fica claro que a vocação, o chamado, não passou despercebido.

Depois do Rei convocar o Gama e de serem escolhidos seus companheiros, ainda no canto IV, a cena muda para a praia do Restelo, a praia das lágrimas, onde uma pequena multidão de parentes, amigos e curiosos, se reuniu para assistir a despedida dos navegantes.

A gente da cidade aquele dia,
Uns por amigos, outros por parentes,
Outros por ver somente, concorria,
Saudosos na vista e descontentes. (IV,88)
[...]

Em tão longo caminho e duvidoso

Por perdidos as gentes nos julgavam
As mulheres com um choro piedoso,
Os homens com suspiros que arrancavam;
Mães, esposas, irmãs – que o temeroso
Amor mais desconfia – acrescentavam
A desesperação e frio medo
De já nos não tornar a ver tão cedo. (IV,89)

Mães em desespero viam seus filhos caminhando para a morte virando mantimento de peixes, ou, em idade avançada, não esperavam ver seus filhos outra vez. Esposas, com corações partidos viam seus amores indo embora com os ventos que sopravam as velas! Todos participavam da comovida despedida na praia do Restelo.

Partir, separar, romper, são eventos marcantes em que ocorrem profundas transformações na vida. O momento da partida, representa uma morte simbólica em que o pretendente a herói deixa para trás uma vida conhecida, confortável, segura e garantida, e vai ao encontro da vastidão, do novo, do mistério, do desconhecido. Este é o início da jornada do herói pela busca de sua verdade, da realização da sua vida única e diferenciada, o seu processo de individuação.

O mito do Príncipe Sidarta é um bom exemplo disso. Filho do rei na cidade de Kapilavastu, no noroeste da Índia, era casado com uma prima e vivia num luxuoso palácio imperial. Aos 29 anos decidiu partir em busca da Verdade. Saiu do palácio deixando para trás mulher, filho e todas as suas propriedades materiais, se tornando um mendigo. Depois, iluminado, Sidarta é transformado no Buda.

Vasco da Gama e seus companheiros caminhavam às caravelas a passos lentos, como homens que arquejantes carregavam a pesada Cruz de seus destinos:

E nós com a virtuosa companhia

De mil religiosos diligentes
Em procissão solene a Deus orando
Para os batéis viemos caminhando. (IV, 88)

A cruz acompanharia o destino desses homens sendo estampada nas velas dos barcos. Como cristãos, certamente sabiam o que este símbolo significava: a morte e a ressurreição de Cristo, a quem tinham como exemplo.

> Não pensem que eu vim trazer paz ao mundo. Não vim trazer paz, mas a espada. Eu vim para pôr os filhos contra os pais, as filhas contra as mães e as noras contra as sogras. E assim os piores inimigos de qualquer pessoa serão os seus próprios parentes. Quem ama o seu pai ou a sua mãe mais do que a mim não serve para ser meu seguidor. Quem ama o seu filho ou a sua filha mais do que a mim não serve para ser meu seguidor. Só pode ser meu seguidor quem pega a sua cruz e me segue. Quem se esforçar para conservar a sua vida vai perdê-la. E quem perder a sua vida por minha causa vai achá-la. (Mt 10:34-39)

Estas brilhantes palavras do evangelho de São Mateus mostram o momento em que o herói deve conseguir romper os grilhões que o prendem à coletividade, daí a necessidade da espada, que é a principal arma do herói. Símbolo essencialmente guerreiro, de proteção e conquista, a espada está relacionada à justiça, à distinção entre o bem e o mal, portanto, à capacidade discriminatória da consciência. Saber conviver com a incerteza de um mundo em que, já versava Hesíodo (2002), males e bens estão misturados, é uma das tarefas do herói em seu labiríntico caminho desconhecido e incerto.

Ao deixarem tudo para trás, mães, pais, mulheres, filhos, conforto e, principalmente, um mundo seguro e garantido, aqueles marinheiros estavam partindo para uma morte simbólica, porque quando retornassem, como Odisseu, já não seriam mais os mesmos.

Pouco antes de embarcarem, Camões incluiu um personagem especial. Um velho honrado e de muita sabedoria, que falava com

veemência, num discurso inflamado, alertando para a vaidade, o descomedimento e a ambição.

"O glória de mandar! O vã cobiça
Desta vaidade a quem chamamos fama!
O fraudulento gosto que se atiça
Com uma aura popular que honra se chama!
Que castigo tamanho e que justiça
Fazes no peito vão que muito te ama!
Que mortes que perigos, que tormentas,
Que crueldades neles experimentas! (IV, 95)

Dura inquietação da alma e da vida,
Fonte de desamparos e adultérios,
Sagaz consumidora conhecida
De fazendas, de reinos e de impérios!
Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
Sendo digna de infames vitupérios;
Chamam-te fama e glória soberana,
Nomes com quem se o povo néscio engana! (IV, 96)

[...]
Que promessas de reinos e de minas
De ouro, que lhe farás tão facilmente?
Que famas lhe prometerás, que histórias,
Que triunfos, que palmas, que vitórias? (IV, 97)

Esse episódio poderia ser entendido como uma resistência do "velho", do *status quo*, em aceitar o "novo" o revolucionário, demonstrando duas forças poderosas e antagônicas que atuam em nossa psique (*Puer* vs. *Senex*). No entanto, a figura de Prometeu e o mito das raças de Hesíodo, explicitamente citados pelo poeta no trecho a seguir, revelam um sentido mais preciso dessa passagem:

Mas ó tu, geração daquele insano
Cujo pecado e desobediência
Não somente do reino soberano
Te pos neste desterro e triste ausência
Mas inda de outro estado mais que humano,
Da quieta e simples inocência
Da idade de ouro, tanto te privou,
Que na de ferro e de armas te deitou. (IV, 98)

[...]

Trouxe o filho de Japeto do céu

O fogo que ajuntou ao peito humano,
Fogo que o mundo em armas ascendeu,
Em mortes, em desonras – grande engano!-
Quanto melhor nos fora, Prometeu,
E quanto para o mundo menos dano,
Que tua estátua ilustre não tivera
Fogo de altos desejos que movera! (IV,103)

É importante notar as palavras usadas acima pelo poeta para qualificar Prometeu e sua relação com a humanidade. Diferente de muitas leituras que consideram esse titã como um benfeitor da humanidade, Camões se mantém fiel à tradição arcaica e atribui a ele não a elevação do homem, mas justamente o contrário - a sua decadência. A trapaça mítica de Prometeu no ritual de sacrifício a Zeus, marca a separação entre homens e deuses, a renúncia do sagrado, representada simbolicamente pela queda da humanidade da raça de ouro para a de prata. A *Dike* (justiça, justa medida) é abandonada e nasce o império da *Hybris*, o desvario. Com Prometeu, os homens adquiriram a engenhosidade, mas não a medida de seu uso. "Louco Excesso (Hybris) não podiam conter em si, nem aos imortais queriam servir", cantava Hesíodo (2002, p.31) a respeito nova raça de homens. Para esse poeta, como observa Brandão (2001), a partir de Prometeu a elevação do homem somente poderia ocorrer mediante o caminho do herói, seguido por aqueles que buscavam o sagrado respeitando seus limites e aceitando se submeter à *Dike*.

Segundo Vernant (2002, p.318), Zeus representava a manutenção da ordem e da justiça ao paço que

> a inteligência de Prometeu parece feita, pelo contrário de cálculo e de astúcia, de "pensamentos fraudulentos". Sua previdência prepara freqüentemente um engano. Aliás, sua astúcia provoca catástrofes que se voltam por fim contra ele.

A correspondência psicológica dessa disputa entre Zeus e Prometeu poderia ser considerada como o embate entre Ego e Self pelo

governo da psique. O caráter prometeico seria equivalente à atitude unilateral do Ego e a reconciliação entre eles, que para Hesíodo ocorre mediante o caminho do herói (lembremos que foi Hércules quem libertou Prometeu), na psicologia analítica ela acontece pelo processo de individuação.

Ao tentar enganar Zeus, Prometeu inaugura a ambigüidade. A aparência deixa de exprimir a verdade, surgindo assim o par persona e sombra. Desta forma, o explorador, aquele que busca conhecer um novo mundo, é também aquele que engana maldosamente, que se aproveita do outro, que procura dominar os povos que encontra pelo caminho, como de fato aconteceu.

Silenciados pelo sábio sermão do velho do Restelo, os navegantes seguiram para os barcos de cabeças baixas para não cruzarem olhares com familiares. Uma vez embarcados, aqueles homens, determinados, soltaram as amarras, e vagarosamente deslizaram pela foz do rio Tejo em direção ao desconhecido. Deixaram o conforto e a segurança para irem em busca do que acreditavam. Algum tempo depois, já afastados da terra, só o que viam era o infinito oceano sem fronteiras.

Ficava-nos também na amada terra
O coração, que as magoas que lá deixavam;
E já depois que toda se escondeu,
Não vimos mais em fim que mar e céu. (V:3)

Vimos nesse capítulo que o empreendimento foi fruto de um impulso inconsciente, um chamado que o poeta narrou alegoricamente como a aurora apolínea. Na despedida da praia do Restelo apontamos a partida do herói abandonando uma vida conhecida, conveniente e supostamente garantida, em benefício da busca do próprio ser, ou seja, da realização de seu destino individual. Por fim, os conselhos do

Velho do Restelo, alertando para o instinto prometeico, a engenhosidade sem justa medida, a atitude unilateral que acaba fazendo sofrer o próprio indivíduo. Por fim, o velho sábio alerta para o perigo da vaidade, do desejo de sucesso e fama que desviam o herói de sua meta.

Nesta primeira parte da viagem os nautas costearam o oeste da África sem grandes transtornos conhecendo novas terras e povos. Essa tranqüilidade, no entanto, diminuía à medida que se aproximavam do extremo sul do continente africano.

7.6.2 O gigante Adamastor

As forças inconscientes, isto é, os conteúdos psíquicos que não são percebidos pelo ego, possuem um papel essencial na psicologia.

Nosso primeiro contato com o outro (interno ou externo), como uma criança na presença de um estranho, vem geralmente acompanhado do medo do desconhecido. “Trata-se do medo do mundo, uma vez que esse mundo é invisível”. (JUNG, 2002b par. 324). Fantasmas e monstros são, por excelência, figuras que representam esta presença terrível e assustadora do que nos é estranho. Eles são disformes, tenebrosos e apavorantes porque são irracionais, não os vemos no mundo físico porque são inconscientes e metafóricos, o seu mundo é as trevas porque lá não chegou a luz da consciência. Para Vernant (1988 p.105), por exemplo, a Górgona representa “o Outro, o nosso duplo, o estranho” uma imagem fantasmagórica que trata do confronto com o que é diferente de nós.

Monstros e fantasmas também são freqüentemente representados como dificuldades que devem ser superadas para se ter acesso a

tesouros valiosos. Eles são os guardiões dos locais sagrados. Cérbero, o cão temível de três cabeças, ficava nos portões de *Hades* - o mundo dos mortos, por onde precisavam passar *Orfeu* para recuperar *Eurídice*, *Odisseu* para buscar orientação com o sábio Tirésias e *Psiquê* para executar a última tarefa imposta por *Afrodite*. Segundo Brandão (2000, p.202), este monstro só poderia ser dominado "por uma violenta mudança de nível, pelas forças pessoais de natureza espiritual. Para vencê-lo, cada um só pode contar consigo mesmo". As palavras de Campbell são igualmente reveladoras:

> se alguém [...] assumir por si mesmo a tarefa de fazer a perigosa jornada na escuridão [...] aos tortuosos caminhos do seu labirinto espiritual, logo se verá numa paisagem de figuras simbólicas (podendo qualquer delas devorá-lo). (CAMPBELL, 2003, p.105).

O herói vai aonde ninguém se atreve a ir, enfrentando o próprio medo e se dispondo a vivenciar os obstáculos concretos ou imaginários que se apresentarem em seu caminho. A segurança do herói deve acontecer em si mesmo pela sua destreza, força e coragem, porque ele abandona o local conhecido, por isso previsível e seguro, para ir a busca do seu destino. Mas, enfrentar monstros não é apenas uma metáfora de obstáculos concretos ou imaginários da exterioridade. É sim, e principalmente, resolver questões profundas da própria psique. Em outras palavras, o herói precisa desembrutecer-se, pois os aspectos medonhos de sua personalidade são capazes de matar seus próprios talentos.

No quinto canto d'*Os Lusíadas*, Camões narra a passagem das naus por uma terra incógnita pelo temível Cabo das Tormentas. Lá ele imaginou o confronto dos navegantes com uma tempestade monstruosa. Gama e seus companheiros de viagem sabiam das

dificuldades que iriam enfrentar na busca pelo Oriente, e a mais temível delas, era o Cabo das Tormentas.

É importante esclarecer que historicamente esta tempestade não ocorreu. Lembramos que Camões não narrou o fato histórico, mas o fez de forma poética, retratando a essência desse empreendimento. Neste aspecto, seu relato é mais completo porque certamente não houve um homem naqueles barcos que não sentiu medo e angústia ao saber que se aproximava do Cabo Tormentório:

Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem, que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece. (V, 37)

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar de longe brada
Como se desse em vão nalgum rochedo.
“O Potestade” disse “sublimada,
Que ameaço divino ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mór cousa parece que tormenta!” (V,38)

Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e valida,
De disforme e grandíssima estatura,
O rosto carregado, a barba esquálida,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos. (V, 39)

Segundo Jung (2002b, par.323), “em momentos de um afeto avassalador, emergem à superfície fragmentos de conteúdos do inconsciente, sob a forma de pensamentos ou imagens”. Os complexos são elementos psíquicos com cargas afetivas tão potentes que podem às vezes aparecer como objetos ameaçadores – alucinações. (JACOBI, 1986).

A tempestade se mostrava, vindo do mar profundo (inconsciente), e ao verem o tamanho e a potência do que teriam que enfrentar, arrepiaram-se as carnes e os cabelos!

C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mim e a todos só de ouvi-lo e vê-lo. (V, 40)

Adamastor, esse poderoso fantasma em forma de tempestade, saído do inconsciente, se espantou com a ousadia daqueles homens que se propunham a desvendar seus segredos, armou suas defesas, mostrou seus caninos e suas garras, fazendo ameaças, prevendo desastres aos navegantes.

E disse: "Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometerão grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
E por trabalhos vão nunca repousas,
Pois os vedados términos quebrantas
E navegas meus longos mares ousas,
Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
Nunca arados de estranho ou próprio lenho, (V,41)

Pois vens ver os segredos escondidos
Da natureza e do úmido elemento,
A nenhum grande humano concedidos
De nobre ou de imortal merecimento,
Ouve os danos de mi, que apercebidos
Estão a teu sobejo atrevimento
Por todo largo mar e pela terra
Que inda hás de sojugar com dura guerra. (V,42)

[...]
Inimiga terão esta paragem
Com ventos e tormentas desmedidas;
[...]
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mór o dano que o perigo. (V, 43)

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu, suma vingança.
[...]
Naufrágios, perdições de toda sorte,

Que o menor mal de todos seja a morte. (V, 44)

Só existe um caminho para o herói: o caminho da individuação. Todos os outros são caminhos da perdição, do pecado, do desperdício, pois o desviam de sua realização única e individual. Para aqueles homens, que haviam dedicado suas vidas à descoberta do Oriente, este era o único caminho possível. Se seguissem Colombo chegariam num imenso obstáculo, a América. As antigas rotas estavam dominadas por outros povos, então, só lhes restava uma hipótese, o "estreito e único caminho": atravessar o temível Cabo enfrentando o potente gigante Adamastor. Esse encontro significa tudo o que o ser humano tem que enfrentar e elaborar para que siga o caminho da individuação. Representa, assim como os trabalhos de Hércules, as agruras de Odisseu, as adversidades de Jó e tantos outros exemplos, não apenas os obstáculos da vida, mas, ao mesmo tempo, os conflitos psíquicos que o ego precisa superar para realizar o seu destino. Como declara Jung (1986, par.313), "por trás da distorção neurótica se oculta uma designação, o destino e a formação da personalidade, a realização completa da vontade vital inata em todo o indivíduo". Trata-se, portanto, do um caminho de provas, "em algum lugar há sempre um monstro a ser enfrentado, um ser horrendo a exterminar, um impulso a ser ultrapassado" afirma Hillman. (1984, p.78).

Gama, como líder daquele grupo, heroicamente enfrentou o monstro abrindo diálogo, numa demonstração de verdadeira alteridade - Quem és tu? perguntou ele ao gigante:

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: "Quem és tu? Que este estupendo
Corpo certo me tem maravilhado."
A boca e os olhos negros retorcendo
E dando um espantoso e grande brado,
Me respondeu com voz pesada e amara,

Como quem da pergunta lhe pesara: (V, 49)

Adamastor, com a voz pesada e rouca, respondeu a pergunta de Gama revelando sua fraqueza até então ocultada. Disse que era o cabo a quem chamavam tormentório e de todos foi desconhecido, apaixonou-se por uma deusa e seu amor foi negado. Um dia, achando que a tinha nos braços, notou que beijava um duro monte, e por isso ficou paralisado. Segundo Nise da Silveira (2001), a imagem da petrificação denota uma incapacidade para a ação e uma necessidade de ser percebido e amado. Adamastor relatou uma vivência sentimental frustrada e marcante em sua vida, semelhante ao que Kast designa como experiência formadora de um complexo:

> Uma interação difícil ou portadora de significado entre duas pessoas, em que emoções entram em jogo, instala, portanto, um complexo. [...] os complexos parecem ser, antes, uma complicada fusão de algo factualmente experienciado e algo fantasiado, de expectativas frustradas. (KAST, 1997, p.32).

Num estudo sobre o processo de individuação, Jung (2003, par.525) apresentou uma série de quadros pintados por uma paciente. No primeiro deles, ela se retratou “enterrada da cintura para baixo numa rocha” com o mar agitado ao fundo. Essa imagem de aprisionamento é admiravelmente semelhante a várias representações feitas sobre Adamastor:

“Eu sou aquele oculto e grande cabo
A quem chamais vós outros Tormentório,
Que nunca a Ptolomeu, Pompônio, Estrabo,
Plínio e quantos passarem fui notório (V, 50)
[...]

Fui dos filhos aspérrimos da Terra
[...]
Chamei-me Adamastor e fui na guerra
Contra o que vibra os raios de Vulcano,
Não que pusesse serra sobre serra,
Mas conquistando as ondas do Oceano,
Fui capitão do mar, por onde andava
A armada de Netuno, que eu buscava. (V, 51)

Amores da alta esposa de Peleu
Me fizeram tomar tamanha empresa,
Todas as Deusas desprezei do Céu
Só por amar das águas a princesa
[...]
A vontade senti de tal maneira,
Que inda não sinto cousa que mais queira. (V, 52)

[...]
Oh! Que não sei de nojo como o conte!
Que, crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei num duro monte (V, 56)

Adamastor disse que preferia continuar iludido na sua fantasia e, com a vergonha do que passou, buscou portanto um lugar para se esconder, onde ninguém risse de sua desgraça. Como castigo, foi transformado em Cabo, enrijecido como uma rocha.

Ó Ninfa, a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?
Daqui me parto, irado e quase insano
Da mágoa e da desonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse
Quem de meu pranto e de meu mal se risse. (V, 57)

[...]
Eu que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado inimigo (V, 58)
Por meus atrevimentos o castigo.

Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram,
Esses membros que vês e esta figura
Por estas longas águas se estenderam;
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses, e por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas". (V, 59)

Conforme dito acima, esta figura misteriosa do Gigante se assemelha, simbolicamente, ao que a psicologia analítica define como complexo. Um ponto onde o indivíduo foi tão profundamente ferido que passa a protegê-lo, escondê-lo, formando defesas, deixando-o o mais longe possível de qualquer acesso, se tornando um aspecto inconsciente, enrijecido e monstruoso da personalidade. Uma vez estabelecido este mecanismo, sempre que for configurada uma situação que constele o complexo, o indivíduo terá uma resposta autônoma a este estímulo, se tornando fixado a eventos desta natureza.

Esta autonomia acontece pelo fato do complexo ser inconsciente, portanto, a consciência deste mecanismo é o primeiro passo para a sua dissolução. Mas, segundo Jung (1988), o intelecto não é suficiente, porque só o sentimento é capaz de libertar o que foi vivido com emoção.

Um complexo é como um portão fechado, uma verdadeira pedra no caminho na trajetória do herói, é uma barreira que precisa ser transposta para que ele siga sua viagem à realização plena de seu ser.

Gama teve a coragem de enfrentar o gigantesco 'complexo', tomar consciência dele, o único caminho para a verdadeira realização. Não há individuação sem a integração da sombra e sem alteridade, assim, ao ver o monstro, isto é, ao se interessar pelo outro perguntando

“Quem és tu?” e ouvi-lo atentamente, Adamastor se desfez em lágrimas e desapareceu.

Assim contava e c’um medonho choro,
Súbito de ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c’um sonoro
Bramido muito longe o mar soou. (V,60)

Este foi um episódio muito importante naquele empreendimento. Todos sabiam que uma vez dobrado o temível cabo (feito executado primeiramente por Bartolomeu Dias) o caminho para o Oriente estaria aberto. O local foi rebatizado como Cabo da Boa Esperança (Cape of Good Hope). Para Jung (2002a, par.91), de maneira análoga, quando a energia acumulada da neurose é liberada, “enche o jovem de brio e esperança”, abre-se ao indivíduo uma nova perspectiva de vida. Kast diz algo semelhante a respeito da superação dos complexos:

> [...] deixamos para trás diversas esferas da vida ou pelo menos as levamos conosco apenas em uma forma modificada. Trata-se de ocupar o território ‘em um país desconhecido’, e nessa ocupação de território podemos confiar apenas em nossos próprios sentimentos, no próprio pensamento, nos próprios sonhos e na capacidade de sempre estabelecermos novas relações. (KAST, 1997, p.204)

Após a conscientização de aspectos embrutecidos da personalidade, é possível estabelecer relações verdadeiras. Depois desse momento histórico o convívio e as trocas entre os povos Ocidentais (Eu) e Orientais (Outro) estavam prontos para serem instituídos de forma direta e definitiva.

Neste capítulo vimos o Gigante Adamastor como representação simbólica de aspectos embrutecidos da personalidade que podem matar os talentos do herói e impedir sua consagração. A coragem de Gama de enfrentar esse terrível monstro foi a chave que abriu a

possibilidade da realização plena do destino individual, mas, engana-se quem imagina que terminam aí os desafios do herói.

7.6.3 O caminho de provas e a interferência divina

Superado esse extraordinário obstáculo, a frota de Vasco da Gama costeou a África, agora pelo seu lado Oriental, buscando informações da Índia. A cada porto que avistavam e paravam para abastecer, procuravam um experiente navegador que conhecesse o caminho para Calecut. Não encontrando sinais, seguiam adiante pelo mar desconhecido. Agora, não mais fortes e bem dispostos como antes, mas com a saúde já bastante debilitada.

D'aqui fomos cortando muitos dias
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias
Só conduzidos de árduas esperanças; (V,66)

Ora imagina agora, quão coitados
Andaríamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados,
Por climas e por mares não sabidos,
E do esperar comprido tão cansados (V,70)

Corrupto já e danado o mantimento
Danoso e mau ao fraco corpo humano (V,71)

Numa das paradas ouviram notícias de uma terra ao Oriente e ficaram muito felizes. Deram àquele rio o nome de Bons Sinais. Mas, a alegria durou pouco.

Todo herói deve dedicação incondicional à sua jornada. Tal empenho exige que ele chegue, em algumas ocasiões, ao limite de suas forças, de tal forma que acaba exaurindo suas reservas físicas o que acarreta

um enfraquecimento imunológico. Esse é um dos motivos pelo qual os problemas de saúde sempre acompanharam os aventureiros. Nesse trecho da viagem a tripulação foi assolada pelo escorbuto. Estima-se que morreram cerca de 50 homens, dos 164 que partiram. (BUENO, 1998).

Mui grandemente aqui nos alegramos
Com a gente, e com as novas muito mais;
Pelos sinais que neste rio achamos,
O nome lhe ficou dos Bons Sinais. (V,78)

[...]

Mas o bem logo muda a natureza. (V,80)

E foi, que de doença crua e feia,
A mais que eu nunca vi, destemperaram
Muitos a vida e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram. (V,81)

Podemos (e devemos), no entanto, fazer outra leitura dessa peste. Uma das principais tarefas do herói é aprender a respeitar sua justa medida (*métron*) e *Nemesis* é uma potência divina que pune aqueles que excedem seus limites. O intuito dela é que seja resgatada a harmonia perdida. (BRANDÃO, 2000). Foi, segundo Camões, justamente essa divindade que enviou aquela peste. Na *Ilíada*, igualmente, uma epidemia dizimou boa parte do exército grego e o motivo sugerido por Homero, não foi muito distante deste apresentado n'*Os Lusíadas*. O caminho do herói, como já demonstramos, trata da busca de uma vida autêntica e da coragem de viver seu próprio destino. Viver honradamente é estar em paz com este ideal, e a doença era entendida na antiguidade como um alerta dos deuses para o desvio desse caminho. Homero expõe a hipocrisia e critica a falsa virtude dos pretensos heróis, que estavam dispostos a morrer pela glória e não pela honra. Agamemnon, comandante máximo das tropas gregas que se deslocaram para defender um

rapto, cometeu outro logo no início. É uma brilhante demonstração do falso herói e do desvario humano. Em *Édipo Rei*, a peste que assolava Tebas também tinha origem no desconhecimento de Édipo sobre si mesmo e dos pecados cometidos em decorrência disso.

Voltando aos Lusíadas e continuando o trajeto rumo ao Oriente, as naus pararam em Moçambique onde os lusos foram, inicialmente, muito bem acolhidos por terem sido confundidos com turcos. Conseguiram um piloto, abasteceram os barcos e, por fim, receberam o Sultão local para uma celebração. No entanto, no final desse encontro, o monarca percebeu que eram cristãos e passou a tramar-lhes uma vingança.

Um ódio certo na alma lhe ficou,
Uma vontade má de pensamento:
Nas mostras e no gesto o não mostrou
Mas com risonho e ledo fingimento
Tratá-los brandamente determina,
Até que mostrar possa o que imagina. (I,69)

[...]

Partiu-se nisto enfim, com a companhia,
Das naus o falso Mouro despedido,
Com enganosa e grande cortesia,
Com gesto ledo a todos e fingido. (I,72)

Uma das preciosidades da obra poética de Camões, à semelhança dos textos Homéricos, é a forma com que humaniza as leis que atuam no universo e na vida humana. Os poetas não as inventaram com imaginação fecunda ou simplesmente deram voz à fantasia popular. Há milênios o ser humano descobriu que o Universo é regido por Leis imutáveis, ingovernáveis e incontornáveis que ordenam todos os aspectos da vida. Que forças são essas que interferem em tudo o que existe? Quem as inseriu no Universo? Os poetas reconheciam a limitação humana perante a essas potências, talvez por isso atribuíam a elas o caráter de divindades. Os poetas notaram também

que essas Leis condicionavam a vida do ser humano: se não fossem observadas, tendiam a acarretar sofrimento ao indivíduo, de maneira que seria mais sensato estar de acordo com elas. Conhecer os deuses e voltar a estar em harmonia com eles era o objetivo supremo, era a essência da *Raça de Ouro*.

Para Campbell (1996) os deuses são a personificação dessas forças, são metáforas dos impulsos que movem e guiam os seres humanos. O conceito de inconsciente, seu caráter universal, instintivo e arquetípico proposto por Jung, é uma maneira de representar essas divindades, com a diferença de que para o homem arcaico ela estava objetivada, no exterior, o que tornava-o capaz de reconhecer e se relacionar com os arquétipos. Como o homem contemporâneo rompeu com essa visão, os arquétipos se recolheram para o interior da psique. O mundo interno se tornou rico, mágico e irracional, enquanto que o externo se tornou lógico e racional. “Chamamos hoje os deuses de “fatores”, palavra que provém de *facere*, fazer. Os que ficam por detrás dos cenários do teatro”. (JUNG, 2003, par.49). As ciências contemporâneas também formulam *teo-rias* (palavra originária do grego cujo significado é "assistir a um espetáculo divino" (MACHADO, 2003)) com o intuito de examinar as Leis fundamentais do Universo, do micro e macro cosmo, sua origem e funcionamento. Nesse sentido, os cientistas buscam descobrir as mesmas potências eternas que cantavam os *aedos*. Não importa os nomes dados a elas, sejam de deuses, científicos ou mesmo vulgares, os verdadeiros heróis devem saber lidar com essas forças adequadamente.

Baco (*Dioníso*) representava a principal potência contrária àquela expedição e atuava de muitas formas. Num de seus artifícios, insuflou os ânimos e os pensamentos da população moura que vivia na costa africana.

Que nunca veja as partes do Oriente.
Eu descerei à terra, e o indignado
Peito revolverei da Maura gente. (I,76)
[...]

Isso dizendo, irado e quase insano
Sobre a terra africana descendeu,
Onde vestindo a forma e gesto humano
Para o Passo sabido se moveu;
E por melhor tecer o astuto engano,
No gesto natural se converteu
De um Mouro, em Moçambique conhecido,
Velho, sábio, e com Xeque mui valido. (I,77)

E entrando assim a falar-lhe, a tempo e horas
A sua falsidade acomodadas,
Lhe diz, como eram gentes roubadoras
Estas que ora são chegadas;
Que das nações na costa moradoras
Correndo a fama veio, que roubadas
Foram por estes homens que passavam,
Que com pactos de paz sempre ancoravam. (I,78)

Os ânimos dos mouros se tornaram de amistosos a inimigos e Vasco decidiu partir. Os ventos no entanto não ajudaram e a frota ficou à deriva por cerca de oito dias. Desprovidos de água, tiveram que retornar ao porto de Moçambique, onde travaram uma batalha para conseguir abastecer os barcos.

Depois desse embate, conseguiram sair de Moçambique levando um piloto, que se mostrou pouco confiável. Essa busca do piloto representa simbolicamente a figura do orientador, do psicólogo, do conselheiro, daquela pessoa que ajuda o indivíduo a encontrar e seguir seu caminho, como a figura de Mentor na Odisséia. Existem no entanto os falsos orientadores, aqueles que se propõe a fazer um trabalho e acabam conduzindo o indivíduo à morte, como veremos a seguir. A morte nesse caso é o abandono do Ser, o desvio do caminho da individuação.

Mesmo assim, com um falso piloto, em dias alguns os navegantes chegaram a Mombaça.

Já informado do episódio moçambicano, o Rei mouro de Mombaça preparou uma armadilha aos portugueses. Enviou presentes e dois homens que se diziam cristãos para atrair os barcos para dentro do porto. Afirmavam que aquele era um lugar onde cristãos e mouros conviviam pacificamente. Gama, confiante, retribuiu a gentileza. Mandou presentes e alguns tripulantes para falarem com o Rei e fazerem um reconhecimento da cidade. Quando esses informantes retornaram com notícias encorajadoras, o Capitão se sentiu seguro e deu ordem para que levantassem âncora e entrassem no porto.

Aqui brilha a beleza da poesia e da leitura simbólica. Essa passagem pareceria obra delirante da mente do poeta, não fosse a realidade dos fatos para comprová-la. Alguns, por aceitarem apenas a visão objetiva e rejeitarem qualquer tipo de leitura que não esteja enquadrada na relação causa-efeito, ou, como diz o poeta, "por não saber o que é olhar para as cousas" (PESSOA, 1997, p.207), afirmariam que foi mera coincidência, uma obra do acaso. Jung, quando tratou de eventos da mesma natureza do que descreveremos a seguir, aos quais chamou de sincronicidades, fez a seguinte observação:

> A preocupação do método científico experimental é constatar a existência de acontecimentos regulares que podem ser repetidos. Conseqüentemente, acontecimentos únicos ou raros não entram na linha de conta. [...] A chamada visão científica do mundo [...] nada mais é, portanto, do que uma visão parcial psicologicamente tendenciosa que deixa de lado todos aqueles aspectos, em nada desprezíveis, que não podem ser estatisticamente contados. Mas para captar de um modo ou de outro estes acontecimentos únicos ou raros, parece que dependemos de descrições igualmente "únicas" e individuais. (JUNG, 1997, par.821)

Esses fatos nos fazem suspeitar que o verdadeiro herói pode receber algum tipo de "ajuda sobrenatural". Possuiria a psique mecanismos de proteção daquele que segue os desígnios de seu *daimon*? É

importante notar que isso que estamos sugerindo não tem ligação com idealização de figuras parentais como alguns defenderiam:

> O navio de Vasco da Gama, no momento em que estava sendo conduzido para dentro do porto de Mombaça, teve algum problema em seu velame e, em vez de avançar recuou. A manobra surpreendeu os árabes que estavam a bordo do navio de Vasco da Gama. Como eles haviam preparado uma emboscada dentro do porto, julgaram que o recuo involuntário da *São Gabriel* se dera porque os portugueses teriam descoberto seu ardil e resolveram fugir. Logo a seguir fugiram também os pilotos que Gama trouxera consigo de Moçambique. Só então os lusos puderam perceber que haviam estado prestes a cair em uma armadilha. (BUENO, 1998, p.148).

Vamos ver a leitura que fez Camões desse episódio:

Eis vem batéis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era,
Que Baco muito antes o avisara
Na forma de outro Mouro, que tomara. (I,104)

O recado que trazem, é de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto (I,105)
[...]

Na terra cautamente aparelhavam
Armas e munições, que, como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Neles ousadamente se subissem;
E nesta traição determinavam
Que os de Luso de todo destruíssem,
E que incautos pagassem deste jeito
O mal que em Moçambique tinham feito. (II,17)

As âncoras tenazes vão levando
Com a náutica grita costumada,
Da proa as velas sós ao vento dando
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada
Vendo a cilada grande e tão secreta,
Voa do céu ao mar como uma seta. (II,18)

[...]

Põe-se a Deusa com as outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra estão de jeito

Que em vão assopra o vento a vela inchando;
Põe no madeiro duro o brando peito,
Para detrás a forte nau forçando;
Outras em derredor levando-a estavam
E da barra inimiga a desviavam. (II,22)

Torna-se para detrás a nau forçada
Apesar dos que leva, que gritando
Mareiam velas; ferve a gente irada,
O leme a um bordo e a outro atravessando;
O mestre astuto em vão da popa brada,
Vendo como diante ameaçado
Os estava um marítimo penedo,
Que de quebrar-lhe a nau lhe mete medo. (II,24)

A confusão instalada entre os marinheiros pelo estranho comportamento do barco fez os mouros imaginarem que havia sido descoberta a armadilha, e subitamente se atiraram no mar. Só então Gama percebeu a arapuca de que foram, milagrosamente, salvos.

Assim fogem os Mouros, e o piloto
Que ao perigo grande as naus guiara,
Crendo que seu engano estava noto
Também foge saltando na água amara. (II,28)
[...]

Vendo o Gama, atentado, a estranheza
Dos mouros não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente;
E vendo, sem contraste e sem braveza
Dos ventos ou das águas sem corrente,
Que a nau passar avante não podia,
Havendo por milagre, assim dizia: (II,29)

"Ó caso grande, estranho e não cuidado!
Ó milagre claríssimo e evidente!
Ó descoberto engano inopinado!
Ó pérfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sabiamente
Se lá de cima a guarda soberana
Não acudir à fraca força humana? (II,30)

Camões narra uma nova passagem no Olimpo em que Vênus pede a Zeus que favoreça o empreendimento português. Esse consente e

descreve os futuros acontecimentos. Em termos da psicologia simbólica isso poderia significar que a psique como um todo está pronta para executar a grande obra. Em outras palavras, a intenção do ego está alinhada com o desígnio do Self, e por este será favorecido, no entanto, isso não quer dizer que não ocorrerão outros conflitos. Os poemas épicos demonstram isso por meio das disputas divinas. Nunca todo o panteão está do mesmo lado. Cada divindade tem seu poder e entre elas estabelecem embates e tréguas. Campbell (1996) comenta sobre essas batalhas divinas como a dinâmica das diferentes forças que atuam na mente e na vida humana. A divindade que for vitoriosa é que determinará o desenrolar dos fatos.

Mas, como Baco está constantemente colocando obstáculos no caminho dos navegantes, convém que façamos uma pergunta importante e tentemos respondê-la com uma rápida digressão: por quê Baco é contra o empreendimento português?

Baco é a uma divindade, e, como muitas outras, exprime de maneira alegórica uma força eterna atuante na vida humana. Mas Baco é diferente. É o preferido de Zeus, e por isso é o primeiro nome em seu plano sucessório (BRANDÃO, 2002). Zeus tem por ele um carinho de mãe e como os atributos de uma divindade estão relacionados à sua a descendência (TORRANO, 2003), podemos deduzir que Baco é um deus bastante semelhante a Zeus. Hesíodo (2003) nos mostrou que as vitórias de Zeus sobre Crono e os Titãs, consolidou uma força ordenadora que possibilitou a vida no universo. Nesse aspecto, Baco é filho próximo de Zeus, pois tem a função de celebrar a mais gloriosa criação de seu pai: a vida. Baco serve a Zeus enaltecendo a sua obra criadora.

Baco veio para mostrar quão boa e prazerosa a vida pode ser. Por meio do êxtase e do entusiasmo, que significa “ter um deus dentro de

si” (BRANDÃO, 2002), Baco diminui a distância entre os deuses e os seres humanos, e destes entre si. Numa atmosfera de encantamento, e sensualidade, bacantes inebriados, com seus corpos envolvidos pela música numa dança ao ritmo de flautas e tambores, comemoram os prazeres da vida. Não há defendido que resista. Tiram-se as máscaras, as roupas, quebra-se o egoísmo e numa entrega sincera, de coração, acontece o encontro. Nasce daí um ser humano transformado, fruto da união de dois aspectos, opostos e complementares, antes desconhecidos um do outro. Nas festas baquicas, o êxtase tem o poder de abrir as portas do paraíso: por alguns momentos, somem as preocupações, as tristezas e as buscas, pois ali está tudo o que é preciso. Perde-se a noção do tempo e com isso o ser humano supera sua condição mortal e alcança a eternidade. Baco veio mostrar aos homens que se deve viver a vida da forma mais bela possível e que os melhores momentos dela são os improdutivos.

Há, no entanto, outra força contraria a Baco que atua nos seres humanos. Ela é representada, segundo Maffesoli (1985), por Prometeu e se manifesta no produtivismo, na busca do progresso, do lucro e no utilitarismo.

O mito de Prometeu nos conta que este Titã foi aprisionado como castigo por sua pretença esperteza ao fazer uma partilha com Zeus e ficar com a melhor parte. Essa analogia é bastante adequada na descrição dos homens de negócios em sua busca pelo lucro. Como bem demonstrou Marx (1982), não há um que prospere sem levar alguma vantagem, sobre seu concorrente, fornecedor, cliente ou funcionário, e que, no final, não consiga agregar um bom valor ao seu produto.

Mas não é só essa característica que distancia os negociantes de Baco. A sede de ouro que tomou conta da Europa nos séculos XV e XVI, comandada por mercadores burgueses numa busca frenética por rotas comerciais com o Oriente, instalou uma nova ordem mundial: a lei do dinheiro e do mercado. Além dela estimular relações utilitárias, de conveniência e interesseiras entre as pessoas (Engels, 2000), acabou também escravizando o homem que se tornou um objeto de produção, como bem percebeu Nietzsche (1996, p.205):

> Há uma selvageria [...] na maneira como [...] aspiram ao ouro; e o seu frenesi do trabalho – o verdadeiro vício do mundo novo [...]. Tem-se agora vergonha do repouso; [...] as pessoas tornam-se cegas e surdas a todas suas harmonias. [...] Tem-se falta de tempo, [...] a vida tornada caça ao lucro, obriga o espírito a esgotar-se sem repouso no jogo de dissimular, de iludir, ou de prevenir o adversário; a verdadeira virtude consiste agora em fazer uma coisa mais depressa que um outro. Assim, só em raras horas é que as pessoas podem se *permitir* ser sinceras. [...] Todos os dias o *trabalho* domina a mais e mais a consciência em seu proveito: o gosto da alegria chama-se já 'necessidade de descanso'.

Hesíodo (2002) já havia apontado que o trabalho é inevitável para a sobrevivência. Faz parte da condição humana. Mas, esse excesso descrito por Nietzsche, conduzido pela ambição, pelo acúmulo, pelos imperativos de lucro e produtividade, desviam o ser humano de seu eixo. A estrutura da vida corporativa mercantilista esvazia o homem de sua energia erótica e de sua alegria de viver. O homem passa a valer pelo resultado que gera. O improdutivo é considerado inútil, e é por isso desprezado.

Baco tenta impedir o empreendimento português como uma forma de preservar as relações humanas, a alegria de viver, a improdutividade e o erotismo que eram sagrados na Índia (e em boa parte do Oriente), onde os templos eram decorados, festivamente, com cenas orgiásticas em seus muros.

O Padre Bacco ali não consentia
No que Júpiter disse, conhecendo,
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente. (I,30)

[...]
Teme agora que seja sepultado
Seu tão celebre nome em negro vaso
De água do esquecimento, se lá chegam
Os fortes Portugueses que navegam. (I,32)

Continuemos então a trajetória rumo ao Oriente.

Estávamos dissertando sobre os conflitos, insuflados por Baco, entre os navegantes portugueses e os povos de origem moura que habitavam pontos estratégicos da costa oeste africana onde a frota precisava ser abastecida para continuar viagem. Mas finalmente, em Melinde, acabaram encontrando uma parada amiga e foram recebidos com festa. Aí Camões desenvolveu boa parte de sua narrativa na forma de um relato retrospectivo de Gama a esse Monarca.

No final do canto V, o poeta comparou a navegação portuguesa às aventuras de Odisseu e Enéias, mas destacou uma fundamental diferença: a de Vasco da Gama é real!

Nestas fábulas vãs, tão bem sonhadas,
A verdade que eu conto, nua e pura
Vence toda grandiloca escritura. (V,89)

Por todas essas dificuldades, o poeta destacou a importância do trabalho penoso na trajetória do herói. Camões baseou os versos a seguir, presumivelmente, no texto de Hesíodo, *Os Trabalhos e os Dias*. Logo nos primeiros versos Hesíodo fala de dois tipos de disputa, uma destrutiva e outra criativa. Esta última está ligada à inveja criativa, que desperta o ser humano ao trabalho criador. O conceito essencial desta obra de Hesíodo é a indicação de que o único caminho para o ser humano reverter sua trajetória decadente (conforme o

mito das raças), é a conjugação entre trabalho e justiça divina (*Dike*). (Brandão, 2001). Ou seja, o ego trabalhar em acordo com o Self, seguindo seu desígnio. Apenas para relembrar a declaração de Hillman (1997, p.277), "talvez a tarefa do homem seja alinhar seu comportamento às intenções dele (*daimon*), agir de acordo com ele, por ele".

Quão doce é o louvor e a justa glória
Dos próprios feitos, quando são suados!
Qualquer nobre trabalha que em memória
Vença ou iguale os grandes já passados.
As invejas da ilustre e alheia história
Fazem mil vezes feitos sublimados;
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita. (V,92)

Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações que o mundo canta,
Não merecem tamanha glória e fama
Como a sua, que o céu e a terra espanta. (V,94)

Camões encerra o canto V mencionando a importância da poesia e da falta que ela faz, pois, sem, ela não existirão outros Virgílios e Homeros, menos ainda novos Enéias e Aquiles.

A frota partiu de Melinde em 24 de abril de 1498, abastecida, com pilotos honestos e experientes, firmes em direção a Índia.

[...] e logo as velas dando
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo há já que vai buscando.
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa; e assim caminha
Já mais seguro do que de antes vinha. (VI,5)

Baco, no entanto, não estava disposto a entregar barato seus domínios no Oriente, mesmo vendo que os portugueses contavam com o apoio de importantes divindades para fazer "de Lisboa nova

Roma” (VI,7). Baco desceu do Olimpo ao oceano e convocou um conselho das divindades marinhas. Após uma súplica emocionada, na qual argumentou o perigo da “insana fantasia” humana de pretender subjugar os deuses e ocupar suas posições, as divindades marinhas, representantes das forças da natureza, aceitaram os argumentos de Baco e prepararam uma tremenda tempestade com o intuito de obstruir os objetivos de Gama e sua esquadra.

Os marinheiros se distraiam contando histórias quando de repente soou um alerta avisando sobre uma nuvem negra que se aproximava. A tripulação pôs-se a trabalhar e em poucos instantes preparou as caravelas para a tempestade.

Os ventos eram tais, que não puderam
Mostrar mais força de ímpeto cruel (VI, 74)
[...]

A nau grande em que vai Paulo da Gama,
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quase toda alagada; a gente chama
Aquele que a salvar o mundo veio. (VI,75)
[...]

Vendo-se impotente diante da situação, Gama orou e pediu ajuda aos deuses. Vênus, que protegia os portugueses, apareceu no céu como um sinal de que ouviu as preces do capitão. A divindade notou que aquela tormenta era obra de Baco e desceu rapidamente aos mares para, com seus dons amorosos, acalmar os ânimos tempestivos.

Essa tormenta descrita por Camões não aconteceu na realidade. Foi um recurso literário para incrementar dramaticidade ao texto. As naus chegaram a Celecut em 20 de maio, completando quase um mês de travessia desde Melinde na costa africana.

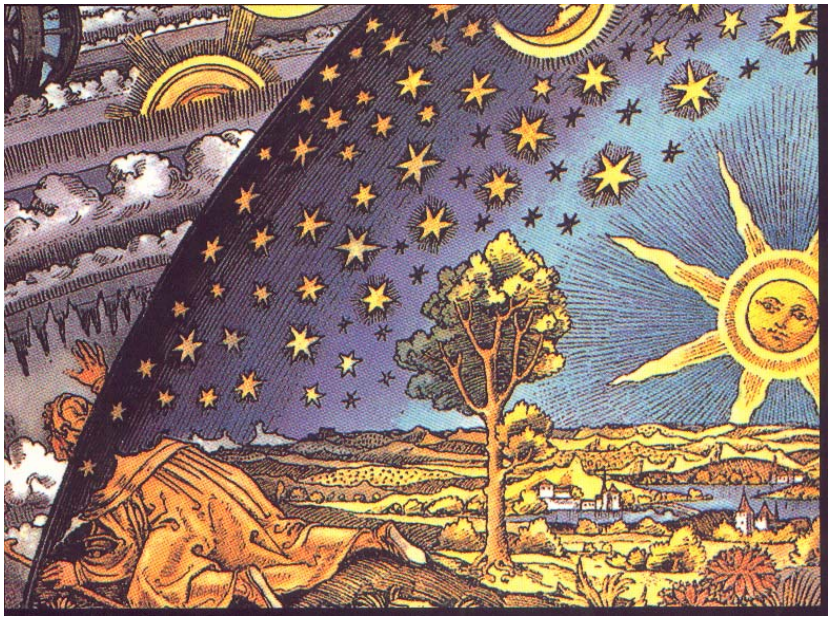
Neste capítulo vimos que o herói deve saber lidar com potencias inevitáveis e ingovernáveis que interferem em seu caminho. Essas forças, equivalentes aos arquétipos da psicologia junguiana, foram personificadas por Camões na forma de divindades, a exemplo do que se fazia na antiguidade. Baco representava uma força contrária aos interesses mercantis e utilitaristas daquele empreendimento, porque estimulam relações de conveniência e fazem do ser humano um objeto de produção. A ganância e o produtivismo, desviam o ser humano de seu equilíbrio e coloca-o em conflito com seus desígnios inatos. Mas, ultrapassar as barreiras impostas por Baco obtendo auxílio de Vênus, a deusa do amor, representa um avanço importante no processo de individuação, como veremos adiante.

7.6.4 Chegada ao Oriente

Já a manhã clara dava nos outeiros
Por onde o Ganges murmurando soa,
Quando da celsa gávea os marinheiros
Enxergaram terra alta pela proa.
Já fora de tormenta e dos primeiros
Mares, o temor vão do peito voa;
Disse alegre o piloto Melindano:
"Terra é de Calecut, se não me engano. (VI,92)

Esta é por certo a terra que buscais
Da verdadeira Índia, que aparece,
E se do mundo mais não desejais,
Vosso trabalho longo aqui fenece." (VI,93)

Ao saber que estava diante da terra mítica tão sonhada, Gama ajoelhou-se, levantou as mãos ao céu e agradeceu a Deus. A imagem descrita por Camões é bastante semelhante à figura de autor anônimo (séc XIX?), denominada "Peregrino Descobrindo um Outro Mundo".



[...]
Sofrer aqui não pode o Gama mais,
De ledo em ver que a terra se conhece;
Os joelhos no chão, as mãos ao céu,
A mercê grande a Deus agradeceu. (VI,93)

Em vários momentos d'Os Lusíadas, Camões se referiu à Índia como um *Paraíso Terrestre*, equivalente a uma *Terra Santa* ou *Prometida*. Conforme descrito em capítulo anterior, na visão do poeta, a Índia passou a ser almejada após um chamado divino ocorrido num sonho do Rei de Portugal. Algo semelhante ocorreu com Moises para conduzir seu povo a uma terra boa e rica. As dificuldades enfrentadas pelos navegantes portugueses para atingir Calecut foram igualmente vivenciadas pelos judeus durante os 40 anos de peregrinação no deserto. Numa interpretação sobre o significado psicológico da *Terra Prometida*, Edinger (1990) concluiu que ela representa uma área importante do inconsciente que precisa ser assimilada para a individuação. Se seguirmos os pressupostos dessa leitura, a chegada a um outro mundo pode também ser vista como o estágio final para o desfecho de um longo conflito entre consciente (eu) e inconsciente (outro).

Ao descrever a chegada ao Oriente, Camões iniciou um discurso sobre a pouca importância que o dinheiro e as honrarias deveriam ter na vida de um ser humano elevado.

Por meio d'estes horríveis perigos,
D'estes trabalhos graves e temores
Alcançam os que são de fama amigos,
As honras imortais e os graus maiores;
Não encontrados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus antecessores, (VI,95)
[...]

Não com os passeios moles e ociosos,
Não com os vários deleites e infinitos
[...]
Não com os nunca vencidos apetites (VI,96)
[...]

Mas com buscar com seu forçoso braço
As honras que ele chame próprias suas, (VI,97)
[...]

D'esta arte o peito um calo honroso cria,
Desprezador de honras e dinheiro, (VI,98)
[...]

D'esta arte se esclarece o entendimento
Que experiências fazem repousado,
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embaraçado. (VI,99)

A defesa de Camões da importância de se abandonar uma vida superficial e hedonista para ir em busca daquilo que chamou de honras "próprias suas", é equivalente à proposta junguiana da conquista de uma vida autêntica, que exige o desnudar dos "invólucros falsos da persona" para que seja revelada a verdadeira personalidade que fica por trás dela. (JUNG 1991a). Essa dura jornada da conquista de si mesmo, que na visão de Camões, cria um calo honroso no peito (desprezador de honras e dinheiro), está intimamente ligada à idéia helênica de uma identidade oculta que precisava ser revelada para que se atingisse a perfeição da alma. Esse ideal foi veementemente defendido por Sócrates na sua

Apologia, ao mesmo tempo em que criticou o desvio dessa meta para a dedicação a honrarias e dinheiro. Essa mensagem era tão fundamental na sua filosofia que em sua última frase antes de morrer Sócrates fez uma súplica:

> Quando meus filhos forem homens, cavalheiros, puni-os como eu vos punia, no caso de eles cuidarem mais do dinheiro e de coisas semelhantes do que da virtude; e se porventura julgarem valer alguma coisa, sem nada valerem, repreendei-os tal como eu vos repreendi, para que não cuidem do que não devem, e não se arroguem valer o que não valem. (PLATÃO, 1999, p.94)

No início do canto sétimo, Camões prosseguiu com seus conselhos, pedindo aos portugueses que sigam os dizeres de Cristo e sejam humildes:

A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo, (VII,2)
[...]

Que o fraco poder vosso não pesais
[...]
Muito façais na santa Cristandade,
Que tanto, ó Cristo, exaltas a humildade! (VII,3).

Finalmente, os navegantes se aproximaram da terra e foram recebidos por pescadores acompanhados de um mercador que falou com eles em língua castelhana.

[...] “Quem te trouxe a este outro mundo,
Tão longe da tua pátria Lusitana?”
“Abrindo” lhe responde “o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se acrescente”. (VII,25)

A resposta dada ao mercador é reveladora: vieram, por onde nunca passou um ser humano, para "acrescentar" a Lei divina. O sentido mais adequado do termo *acrescentar* nessa frase, talvez seja o de *dignificar*, *honrar*, que por sua vez significa também *cumprir*. Com

isso, podemos entender que o poeta quis dizer que eles atravessaram o oceano para cumprir uma Lei divina. Muitas referências a esse trecho sugerem que a “Lei divina” é o Cristianismo, e acrescentá-la seria engrandecê-lo, no entanto, para um entendedor dos textos helênicos, e sabemos que Camões o era, essa colocação pode ter um significado mais profundo.

Trilhar um caminho único, onde nunca passou outro ser humano, para que se cumpra a Lei divina, é equivalente a cumprir seu destino único e individual. Há uma semelhança inegável entre essa proposição e os fundamentos teóricos da psicologia analítica. Existe, segundo Jung (1986), um forte impulso inconsciente que age sobre o indivíduo e que está ligado à personalidade, já existente em germe desde o nascimento, mas que, de início, pouco a conhecemos. É uma marca única e individual que vai se revelando durante a vida e que se destaca de forma evidente do coletivo. Por esse motivo, era comum que se atribuísse a uma personalidade plenamente desenvolvida que estivesse possuída por algum demônio (daimon). O *daimon* age como uma designação, um chamamento, ou uma vocação interior,

> é um fator irracional, traçado pelo destino que impele a emancipar-se da massa gregária e seus caminhos desgastados pelo uso [...]. Esta designação age como se fosse uma lei de Deus, da qual não é possível esquivar-se. (JUNG, 1986, par.300).

Camões não leu Jung mas, conhecia mitologia e provavelmente, leu Platão. No final da *República*, por meio do mito de Er, Platão descreve de que maneira haveria um desígnio único e individual para cada ser humano. Conhecê-lo e cumpri-lo era, ao mesmo tempo, realizar o plano divino e o melhor que se poderia fazer na vida, a única forma de atingir a *eudaimônia*, a felicidade. Essa era, provavelmente, a “Lei divina” que inspirava Camões.

A seqüência do texto corrobora essa leitura.

Deus por certo vos traz, porque pretende
Algum serviço seu por vós obrado;
Por isso só vos guia e vos defende
Dos inimigos, do mar, do vento irado. (VII,31)

Camões apresenta aqui o que mencionamos anteriormente a respeito do herói receber algum tipo de ajuda que não pode ser garantida nem explicada racionalmente, mas que pode ser observada e é vulgarmente qualificada como uma "conspiração do universo" favoravelmente à execução de um determinado projeto. Mas, notemos que esse não é um projeto qualquer: Deus pretende algum serviço *seu* por vós obrado, ou seja, a intenção do ego está vinculada a uma vontade divina (Self ou daimon). Novamente a *Apologia de Sócrates* (PLATÃO, 1999, p.64) é uma boa referência para compreensão desse conceito. “É isso que o deus me ordena, estai certos, e estou convencido de que não advirá para a cidade maior benefício do que minha obediência ao serviço de deus”, disse Sócrates a respeito de seu trabalho como conselheiro e filósofo. Jung qualificou esse impulso autêntico pela realização de uma missão como uma “vontade de Deus”, mas deixou claro que o sentido que dá a isso é o mesmo de Platão:

> É mais vantajoso, e também psicologicamente mais “correto”, considerar certas forças naturais que se manifestam em nós, sob a forma de impulsos, como sendo a “vontade de Deus” [...] Eu gostaria também que o termo “Deus”, na expressão “vontade de Deus”, não fosse tomado em sentido cristão, mas no sentido de Diotima [...] O vocábulo grego “demônio” (daimon) exprime um poder determinante que vem ao encontro do homem, de fora, tal como o poder da Providência e do destino. (JUNG, 1988, par.51).

Conforme apresentado no capítulo *O processo de individuação*, essa relação entre o Ego e os desígnios do Self é um processo inevitável. Existe, segundo Jung (2002a, par.72), um “caminho certo” para cada indivíduo. Reconhecê-lo e seguí-lo é o melhor que se pode fazer na vida pois a consagração do destino individual depende da capacidade

de se abrir mão de objetivos utilitaristas em benefício dessa intenção essencial da psique pela auto-realização.

Enquanto a notícia da chegada da esquadra lusitana se espalhava rapidamente por Calecut, o mercador que os recebeu, descreveu a terra, falou dos costumes indianos e acabou se tornando o intérprete do Gama. Algum tempo depois, o Sultão da Malabar (Samorim) enviou uma comitiva com um convite ao Capitão para uma recepção no palácio real. Nesse momento ocorreu um fato relevante que não foi registrado por Camões, mas que é importante ser acrescentado a esse estudo.

Como boa parte da população local era de mouros, e tendo na memória as experiências de hostilidade em Mombaça e Moçambique, Paulo da Gama se opôs energicamente à ida de seu irmão Vasco a este encontro. Sugeriu que outro fosse em seu lugar e que ele ficasse no barco para garantir o retorno a Portugal e a conclusão da missão. Esta opinião foi apoiada por todos membros do pequeno conselho que se reuniu numa das caravelas, para definir a estratégia a ser adotada. No entanto, nada pôde impedir Vasco da Gama de cumprir pessoalmente a sua missão:

> A honra deste assento, se nosso senhor quiser que eu o tome, não darei por nenhum preço, e el rei não o poderá tomar com outrem melhor do que comigo... Se por meus pecados me matassem ou prendessem, melhor será acontecer-me por fazer o que devia, que ficar vivo sem o fazer. Mas se tal me acontecesse, vós senhores ficais no mar, e em bom navios como souber desacolhei-vos e levareis novas de nosso descobrimento. (GAMA APUD BOUCHON, 1999, p.141)

“Melhor será acontecer-me por fazer o que devia, que ficar vivo sem o fazer”. Essa frase dita por Vasco da Gama ao decidir comparecer pessoalmente ao encontro com o Samorim, mesmo correndo o risco

de ser morto, é o cerne da questão existencial do mito do herói. O que estava em jogo não era a vida ou a morte física. A existência de Gama estava dedicada a essa missão, portanto, se ele não fosse àquele encontro, sua vida perderia imediatamente a razão de ser, ou seja, passaria a ser um morto vivo. Temos aqui um curioso paradoxo: ao entregar a sua vida a algo maior que ele próprio, ela adquiria significado, mas, se tentasse protegê-la da morte, ele a perderia. Essa questão foi evidenciada no evangelho de Mateus (10.39) em que Jesus declarou "quem se esforçar para conservar sua vida vai perdê-la, e quem perder sua vida por minha causa vai achá-la", opinião semelhante à de Sócrates que, preferiu morrer a ter que deixar de cumprir sua missão, ou seja, do que viver uma vida não autêntica. (PLATÃO, 1999). Rilke é outro que coloca a vocação nesses termos de vida ou morte. Em suas *Cartas a um jovem poeta* ele escreve:

> Confesse a si mesmo: morreria se lhe fosse vedado escrever? Isto, acima de tudo pergunte a si mesmo [...]: sou mesmo forçado a escrever? Escave dentro de si uma resposta profunda. Se for afirmativa [...], então construa sua vida de acordo com essa necessidade. (RILKE, 2001, p.26)

A respeito da entrega da vida por uma missão Jung (1986, par.300) declarou: "O fato de muitíssimos perecerem, ao seguir seu caminho próprio, não significa nada para aquele que tem designação".

Vemos que, tanto o relato histórico como o do poeta, demonstram a existência de um dever que é necessário ser executado para a consagração do herói. Consagrar significa tornar sagrado. Em outras palavras, o herói torna-se um ser humano divinizado em função de um ofício sagrado, um sacrifício, cuja simbologia foi definida por Jung (1991c) como o total abandono das pretensões egoísticas do indivíduo em favor de uma personalidade potencial existente no inconsciente. Essa personalidade ligada ao *Self* é equivalente ao

Daimon socrático em vários aspectos, visto que este conceito helênico integra, segundo Vernant (2002b), não somente a psique individual como também a coletiva, cósmica e divina.

Voltando ao relato da chegada a Calecut, após receber o convite do Samorim e dos capitães debaterem a respeito de quem deveria comparecer ao encontro, Gama, o Capitão-Mor, desembarcou, cumprimentou a comitiva que o aguardava em terra, sentou-se num palanquim coberto por um guarda-sol e foi carregado nos ombros em direção ao palácio real. Formou-se um grupo de mais ou menos 100 pessoas, entre autoridades locais, portugueses e guardas, que acompanharam-no em cortejo entre uma multidão de curiosos.

Na praia um regedor do reino estava,
Que na sua língua "Catual" se chamava,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama.
Já na terra, nos braços o levava,
E num portátil leito uma rica cama
Lhe oferece, em que vá – costume usado -,
Que nos ombros dos homens é levado. (VII,44)

[...]
Engrossando-se vai da gente o fio
Com os que vem ver o estranho Capitão;
Estão pelos telhados e janelas
Velhos e moços, donos e donzelas. (VII,47)

A caminho do palácio, Gama e o Catual (governador local e porta-voz do Sultão) conversaram, tendo o mercador Monçaide como intérprete. Visitaram um templo e dali seguiram direto ao encontro do Sultão.

Assim falando entravam já na sala
Onde aquele potente Imperador
Numa camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no valor.
No recostado gesto se assinala
Um venerando e próspero senhor;

Um pano de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemas se adereça. (VII,57)

[...]
Um Brâmane, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando
Para que ao grande Príncipe o apresente,
Que diante lhe acena que se sente. (VII,58)

Gama se apresentou ao Samorim como embaixador de um grande Rei que vivia do outro lado do mundo, e pronunciou que o objetivo daquela viagem era propor-lhe o estabelecimento de vínculos sinceros de amizade, comércio e defesa mútua.

"Um grande Rei de lá das partes onde
O céu volúvel com perpétua roda
Da terra a luz solar com a terra esconde,
Tingindo a que deixou, de escura noda,
Ouvindo do rumor que lá responde
O eco, como em ti da Índia toda
O principado está e a majestade,
Vínculo quer contigo de amizade. (VII,60)

[...]

E se queres com pactos e alianças
De paz e amizade sacra e nua
Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra Sua e tua, (VII,62)
[...]

E sendo assim, que o nó dessa amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará pronto a toda adversidade
Que por guerra a teu Reino se ofereça,
Com gente, armas e naus, de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça; (VII,63)

O monarca indiano agiu com cordialidade, mas respondeu ao Gama que, antes de dar sua resposta, deveria consultar seu Conselho e informar-se sobre aquele Rei e aquela terra de que o Capitão se dizia representante. Enquanto isto, Gama poderia repousar da longa viagem que fizera.

Temos aqui o relato do encontro de dois reinos opostos por natureza, (um oriental e outro ocidental) pois quando num é dia, noutro é noite ("lá das partes onde o céu volúvel, com perpétua roda da terra, a luz solar com a terra esconde"). A imagem desse encontro promovido por Gama, pode ser interpretada como a tentativa de união entre um aspecto conhecido e outro desconhecido da psique. Se substituirmos "conhecido" por "consciente" e "desconhecido" por "inconsciente", teremos nesse encontro uma metáfora da individuação, cujo objetivo, como vimos anteriormente, é a formação de uma personalidade conjugada entre consciente e inconsciente. Outra leitura igualmente rica é da dialética entre o eu e o outro, em que o outro representa o que falta ao eu, o que precisa ser desenvolvido. Nesse sentido, o Gama, ao tentar unir Ocidente e Oriente não só cumpria o seu desígnio, como se tornava também uma pessoa inteira, realizada.

No entanto, para que esse processo se concretize e se confirme, é necessária uma verdade interior, ou seja, uma correspondência entre as intenções do Ego e os desígnios do Self. Para tanto, é imperativo que os objetivos egoístas sejam abandonados. Pois foi justamente isso que o Samorim decidiu verificar antes de aceitar a aliança proposta.

Camões, curiosamente, mas não sem consciência do que fazia, imagino, inseriu justamente nesse trecho algumas estrofes em que se recusa a cantar a glória de quem não merece, em outras palavras, de quem põe seus interesses egoístas à frente de outros mais elevados.

Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado
Que não no empregue em quem o não mereça,
Nem por lisonja louve algum subido,
Sob pena de não ser agradecido. (VII,83)

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,

Inimigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios; (VII,84)

Nenhum que use de seu pode bastante
Para servir a seu desejo feio,
[...]

Aqueles sós direi que aventuraram
Por seu Deus, por seu Rei, a amada vida,
Onde, perdendo-a, em fama a dilataram,
Tão bem de suas obras merecida.

O canto VIII inicia com o Catual (governador local) à bordo de uma das naus perguntando a respeito do significado das pinturas ali expostas e Paulo da Gama contando a história de vários heróis portugueses.

Ao final desse longo relato, a investigação mudou de direção. Os indianos consultaram adivinhos para esclarecerem a verdadeira procedência e intenção da esquadra de Gama. Mas as visões apresentadas não foram favoráveis: destruição, dominação e aprisionamento. Baco, mais uma vez, encontrou oportunidade para atuar contrariamente aos interesses portugueses. A divindade surgiu no sonho de um sacerdote dizendo que aqueles que acabavam de chegar trariam grande dano à alegria dos que ali viviam.

A participação de Baco nesse ponto culminante da obra, em que, conforme indicamos, consciente e inconsciente estavam num momento decisivo de aproximação, é bastante significativa. Segundo Kerényi (2002), nos momentos em que esses dois aspectos da psique se associam, é possível contemplar Dioniso. Mas o deus dos encontros, de acordo com o que foi retratado por Eurípides em *As Bacantes*, não aceita a falsa relação, ou a união disfarçada. Pois era justamente isso que estava sendo averiguado.

Os conselheiros do Sultão juntaram diversos pareceres e declararam a suspeita de que Gama e seus companheiros nada mais eram que piratas sem Rei. A sombra portuguesa, sempre projetada nos mouros, continuava a se manifestar. Pairava a sombra do explorador, aquele viajante que descobre, mas que também vem para se aproveitar, abusar, dominar. A ambição, a ganância, a vaidade e os interesses egoístas, atitudes duramente criticadas por Camões contra o espírito mercantilista que imperava na Europa, estavam depositadas projetivamente nos opositores da esquadra lusitana. De um lado estavam os ardilosos conselheiros do Sultão que teriam seus interesses comerciais contrariados; de outro, os navegadores portugueses, "vitimas inocentes" das artimanhas mouras. Essa polarização entre sombra e persona representa um entrave em que aspectos ainda obscuros da personalidade impedem a integração da personalidade.

O Samorim chamou então o Capitão para dar sua resposta e ofereceu uma última chance para que a verdade fosse esclarecida:

[...] "Se quiseres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua. (VIII,60)

Eu sou bem informado que a embaixada
Que teu Rei me deste, que é fingida;
Porque nem tu tens Rei nem pátria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida; (VIII,61)

Para agravar a situação e reforçar a desconfiança, Gama não havia levado consigo presentes adequados para se oferecer a um Monarca.

"E se de grandes Reinos poderosos
O teu Rei tem em régia majestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinais de sua incógnita verdade?
Com peças e dons altos, suntuosos,

Se lia dos Reis altos amizade;
Que sinal nem penhor é bastante
As palavras de um vago navegante. (VIII,62)

Para Camões, Gama não tinha outras pretensões a não ser levar ao Rei notícias de seu descobrimento, por isso, inspirado por Vênus, fez um honroso pronunciamento em defesa da verdade.

Se os antigos delitos que a malicia
Humana cometeu na prisca idade
Não causaram que o vaso da nequícia
Açoite tão cruel da Cristandade,
Viera por perpétua inimicícia
Na geração de Adão com a falsidade,
Ó poderoso Rei, da torpe feita
Não conceberas tu tão má suspeita. (VIII,65)

[...]
Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrário, que acharias
Se não cresse a quem não crer devias. (VIII,66)

Porque se eu de rapinas só vivesse,
[...]
Por que esperanças ou por que interesse
Viria experimentando o mar irado,
Os antárticos frios e os ardores
Que sofrem do Carneiro moradores? (VIII,67)

Se com grandes presentes de alta estima
O crédito me pedes do que digo,
Eu não vim mais que a achar o estranho clima
Onde a Natura pôs teu Reino antigo;
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne à minha pátria e Reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico
Com que minha tornada certifico. (VIII,68)

[...]

Assim que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual é, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada;
E se ainda te parece falsidade,
Cuida bem na razão que está provada,
Que com claro juízo pode ver-se,
Que fácil é a verdade de entender-se" (VIII,75)

Na primeira estrofe de seu discurso, Gama apontou o “pecado original” (“os antigos delitos que a malícia humana cometeu na prisca idade”), a falsidade, como o obstáculo que dificultava a relação entre ele e o Samorim. Essa mesma metáfora foi encontrada por Jung (1990) em textos alquímicos como representação de um estado doente e corrompido da alma, identificado com o egoísmo. Se por um lado a atitude egoísta foi uma necessidade do desenvolvimento da consciência humana (que resultou na expulsão do paraíso), por outro, essa mesma atitude opera como um impedimento para que o indivíduo alcance a meta da integração da personalidade, que significa a conjunção de dois aspectos antagônicos da psique, um deles perfeito, puro e imortal, que é o Self (a verdadeira personalidade), e outro, mortal e corrupto por natureza, que é o ego.

Desde a antiguidade a falsidade, a malícia e o engano, eram considerados o “pecado original” da humanidade. Na Grécia arcaica, associavam a queda da humanidade da Raça de Ouro para a Raça de Prata e daí por diante, com a trapaça mítica de Prometeu. (VERNANT, 2002a). A expulsão do paraíso, era atribuída principalmente à atitude egoísta perante a vida que o separava da unidade com o cosmos. Considerava-se que a mesquinhez formava uma espécie de véu de ignorância e ilusão que desorientava o ser humano de sua verdadeira identidade. Para recuperá-la era preciso purificar-se, até que se conseguisse deixar de lado os interesses mesquinhos. Aí sim o ser humano poderia tornar-se um verdadeiro herói e recuperar a imortalidade perdida da Raça de Ouro. (SALIS, 2002).

À semelhança desse mito, Jung identificou em seus estudos sobre o simbolismo da alquimia que, os alquimistas buscavam a união de princípios opostos para que conseguissem produzir o ouro (físico ou filosófico). No entanto, afirma ele, isso não seria possível

> se não lhe viesse em socorro “certa substância celeste que está oculta no corpo humano”, a saber, o “balsamum” (bálsamo), a quinta essentia (quintessência), o “vinum philosophicum” (vinho filosófico), um “poder e uma força celeste”, ou simplesmente a “verdade”. (JUNG, 1990, par.343)

A imagem do “pirata sem Rei” e o questionamento sobre sua verdadeira identidade, era a expressão dessa idéia no processo de desenvolvimento do herói Gama. Na leitura do poeta, o capitão estava livre de outras intenções que não fossem o simples cumprir de seu destino, conforme sugerem as estrofes abaixo, mas continua a dúvida do que seria o futuro.

Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei um sinal certo
Do mundo que deixava descoberto, (VIII,56)

Nisto trabalha só; que bem sabia,
Que depois que levasse esta certeza,
Armas e naus e gente mandaria
Manoel, que exercita a suma alteza,
Com que a seu jugo e lei submeteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que ele não era mais que um diligente
Descobridor das terras do Oriente. (VIII,57)

O discurso firme e convincente pronunciado por Gama não só foi considerado pelo Samorim, que lhe deu um voto de confiança autorizando que fizessem algum comércio e depois partissem, como deixou o Monarca com dúvidas a respeito da sinceridade de seus Catuais.

Atento estava o Rei na segurança
Com que provava o Gama o que dizia;
Concebe d’ele certa confiança,
Crédito firme em quanto proferia;
Pondera das palavras a abastança,
Julga na autoridade grão valia;
Começa a julgar por enganados
Os Catuais corruptos, mal julgados. (VIII,76)

Ao sair do palácio, Gama foi acompanhado por um dos tais Catuais que não obedeceu de imediato à determinação do Samorim. O objetivo, pelo que se supõe, era levar o Capitão o mais longe possível das vistas do Rei e destruir as naus assim que se aproximassem do cais. Gama permaneceu preso quase dois dias e se recusou a ordenar que as naus aportassem. Quando decidiu pedir novo encontro com o Samorim para protestar pelo que estava ocorrendo, o Catual, temendo ser castigado por ter prendido o Gama sem autorização, acabou liberando o Capitão e autorizando as trocas.

Essa passagem mostra ainda, apesar de toda a aproximação, a resistência da sombra, representada pelos interesses egoístas e o utilitarismo. Por esse motivo, provavelmente, Camões encerra o canto VIII dissertando sobre o poder de corrupção do dinheiro e de como ele ilude o ser humano com cor de falsa virtude.

Veja agora o juízo curioso,
Quanto no rico assim como no pobre
Pode o vil interesse e sede inimiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga! (VIII,96)

[...]
Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos amigos;
Este a mais nobres faz vales vilezas
E entrega capitães aos inimigos;
Este corrompe virginais purezas
Sem temer de honra ou fama alguns perigos;
Este deprava às vezes as ciências
Os juízos cegando e as consciências; (VIII,98)

Este interpreta mais que sutilmente
Os textos; este faz e desfaz leis;
E mil vezes tiranos torna os Reis;
Até os que só a Deus onipotente
Se dedicam, mil vezes ouvireis
Que corrompe este encantador e ilude,
Mas não sem cor, contudo, de virtude. (VIII,99)

O canto IX tem inicio com a narrativa dos momentos que antecederam o retorno. Apesar do Gama ter conseguido chegar a salvo em seu barco, as coisas não se acalmaram. Alguns portugueses continuaram mantidos como reféns e, em contrapartida, foram capturados comerciantes locais para servirem como elementos de troca. Após uma boa negociação, os tripulantes foram libertos e negociaram objetos pessoais por produtos como cravo, canela e pedras preciosas.

Pouco mais de 3 meses da chegada a Calecut, com ventos favoráveis, São Gabriel, São Rafael e Bérrio, levantaram âncora em direção ao poente.

Neste capítulo vimos que a simbologia da chegada ao Oriente é equivalente ao mito da *Terra Prometida*. A busca desse local ideal é a expressão de um impulso instintivo da psique pela realização de uma personalidade oculta, existente em germe desde o nascimento e que tende a se revelar ao longo da vida. Este impulso, muitas vezes representado como uma "vontade de Deus", foi visto por Jung como equivalente à manifestação do *daimon* socrático. É como se existisse um caminho certo para cada indivíduo e seguí-lo é o melhor que se pode fazer na vida. A consagração deste destino individual depende, no entanto, da capacidade do indivíduo de abrir mão de objetivos utilitaristas. A desconfiança do Sultão sobre a verdadeira intenção da esquadra de Gama e o reaparecimento de Baco insuflando os ânimos dos mouros, era uma representação simbólica da negação da psique por uma falsa relação entre consciente e inconsciente. A projeção da sombra portuguesa nos povos mouros impedia a integração da personalidade. Finalmente, vimos que Camões insistiu na questão do dinheiro possuir um poder de corrupção que ilude o ser humano com aparência de falsa virtude e acaba desviando-o de seu destino.

Chegamos então à última etapa dessa jornada.

7.6.5 O retorno - a ilha dos amores

Apartadas assim da ardente costa
As venturosas naus, levando a proa
Para onde a Natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa,
Levando alegres novas e resposta
Da parte Oriental para Lisboa, (IX, 16)
[...]

O prazer de chegar à pátria cara
Seus penates caros e parentes
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os vários céus e gentes,
Vir a lograr o prêmio que ganhara
Por tão longos trabalhos e acidentes,
Cada um tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para ele é vaso estreito. (IX,17)

Existe um ditado árabe que diz: *o mundo pertence a Deus, mas ele o aluga aos corajosos!*

Coragem, atributo indispensável do herói, vem da união do prefixo *cor*, de coração, e do sufixo *agem*, cuja origem no francês (*age*) exprime ação. (MACHADO, 2003). Coragem é, portanto, essencialmente, o agir com o coração. Mas esse agir, é um agir focado numa meta, é um agir orientado para a individuação, para o centro vital da psique, conforme apontou Ramos em *A psique do coração*, "o paraíso almejado, o lugar de encontro com o Self, conquistado após muitos anos de trabalho." (RAMOS, 1995, p.79).

Aos que conseguem chegar ao termo dessa viagem, está reservado um grande prêmio. Por esse motivo, ao narrar o retorno para casa por um caminho já conhecido, Camões descreveu uma parada para

abastecimento bem diferente das outras, na qual Vênus, a deusa do amor, pediu a seu filho Eros que preparasse uma recepção surpreendente aos navegantes para compensar as dificuldades impostas por Baco.

Porém a Deusa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do Padre eterno e por bom gênio dada,
Que sempre os guia já de longos anos,
A glória por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem sofridos danos
Lhe andava já ordenado, e pretendia
Dar-lhes nos mares tristes alegria. (IX,18)

Depois de ter um pouco revolvido
[...]
Já trazia de longe no sentido,
Para prêmio de quanto mal passaram
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No Reino de cristal líquido e manso. (IX,19)

Para Camões, e não somente para ele, Eros é a divindade que faz o ser humano alcançar o mundo divino. Isso é da máxima importância nessa dissertação.

Parece-lhe razão que conta desse
A seu filho, por cuja potestade
Os Deuses faz descer ao vil terreno
E os humanos subir ao Céu sereno. (IX,20)

Na antiguidade, o amor ocupava um papel central na educação. Era esse o motivo de Eros ser tema recorrente nos diálogos de Platão. Mas não era o amor vulgar que os interessava, como bem discerniram Pausânias e o médico Erixímaco no *Banquete*. Conhecer Eros, e estar de acordo com ele, era fundamental para o bem viver. Eros como ânsia da plenitude, conduz o ser humano à busca da felicidade, a *eudaimônia*, que é a vida boa para o *daimon* (Self), a meta da individuação. Como afirma von Franz (1996b, p.222), “onde não existe emoção não há vida. [...] A emoção é o veículo da consciência; não há progresso na consciência sem emoção”. Eros é a

divindade que aproxima o eu do outro, tanto no sentido físico quanto psíquico. Este último corresponde à aproximação da consciência com o inconsciente. É por meio dessa união, da aceitação do inconsciente, que o homem consegue se tornar a pura expressão de sua verdadeira identidade, é ela que o liberta dos "invólucros falsos da persona" e faz ele ser, o mais próximo possível, a imagem de seu *daimon*, transformando-o num gênio, um ser humano excelente e belo.

A ambição, o desejo de conquistar a glória eterna, de deixar a marca de sua passagem no mundo, são exemplos da busca da imortalidade, impressa nos recônditos mais profundos da alma humana. Mas é só por meio de Eros que o herói a alcança. (PLATÃO, 1998). Isso é confirmado pela etimologia, que indica a derivação da palavra *herói* de Eros (*erôs – êerôs*, herói em grego arcaico) (PLATÃO, 2001), e também a palavra *pteros*, que significa *asas* ou *alado* e tem um claro sentido simbólico de elevação espiritual. (PLATÃO, 2000).

Na seqüência do texto, mais uma vez Camões enfatiza os vícios e o estado de corrupção em que se encontra a humanidade. O poeta critica o mercantilismo, que inclina o ser humano a amar coisas que foram feitas para serem usadas. Esse tipo de atitude, adultera o sentido do amor e faz com que o indivíduo permaneça em seu egoísmo, enxergando o outro como fonte de conveniência e de uso, enquanto, a função essencial do amor, como vimos acima, é tirar o homem de seu narcisismo e conduzí-lo ao seu destino, que é tornar-se plenamente, e cada vez mais, a imagem de si mesmo.

Na estrofe 26 do canto IX, Camões cita o mito de Actéon que foi devorado por seus cães quando, numa caçada, fora descoberto espionando a deusa Ártemis. Para o então professor catedrático da Faculdade de Letras de Coimbra, Aguiar e Silva (1999, p.137), "Actéon aparece à cabeça dos desconcertos do mundo, porque ele é

réu, efetivamente, do primeiro e fundamental pecado contra o amor: a repulsa do próprio amor, corporizada na repulsa da mulher". Nesse sentido, ser devorado pelos próprios cães é um castigo pela brutalidade egoísta resultante da falta de amor. Na leitura de Campbell (2003) esse mito simboliza o despreparo do indivíduo para a relação com o feminino, metáfora do inconsciente masculino, e o castigo sofrido por esse erro. Em termos da psicologia analítica, Actéon seria a representação de um estágio inicial do desenvolvimento psíquico em que a anima, portadora e mediadora dos conteúdos inconscientes com o eu masculino, toma uma atitude hostil contra este em represália a uma atitude que não corresponde com a verdade profunda do indivíduo. (JUNG, 2002b).

Já sobre os Idalios montes pende,
Onde o filho frexeiro estava então
Ajuntando outros muitos, que pretende
Fazer uma famosa expedição
Contra o mundo rebelde, porque emende
Erros grandes que há dias nele estão,
Amando coisas que nos foram dadas,
Não para ser amadas, mas usadas. (IX,25)

Via Acteon na caça tão austero
- De cego na alegria bruta, insana –,
Que por seguir um feio animal fero,
Foge da gente e bela forma humana;
E por castigo quer doce e severo
Mostrar-lhe a formosura de Diana;
E guarde-se não seja inda comido
Desses cães, que agora ama, e consumido. (IX,26)

E vê do mundo todo os principais
Que nenhum no bem público imagina;
Vê neles que não tem amor a mais
Que a si somente, (IX,27)
[...]

Amam somente os mandos e riqueza,
Simulando justiça e integridade; (IX,28)
[...]

Vê enfim, que ninguém ama o que deve (IX,29)

Eros é chamado por sua mãe. No caminho ele se vinga da humanidade egoísta, ordenando que seu exército de cupidos fleche desordenadamente, fazendo nascer mil amores desconcertados que serão fonte de muitos males.

Ao chegarem onde estava Vênus, Eros e seus cupidos são orientados a flecharem Nereides, divindades marinhas personificadas pelas ondas do mar (BRANDÃO, 2000), para que amem, "com mil deleites não vulgares", os marinheiros portugueses.

Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoríferos e rosas,
Em cristalinos paços singulares,
Formosos leitos – e elas mais formosas -,
Enfim com mil deleites não vulgares,
Os esperem as Ninfas amorosas,
Do amor feridas, para lhe entregarem
Quanto delas os olhos cobiçarem. (IX,41)

Eros pede ajuda à Fama para conseguir mudar os ânimos das divindades marinhas que tinham ficado com má impressão dos navegantes por causa da campanha negativa que Baco havia feito junto a elas.

Despede nisto o fero moço as setas
Uma após outra: geme o mar com os tiros;
Diretas pelas ondas inquietas.
Algumas vão e algumas fazem giros;
Caem as Ninfas, lançam das secretas
Entranhas ardentíssimos suspiros; (IX,47)
[...]

Os cornos ajuntou da eburnea lua
Com força o moço indômito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhuma,
Porque mais que nenhuma lhe era esquiva. (IX,48)
[...]

Já todo o belo coro se aparelha
[...]
Para a ilha a que Vênus as guiava.
[...]
Elas, que vão do doce amor vencidas

Estão a seu conselho oferecidas. (IX,49)

Enquanto isso, as naus vinham em direção à ilha preparada por Vênus.

Cortando vão as naus a larga via
Do mar ingente para a pátria amada,
Desejando prover-se de água fria
Para a grande viagem prolongada,
Quando juntas, com súbita alegria,
Houveram vista da ilha namorada,
[...]

De longe a ilha virão fresca e bela,
Que Vênus pelas ondas lhe levava
[...]

Camões descreve em seguida a paradisíaca ilha onde desembarcaram os vitoriosos tripulantes. Muitos estudiosos d'Os Lusíadas procuraram identificar a localização geográfica desta ilha onde os portugueses teriam encontrado moças fáceis que se deixavam levar para o mato. Outros entendem que é uma ilha imaginária de grande importância. É digno de nota que Camões deu a esse episódio uma importância tal que corresponde a quase 20% de todo o poema. (AGUIAR E SILVA, 1999).

Nesta frescura tal desembarcavam
Já das naus os segundos Argonautas
Onde pela floresta se deixavam
Andar as belas Deusas, como incautas
Algumas doces cítaras tocavam,
Algumas harpas e sonoras flautas,
Outras com os arcos de ouro se fingiam
Seguir os animais, que não seguiam (IX,64)

[...]
Algumas, que na forma descoberta
Do belo corpo estavam confinadas,
Posta a artificiosa formosura
Nuas lavar-se deixam na água pura. (IX,65)

Mas os fortes mancebos que na praia
Punham os pés, de terra cobiçosos -
Que não há nenhum deles que não saia,

De acharem caça agreste desejosos -, (IX,66)
[...]

Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos várias cores,
Cores que não eram das rosas ou das flores, (IX,68)
[...]

Dá Velloso espantado um grande grito;
“Senhores, caça estranha” disse “É esta;
Se ainda dura o gentil antigo rito
A Deusas é sagrada esta floresta (IX,69)

Começa então a fantástica caçada, mas em condição bem diferente da que fazia Actéon quando foi devorado. Os navegantes portugueses, tendo superado vários estágios do processo de individuação representados pelos episódios da longa viagem ao Oriente, já estavam preparados para a realização do casamento místico (hierósgamos), ou a coniunctio. Essa união amorosa simboliza, psicologicamente, a fusão de elementos vulgares (navegantes) e nobres (ninfas), ou conscientes e inconscientes. Esse encontro gera profundas transformações na personalidade, é como se nascesse uma nova pessoa, pois, a partir dele, o centro da personalidade deixa de estar no ego e passa para um ponto intermediário entre consciente e inconsciente. O ego se torna assim um representante mais adequado da psique, refletindo-a como um todo e não apenas um de seus lados como no início do processo. (JUNG, 2002b).

Sigamos essas Deusas e vejamos
Se fantásticas são, se verdadeiras”.
Isto dito, velozes mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as Ninfas vão por entre os ramos,
Mas mais industriosas que ligeiras,
Pouco e pouco, sorrindo e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando. (IX,70)

Na seqüência deste trecho, surge a figura de um marinheiro a quem Camões deu atenção especial: Lionardo. Todos os outros já estavam amando suas ninfas, mas ele havia decidido correr justo atrás de Efire, a mais bela, que custava a entregar a ele o que a natureza deu para ser entregue. O que teria pretendido o poeta transmitir com isso?

Lionardo segue Efire, já quase sem esperança, contando suas desventuras amorosas, tal qual Psiquê, em sua interminável busca por Eros nos trabalhos propostos por Afrodite. Psiquê é derrotada no final. Cai em sono mortífero para só despertar (renascer) com um beijo de Eros. O longo caminho de aprendizado de Lionardo e Psiquê, só termina com o beijo de amor, ou seja, a meta da individuação só é atingida com a graça de Eros. Talvez tenha sido essa a mensagem do poeta.

Já não fugia a bela Ninfa, tanto
Por se dar cara ao triste que a seguia,
Como por ir ouvindo o doce canto,
As namoradas mágoas que dizia.
Volvendo o rosto já sereno e santo,
Toda banhada em riso e alegria,
Cair se deixa aos pés do vencedor,
Que todo se desfaz em puro amor. (IX,82)

Ó que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã, e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo,
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo. (IX,83)

Os dois últimos versos da estrofe acima, que são de difícil compreensão, foram traduzidos pelo professor da ECA-USP, Ivan Teixeira: “Melhor é conhecer que censurar, mas que censure de quem não está apto a conhecer”. (CAMÕES, 1999, p.281). Essa insinuação de Camões se assemelha ao que Jung (1994) identificou nos

processos alquímicos, comentando que existem conhecimentos que são acessíveis somente por meio de vivências e estão fora do alcance do intelecto que nada pode fazer além de descrevê-los.

Consuma-se assim a sagrada coniunctio:

As mãos alvas lhe davam como esposas:
Com palavras formais e estipulantes
Se prometem eterna companhia,
Em vida e morte de honra e alegria. (IX,84)

Por fim, Camões narra o que ocorreu com Vasco da Gama, o Capitão mor. A ele, como não poderia ser diferente, coube ficar com a principal, ninguém menos que Tethys, filha de Urano (Céu) e Gaia (Terra). Tethys, segundo Brandão (2000), era mãe de milhares de rios e das Oceânidas, representações de riachos, fontes e nascentes. No *Crátilo*, Platão (2001) reflete sobre a etimologia dessa divindade e conclui que ela é a imagem de algo purificado, de uma fonte, de uma origem, o que faz todo sentido pois, no final de seu processo de desenvolvimento, Gama se aproximava de sua natureza e essência original.

Mas Tethys, curiosamente, era homônima da nereida por quem Adamastor havia se apaixonado. Naquele episódio, o gigante embrutecido forçou um amor não correspondido e, assim como Actéon, foi castigado. Adamastor, ninguém menos que a imagem da medonha e fera sombra do próprio Capitão, tentava se relacionar com uma divindade que tinha características nebulosas em sua personalidade. Tétis era uma nereida que relutava a se entregar, até mesmo Zeus teve que abrir mão de um “affair” com ela, pois este representaria o fim de seu reinado. Seu casamento com Peleu foi marcado pela deusa Discórdia, e acabou originando a famosa guerra de Tróia. Podemos considerar que Tétis é a representação de uma

anima obscura ao passo que Tethys já era uma anima adequada para conduzir o herói Gama à sua consagração.

Tomando-o pela mão o leva e guia
Para o cume de um monte alto e divino,
No qual uma rica fábrica se erguia
De cristal toda e de ouro puro e fino. (IX,87)

Subir, de mãos dadas com uma deusa, uma montanha divina onde no topo encontra-se uma construção de cristal e ouro fino, é uma imagem arquetípica bem explorada na obra de Jung. Não foram poucas as passagens em que ele se refere à anima como condutora para a meta da individuação. Numa delas, por meio da imaginação ativa, um de seus pacientes descreve textualmente a subida de uma montanha onde, no topo, encontra figuras divinas esculpidas em pedra. (JUNG, 2002b). O ouro, material incorruptível e por isso símbolo da imortalidade, era para a alquimia e seu derivado mito arcaico das raças (HESÍODO, 2002), a grande meta a ser atingida. Essa era a prova necessária para garantir que o longo esforço do herói havia valido a pena. Ele conseguira romper o processo de decadência no qual está inserida a humanidade e recuperar a pureza primordial.

Camões prossegue com uma explicação do significado da ilha dos amores, procurando deixar claro que isso não é uma criação fantasiosa da mente poética sem o menor vínculo com a realidade.

Que as Ninfas do Oceano tão formosas,
Téthys e a ilha Angélica pintada
Outra coisa não é que as deleitosas
Honras que a vida fazem sublimada.
Aquelas preminências gloriosas,
Os triunfos, a fronte coroada
Da palma e louro, a glória e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha. (IX,89)

Que as imortalidades que fingia
A antiguidade,

[...]
Pelo trabalho imenso que se chama
Caminho da virtude (IX,90)
[...]

Não eram senão prêmio que reparte
Por feitos imortais e soberanos
[...]
Divinos os fizeram sendo humanos; (IX,91)

E o poeta encerra o nono canto com um recado para aqueles que substituem o longo e penoso caminho da virtude pela busca desvairada da glória e da fama. Manifesta também a essência da formação do homem arcaico, que buscava educar os impulsos egoístas que limitam o homem ao imediato e às aparências, fazendo com que ele desperdice seu potencial. Mas essa formação, acima de tudo, procurava despertar o *daimon* para que o indivíduo seguisse seu caminho apaixonadamente, e seus talentos se desenvolvessem até atingir o sublime, tornado-se semelhante aos deuses, o que era considerado alcançar a imortalidade. (SALIS, 2002). Camões termina esse canto garantindo que chegar à essa ilha não é impossível e que ela está aberta a todos que estiverem dispostos a seguir esse caminho.

Por isso ó vós que as famas estimais,
Se quiserdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do sono do ócio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo. (IX,92)

E ponde na cobiça um freio duro,
E na ambição também, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vício da tirania infame e urgente;
Porque essas honras vãs, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dá à gente:
Melhor é merecê-los sem os ter,
Que possuí-los sem os merecer. (IX,93)

[...]
Possuireis riquezas merecidas
Com as honras que ilustrarão tanto as vidas. (IX,94)

[...]

Impossibilidades não façais,
Que quem quis sempre pode; e numerados
Sereis entre os Heróis esclarecidos,
E nesta ilha de Vênus recebidos. (IX,95)

O décimo e último canto tem início com um banquete oferecido por Tethys, quando os navegantes já estavam "conformes e contentes". Sentados ao redor de uma mesa farta e ricamente adornada, cada um ao lado de sua amada, bebia o melhor dos vinhos, o que nos indica que fizeram as pazes com Baco. A música soava com a melhor das harmonias, representando o perfeito equilíbrio psíquico que alcançaram. Tethys invoca então a musa Caliope e começa a cantar os futuros acontecimentos da nação portuguesa. Esse é um longo discurso que se estende da 10ª até a 73ª estrofe, que não é de grande interesse para os propósitos dessa dissertação, no entanto, a simbologia do banquete é bastante significativa.

Esse é um ritual encontrado em praticamente todas as civilizações e está ligado à idéia de consagração e comunhão com os deuses. Hesóido (2002), n'Os Trabalhos e os Dias, descreve a humanidade em sua origem na raça de ouro, celebrando com os deuses em banquetes e festins o prazer de viver. Os heróis, por meio do caminho da virtude, eram os únicos que conseguiam reverter o processo de decadência da humanidade e recuperar a imortalidade perdida. O banquete final d'Os Lusíadas é nitidamente uma representação desse feito. O Banquete de Platão (1998), em que se celebrava o deus Eros, também é um bom exemplo da aproximação entre homens e deuses associada a esse costume. Numa cerimônia descontraída, são apresentados vários discursos e opiniões sobre o tema do amor que, conforme apresentado pelo hilário Aristófanes, era considerado fundamental para que se encontrasse a parte perdida com o intuito de completar-se e voltar a viver ao lado dos deuses. A busca do hermafrodita, ou andrógino primordial, é um símbolo do esforço pela união dos opostos (consciente e inconsciente), tema que

foi trabalhado por Jung (1994) em seus estudos sobre o significado psicológico dos símbolos alquímicos. A missa, celebrada na tradição cristã, teve também sua origem num banquete: a Santa Ceia. Segundo a interpretação de Jung (1991d), essa cerimônia retrata de forma resumida a paixão de Cristo. O termo *paixão*, utilizado freqüentemente em referência à vida de Cristo, carrega, como podemos perceber, Eros dentro de si, e a meta se realiza na Ceia. O pão e o vinho simbolizam, respectivamente, os princípios feminino e masculino, "essas duas substâncias significam, portanto, a *androginia* do Cristo". (JUNG, 1991d, par.337). Quem participa do rito sagrado da missa comunga, ou seja, entra em relação, se comunica com o outro e assim participa do plano divino.

Assim cantava a Nynfa, e as outras todas
Com sonoroso aplauso vozes davam,
Com que festejam as alegres vodas
Com tanto prazer se celebravam. (X,74)

Terminado o vaticínio de Tethys, a deusa pede ao Gama que a siga pois pretende mostrá-lo a Sabedoria Suprema.

Assim lhe diz e o guia por um mato
Árduo, difícil, duro a humano trato. (X,76)

Não andam muito, que no erguido cume
Se acham, onde um campo se esmaltava
De esmeraldas, rubis, tais que perfume
A vista, que divino chão pisava.
Aqui um globo vem no ar, que o lume
Claríssimo por ele penetrava,
De modo que o seu centro está evidente,
Como a sua superfície claramente. (X,77)

Qual matéria seja, não se enxerga,
Mas enxerga-se bem, que está composto,
De vários orbes, que a divina verga
Compôs, e um centro a todos só tem posto;
Volvendo, ora se abaixe agora se erga,
Nunca se ergue ou se abaixa, e um mesmo rosto
Por toda a parte tem, e em toda parte
Começa e acaba, enfim, por divina arte, (X,78)

Uniforme, perfeito, em si sustido,
Qual enfim o arquétipo que o criou.
Vendo o Gama este globo, comovido
De espanto e de desejo ali ficou. (X,79)

Tethys apresenta a máquina do mundo, um globo transparente, composto de várias orbes com um centro único. A imagem arquetípica da esfera, da mandala, do alvo, enfim, das imagens que evocam o círculo, apareceu em sonhos e fantasias de vários pacientes de Jung. A palavra *mandala* significa círculo ou objeto circular, mas sua etimologia é dividida em *manda*, melhor parte ou ponto culminante e *la*, indicador de caminho ou conclusão. A conjugação dessas duas palavras remete a um ponto que contém uma essência. (LEIDY;THURMAN, 1997). JUNG (1994) considerou que as formas circulares e o movimento em direção ao centro, são a representações da totalidade da psique, o Self ou o Si-mesmo.

Um dos pacientes de Jung (1999, par.111), descreveu um sonho com o relógio do universo "um círculo vertical e outro horizontal, com um centro em comum". Jung afirma que esse sonho ocorreu num momento crucial do desenvolvimento psíquico desse indivíduo, o que corresponde ao momento em que vivia o herói Gama. A "máquina do mundo" ou o "relógio do universo" aparece num momento de integração da personalidade. Essa imagem está, portanto, de acordo como a concepção milenar de que o ser humano era um microcosmo que precisava se realizar plenamente para viver em harmonia com o macrocosmo. (SCHWARZ, 1985). O realizar-se plenamente significava ser a mais pura expressão de sua natureza, que era considerada divina e imortal. Nas palavras de Jung (1994, par.330), "cada vida é a realização de uma totalidade, isto é, de um "Si-mesmo", motivo pelo qual esta realização pode ser chamada de individuação". Os poucos indivíduos que conseguiram ser quem eles nasceram para ser, são considerados heróis, tal a dificuldade dessa tarefa que deveria ser a mais simples de todas. Simples, porque,

como vimos, a natureza interna de todo indivíduo é favorável a esse projeto. Como se diz num texto alquímico “a obra mais natural e mais perfeita é gerar o que é semelhante a si mesmo”. (JUNG, 1994, par.331).

Vês aqui a grande máquina do mundo,
[...]
Que é sem princípio e meta limitada.
Quem cerca em derredor este rotundo
Globo e sua superfície tão limitada,
É Deus; mas o que é Deus, ninguém o entende,
Que tanto o engenho humano não se estende. (X,80)

Essas evidências nos levam a interpretar a “máquina do mundo” camoniana como uma alegoria do Si-mesmo (Self). Até mesmo a dificuldade mencionada por Camões ao tentar explicar a dinâmica e estrutura Cósmica, foi identificada por Jung em textos que, segundo ele, resultaram de repetidas observações introspectivas, às quais considerou, inegavelmente, verdadeiros tratados psicológicos: “é muito árduo descobrir a alma e difícil entendê-la, [...] é difícil chegar ao conhecimento do homem ‘completo’” (JUNG, 1988, par.347).

Em sua narrativa, o poeta atribuiu a Júpiter (Zeus) o governo do universo e dos homens, com o hábito de favorecer os bons e estorvar os maus, agindo indiretamente sobre todas as coisas. Essa idéia, da qual fazia parte a lei da aprendizagem pelo sofrimento, era predominante na antiguidade, como podemos notar textualmente, por exemplo, em a *Orestéia* de Ésquilo (1998).

Enfim que o sumo Deus, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda. (X,85)

Camões conclui a representação da estrutura cósmica, mostrando os planetas, o zodíaco (outro símbolo do Si mesmo conforme apontou Jung (1988)) e, finalmente, o planeta terra. A partir desse momento inicia uma longa descrição da geografia terrestre incluindo a Europa,

África, Arábia, Pérsia, Índia, Sumatra, Cingapura, Laos, Cambodja, China, Japão, América, Brasil entre outras, que se encerra na estrofe 141. Outras amplificações poderiam ser feitas, como por exemplo um aprofundamento dos aspectos simbólicos dos planetas citados por Camões relacionando-os com conteúdos psíquicos, no entanto, estaríamos estendendo desnecessariamente a questão sem grandes benefícios adicionais.

Chega então a hora da partida. Os barcos são abastecidos e Tethys promete bons ventos e mar tranqüilo na volta à pátria amada. É importante destacar que os versos abaixo deixam claro que os casamentos dos navegantes com as ninfas não serão desfeitos com a partida da ilha paradisíaca. Isso quer dizer que o equilíbrio psíquico obtido não será perdido na volta a Portugal.

Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos que vos façam ser aceitos
Às eternas esposas e formosas,
Que coroas vos tecem gloriosas, (X,141)

Podei-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranqüilo, para a pátria amada."
Assim lhe disse, e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada
Levam refresco e nobre mantimento;
Levam a companhia desejada
Das Ninfas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente. (X,143)

Assim foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado;
Entraram pela foz do Tejo ameno (X,144)

Aqui Camões encerra seu canto com uma súplica à Musa, reconhecendo que poucos compreenderiam a profundidade da mensagem que pretendia transmitir. Especialmente numa civilização mercantil que se alastrava pela Europa e que começava a invadir o

mundo, destruindo civilizações milenares. Quantos leriam seu texto e compreenderiam o que ele pretendia dizer?

No'mais, Musa, no'mais, que a lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho,
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
De uma austera, apagada e vil tristeza. (X,145)

As últimas palavras de Camões são dirigidas ao Rei, para quem ele teve a oportunidade de ler o texto. São sugestões para que este se cerque de bons e sábios conselheiros, que conheçam a justa medida, que tenham suas vidas construídas conforme seus talentos naturais, que não estejam preocupados com a glória e o dinheiro.

Neste último capítulo, vimos Camões criticar novamente os valores mercantilistas que tendem a adulterar o sentido do amor, fazendo com que o indivíduo adote uma posição egoísta, enxergando o outro como fonte de conveniência e uso. A função do amor, nesta leitura, é conduzir o ser humano ao seu destino, tornando-o, cada vez mais, a imagem de seu *daimon* (Self). Vimos o castigo de Acteon e a vingança de Eros contra a atitude egoísta da humanidade, fazendo nascer mil amores desconcertados, fontes de muitos males. Em contrapartida, o deus do amor favorece os navegantes que tinham superado várias etapas de seus processos de individuação, representadas pela jornada heróica. Camões descreveu nesse trecho o casamento místico, que representa psicologicamente a união dos aspectos conscientes e inconscientes da psique ou, a integração da personalidade, considerada o ponto culminante do processo psíquico. Acompanhamos também o simbolismo do banquete, e o significado da celebração entre homens e deuses. Vimos ainda coincidirem várias

imagens ilustradas pelo poeta com sonhos e fantasias apresentadas por pacientes de Jung em momentos decisivos de suas vidas. Por fim, Camões lamenta que poucos compreenderiam a profundidade da mensagem que pretendia transmitir.

7.7 Apanhado geral

Inicialmente, fizemos uma exposição sobre o significado simbólico da busca ao Oriente mencionando como essa aventura está ligada a um movimento instintivo da psique pela realização do destino individual. Dissertamos também sobre a figura do herói e a correlação de sua jornada com o processo de individuação. Posteriormente, encontramos no texto d'Os Lusíadas evidências que nos permitiram identificar a estrutura desse processo:

Um sonho, ou, um impulso inconsciente faz o indivíduo despertar para realizar seu destino. Ele deve ir a busca de uma *Terra Prometida*, representação, como vimos, de uma personalidade essencial (*daimon-Self*), existente em germe desde o nascimento e que tende a se revelar ao longo da vida. Para que isso aconteça, o individuo deve conseguir abandonar uma vida conhecida, conveniente e supostamente garantida. O sentido disso, psicologicamente, é que o ego deve abrir mão de uma posição unilateral, permitindo que este outro centro da personalidade se manifeste e com ele estabeleça uma relação harmoniosa e criativa.

Na partida das naus, na praia do Restelo, surge a figura de um velho sábio alertando para o perigo da vaidade, do desejo de sucesso e fama que tendem a desviar o herói de sua meta. Esse personagem cita também a figura mítica de Prometeu, representante da engenhosidade e ao mesmo tempo do desvario, que ocasionou o

processo de decadência da humanidade, reversível somente pelo caminho do herói – o processo de individuação.

Pouco tempo depois da partida, os navegantes encontraram uma figura monstruosa (Adamastor), representação simbólica de aspectos embrutecidos da personalidade, que podem matar os talentos do indivíduo e impedir sua consagração. A coragem de dialogar com esse terrível monstro é a chave que abre a passagem para o novo mundo, a possibilidade da realização do destino individual.

Mas não terminam aí os desafios. Potências inevitáveis e ingovernáveis intervêm no caminho, entre elas, destaca-se Baco. Esta divindade contraria os interesses mercantis e utilitaristas, que estimulam relações de conveniência e fazem do ser humano um objeto de produção. Em outras palavras, a ganância, o produtivismo e os imperativos de eficácia, desviam o ser humano de seu equilíbrio e colocam-no em conflito com seu desígnio inato.

Superados esses obstáculos, ou seja, conseguindo o indivíduo deixar de lado o pensamento materialista, ele chega à *Terra Prometida*. No entanto, Baco reaparece, com o intuito de certificar-se que não existe uma falsa relação entre os aspectos consciente e inconsciente da psique, ou seja ego e Self (*daimon*). Camões insiste na questão do dinheiro possuir um poder de corrupção que ilude o ser humano com aparência de falsa virtude e, novamente, critica os valores mercantilistas que tendem a adulterar o sentido do amor, fazendo com que o indivíduo adote uma posição egoísta, enxergando o outro como fonte de conveniência e uso. A função do amor, nesta leitura, é conduzir o ser humano ao seu destino, tornando-o, cada vez mais, a imagem de seu *daimon*. Acontece então o casamento místico, que representa, psicologicamente, a integração da personalidade, considerada o ponto culminante do processo psíquico. Em seguida

Camões retrata o banquete, uma celebração entre homens e deuses, relembrando a mítica Idade de Ouro, como sinal de que o processo foi executado com êxito. Por fim, vem o lamento do poeta.

8. Discussão

O objetivo deste estudo foi investigar, por meio d'Os Lusíadas, o significado simbólico do espírito empreendedor. Para iniciar o trabalho, procurei embasamentos sobre o empreendedor capitalista na etimologia, na história econômica e também numa pesquisa com empreendedores. A intenção foi de permitir um diálogo entre essas informações e a interpretação simbólica do poema. Dissertei também sobre a figura do poeta e sua leitura da realidade, bem como procurei explanar o significado da figura do herói e do processo de individuação na psicologia analítica, conteúdos teóricos centrais deste trabalho.

A seguir a discussão será apresentada de acordo com 9 questões básicas.

1) Na pesquisa feita pelo BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) a respeito da criação de novos empreendimentos, observamos que as principais motivações declaradas para se criar uma empresa, possuem um estreito vínculo com o impulso instintivo da psique pela individuação:

a) "Realização pessoal" e "contribuição para a sociedade" são aspirações que possuem correspondências nas profundezas da psique. Como vimos em Campbell (2003) e Jung (1986), todo indivíduo recebe um "chamado", uma vocação, ou seja, possui um aspecto interno, inconsciente, orientador da vida do indivíduo para uma meta: a sua personalidade autêntica e inata (Self), denominada na Grécia arcaica de *daimon*. A realização plena do *daimon*, a *eudaimônia*, era considerada a bem aventurança (felicidade) e estava

indissoluvelmente ligada à vida harmônica com o coletivo e o plano cósmico pois, seguir esse caminho era o mesmo que realizar o projeto divino. (VERNANT, 2002a). Para Jung (1988), igualmente, o Self representa essa unidade. No poema de Camões, o empreendimento da viagem ao Oriente era carregado de sentido simbólico. Conforme demonstramos, significava o mesmo que sair da raça de ferro e retornar à raça de ouro, a consagração do Ser, em outras palavras, a "realização pessoal" de Vasco da Gama. Além disso, Gama estava a serviço de sua nação, demonstrando um alinhamento entre o indivíduo e o coletivo. Se acrescentarmos ainda a representação alegórica das divindades que eram favoráveis ao empreendimento, percebemos que esse feito incluía também o plano cósmico.

b) Outros fatores que contribuem para a decisão de empreender, como "vontade de enfrentar desafios" e "ser seu próprio chefe", são características marcantes da personalidade do herói. Ousadia, coragem e vontade da conquista, são atributos que fazem parte de uma herança guerreira do empreendedor, mas que têm origem no arquétipo do herói. Essa "vontade de enfrentar desafios", pode ser interpretada pela leitura simbólica da psicologia analítica, como uma pré-disposição psíquica para encarar um caminho de provas, para enfrentar todos os obstáculos que se anteponham entre o indivíduo e a consagração de seu Ser. É a entrega em que até mesmo a integridade física é deixada em segundo plano, conforme os exemplos já citados de Sócrates e de Vasco da Gama (histórico) na defesa de uma vida autêntica. Encontramos n'Os Lusíadas essa mesma disposição quando Gama, ao ser convocado pelo rei, cita os trabalhos de Hércules e se diz preparado para a aventura. Buscar desafios significa também estar aberto a novas experiências, relações, conhecer novos mundos, características típicas dos mercadores, que

como vimos foram figuras que antecederam os empreendedores contemporâneos.

O desejo de liberdade, expressado pelo argumento de “ser seu próprio chefe”, igualmente faz parte do núcleo heróico-guerreiro do empreendedor. Na Idade Média, muitos guerreiros terminavam se tornando líderes de seus próprios reinos particulares, que podem ser comparados às empresas contemporâneas, conforme reconheceu Shumpeter (1982). Mas, além disso, para Jung (1986), a própria força do *daimon*, que conduz o indivíduo a seguir um caminho diferente do comum, dificulta a submissão a ordens e convenções que não estejam de acordo com sua designação.

c) A busca por destaque, glória e fama, presentes tanto na pesquisa do BID quanto no texto de Camões, são igualmente inerentes à psicologia humana. No *Banquete*, Platão (1986) atribuiu o desejo de adquirir glória eterna, a um movimento de Eros em direção à imortalidade. Jung (1986, par.300) também reconheceu a necessidade de diferenciação, de “emancipação da massa gregária” como “um fator irracional” que brota de dentro do ser humano. Além disso, observou que os poucos que se propuseram a seguir um caminho diferente do coletivo, acabaram sendo admirados, adorados e até mesmo imortalizados. Mas Jung (2002a) faz uma ressalva: pessoas que procuram ostentar feitos heróicos ou chamar atenção para si, podem ocultar personalidades infantis ou esconder profundos complexos de inferioridade. Quanto ao desejo de fama, é freqüente que esteja acompanhado de um anseio narcísico do ego escondido atrás de uma persona. Segundo Brandão (1993, p.130), *fama* significa reputação (boa ou má) e *famosus* quer dizer, “que dá o que falar, difamado, desacreditado”. *Fama* era fundamentalmente uma deusa da fofoca, pois vivia cercada da Crença Ingênua, do Erro, da Falsa Alegria, do Terror, da Perturbação e dos Falsos Boatos. N’*Os*

Lusíadas essa idéia está bem discriminada: inicialmente, o velho do Restelo critica o desejo de fama dos navegantes. Era um alerta para o desvio do caminho do herói, pois, o que a verdadeira personalidade busca, não é a fama, que estaria ligada à falsificação, mas sim a autenticidade, ser ela mesma, a Alethéia (a Verdade, o não esquecimento). Glória e fama eram conseqüências do êxito da jornada heróica pela individuação ao invés de objetivos em si. No final do texto de Camões, a deusa Fama é convocada para ajudar os navegantes a reverterem a má imagem deles junto às divindades marinhas, por causa da intensa campanha negativa contra eles impetrada por Baco.

d) A pesquisa identificou ainda as justificativas de "estar desempregado", "aumentar a renda" e "tornar-se rico". Quanto às duas primeiras, é possível notar que estão relacionadas à *necessidade*, e *necessário*, é aquilo que é essencial, que é indispensável para o Ser. Para Jung (1986), somente a *necessidade* é capaz de mover o individuo em direção ao desenvolvimento de sua personalidade. Mas ele deixa claro que essa *necessidade* está ligada à designação, ao *daimon*, à consagração do Ser. Estar desempregado, conforme já mencionamos, é equivalente a não estar a serviço de nada e de ninguém, é estar sem desafios, é a representação do vazio, da falta de sentido da vida. Para Gama, aceitar a convocação do rei era uma *necessidade*, era essencial para sua existência, sem a qual sua vida não teria sentido. Em *O Banquete*, Platão (1986) caracteriza Eros como filho de Pênia, a pobreza, o que faz dele um necessitado, desejoso de possuir algo que não tem: o bom e o belo. Desta forma, Eros é considerado um deus que conduz o indivíduo para o bem, e quem tem o bem é feliz (*eudaimônia*). Portanto, Eros, por causa da *necessidade*, conduz o indivíduo ao *daimon*, à individuação.

Quanto à simbologia do desejo de posses, de “tornar-se rico”, podemos assinalar uma relação com a busca do ouro na alquimia, ou, como fez Lockhart (1980) em seu artigo *De L’argent*, associar o dinheiro ao Self, como um tesouro depositário de valor. Podemos também relacionar o desejo de ficar rico com a imagem mítica do rei justo que fazia desabrochar a prosperidade em seu território, lembrando a imagem da fartura em que vivia a *Raça de Ouro*. Isso faz suspeitar que se trata de um desejo arquetípico.

Se somarmos, então, todos os motivos citados acima, ser uma pessoa realizada, admirada, livre, rica e que seja, além de tudo isso, boa para a sociedade, podemos dizer que o empreendedor deseja ser o homem ideal, o homem perfeito, um herói, ou seja, o mesmo que os gregos entendiam por retornar à *Raça de Ouro*, a raça de homens divinos que celebravam, diariamente, a alegria e a beleza da vida.

Ocorre, no entanto, que Camões, como um poeta educador, alertou para alguns sérios obstáculos ou desvios desse caminho, centrados principalmente no dinheiro e na fama que tinham o poder de iludir e nublar a visão do ser humano, fazendo com que ele atingisse um falso ideal. Não o do herói, mas uma falsificação deste, conforme veremos adiante.

2) Por que quando o poeta se propõe a dissertar sobre um empreendimento, quando se pesquisa as motivações que levam as pessoas a empreenderem, quando investigamos a etimologia da palavra empreendedor e até mesmo quando Weber (2005) vincula o capitalismo à ascese intramundana, vemos aflorar elementos que nos encaminham ao processo de individuação?

Se o empreendedor busca por meio de seu empreendimento ser um homem divino e perfeito, mesmo que ele não esteja consciente dos processos psíquicos envolvidos em seu trabalho, o arquétipo do herói é ativado e ocorre a projeção de conteúdos psíquicos, que acaba transformando seu empreendimento numa espécie de *opus alquímica*.

O vínculo entre o empreendedor e seu empreendimento, seus sócios, o nome e os objetivos da empresa, os produtos ou os serviços oferecidos, a sustentabilidade destes, o ambiente interno, as relações interpessoais, o respeito com as pessoas que trabalham na empresa, a relação com os concorrentes, com os fornecedores, com os clientes, com o mercado, com os governos, com o meio-ambiente, a forma com que a empresa se apresenta ao mercado, a maneira como é percebida por ele, o nível de ganhos... tudo isso faz parte de um fenômeno de projeção psíquica no qual é possível perceber o empreendedor em seu processo de aprimoramento. O que há de bom ou de ruim, inevitavelmente, se manifesta nesse ambiente. O comentário de Jung (1994, par.332) a respeito dos alquimistas serve perfeitamente para o que pretendemos demonstrar: “O que o ele vê ou pensa ver na [empresa] são principalmente os dados de seu próprio inconsciente nela projetados”. Essa questão muitas vezes está explicita. Quantos empreendedores não colocam o próprio nome na empresa?

Fui procurado por um empresário que tinha uma questão familiar complexa que se misturava em seus negócios. Logo na primeira entrevista comentou: “a empresa sou eu”. Ainda no mesmo encontro verbalizou: “a empresa está estagnada”. Todo o trabalho de aconselhamento se baseou na discriminação da questão familiar que impedia seu desenvolvimento e na elaboração de um plano de ação para superar essa situação.

Uma das primeiras experiências marcantes em que percebi que empreendimentos operam como campos projetivos, foi numa consulta para uma artista. Segundo ela, suas obras costumavam representar elementos de seus conteúdos psíquicos. Mas o motivo que a trouxe foi que havia decidido montar uma empresa. Sua tia, uma mulher empreendedora, alguns anos antes de falecer encerrara as atividades de sua empresa. No entanto, a marca (que levava o nome da fundadora) havia ficado como herança. Minha cliente pensou em revivê-la, por isso, buscava alguém que pudesse orientá-la. Depois de umas 10 sessões, com o estudo de viabilidade avançado, percebemos que o negócio poderia não ser tão rentável, além disso, nos últimos encontros o interesse dela pelo negócio já não era o mesmo. No final, concluímos que ela havia vivido o luto pela tia na forma de um *business plan*, bastante adequado para uma artista como forma de elaborar o falecimento de uma parente empreendedora.

O capítulo que caracteriza o empreendedor capitalista foi concluído com um diagrama em forma de estrela representando aspectos da personalidade empreendedora. Encontramos nele que do guerreiro ele tem a ousadia, a coragem, a agressividade, a capacidade de pensar estrategicamente, a liderança, a independência, a vontade da conquista, mas também, possui a brutalidade e pode até matar por dinheiro. Do mercador ele herdou a capacidade de enxergar e explorar oportunidades, a vontade de buscar novos mercados e fazer redes de relacionamento, a habilidade de negociar, saber comprar e vender bem seu produto, mas também recebeu uma certa tendência para a trapaça. Do artesão vem a habilidade de criar, inovar e produzir em escala. Do agricultor herdou o conhecimento e a capacidade de ler os movimentos da natureza (mercado). Deste puxou também do olho atento, o cuidado, a dedicação, a manutenção

e ainda a paciência, a perseverança e a simplicidade. Finalmente, do servo, o empreendedor carrega a capacidade de servir, de ser útil, oportuno e prestativo, mas também uma tendência a se vender por dinheiro. De modo geral, cada empresário tem tendência para um ou outro tipo de atitude representada naquela figura.

Uma mulher, muito criativa e caprichosa, decidiu montar uma pequena indústria de artigos domésticos. Seus produtos eram inovadores e a qualidade superior era garantida pelo olhar atento dela e de sua sócia que acompanhavam pessoalmente cada passo do processo produtivo. Eram perfeitas artesãs. O negócio vinha crescendo ano a ano, mesmo assim os resultados não eram satisfatórios.

Assim como os indivíduos, as empresas possuem atitudes introvertidas e extrovertidas. Nesse caso, as duas sócias se empenhavam no desenvolvimento de produtos e no processo industrial, ambas funções internas da empresa, mas descuidavam de um trabalho extrovertido e não menos importante: as vendas. O processo de aconselhamento foi centrado num plano de ação para o desenvolvimento da atitude extrovertida, para que conquistassem novos mercados, estabelecessem redes de relacionamento e negociassem melhor seus produtos. Esse movimento, provavelmente, era uma postura não apenas no negócio, mas também perante a vida que faltava às minhas clientes. Se desenvolvida essa atitude, é bastante provável que houvesse alguns desdobramentos em outras esferas da vida.

Inversamente, atendi um cliente cujo caso foi praticamente o oposto. O dono da empresa era um grande vendedor, conquistava clientes com facilidade, mas, por negligenciar o atendimento, não conseguia entregar satisfatoriamente o serviço prometido. A solução não

aconteceu pela mudança de atitude de meu cliente, mas por meio da venda de uma parte da empresa para um amigo que possuía a característica complementar que lhe faltava. Essa solução me deixou dúvidas, pois apesar de ser boa para a empresa, a atitude que faltava ficou projetada noutra pessoa. Mas também ponderei, que ter um sócio, aprender a conviver e respeitar alguém com uma habilidade diferente, pudesse ser criativo. É difícil saber ao certo quais são as solicitações do Self. O tempo se encarrega de responder.

3) Qualquer empreendimento conduz o empreendedor à Individuação?

No inicio deste estudo, incluímos uma pequena estória extraída do livro *O Fazedor* de Borges: uma pessoa se propõe a desenhar o mundo. No final da vida ela percebe que desenhou o próprio rosto. A idéia contida nessa estória é de que, ao realizar coisas o indivíduo realiza a si mesmo. No entanto, Jung (2002a), Campbell (2003) e as tradições arcaicas, afirmam que não é qualquer caminho que conduz à individuação, não é qualquer coisa que pode ser realizada. Há um caminho melhor para cada indivíduo e há uma bússola interior que o orienta nesse trajeto mas, para percebê-la, é preciso que ele esteja conectado consigo mesmo. É necessário atender a uma voz interna - a vocação. Para Campbell, a própria vida se encarrega de colocar o indivíduo nesse caminho por meio de um “chamado”. Cabe a cada um reconhecê-lo e atendê-lo, conforme retratou Camões em sua obra.

Segundo Jung (1986) alinhar a vontade do ego (liberdade) ao desígnio do Self (destino) é o melhor que se pode fazer na vida, pois, como vimos, é o caminho do herói que conduz à *eudaimônia* (felicidade). Se houver tal alinhamento, podemos considerar que o

empreendimento reflete simbolicamente a imagem do processo de individuação do empreendedor e, se isso for levado adiante adequadamente, tal qual um fio de Ariadne, poderá conduzir à consagração desse indivíduo. Caso contrário, se houver uma cisão entre esses aspectos, aquele rosto resultante no conto de Borges estará mais próximo da representação de uma máscara, uma persona, pois a verdadeira personalidade continuará não desenvolvida.

A vocação, apesar de estar na própria natureza do indivíduo, nem sempre é fácil de ser encontrada. Pode até ser que o indivíduo esteja em busca mas, se não estiver exercendo sua vocação, está "perdido", está desorientado.

Certa vez fui procurado para orientar uma pessoa que se sentia "atirando para todos os lados". Ela estava sem rumo. Outra queria uma ajuda para definir o seu trabalho. Eram tantas coisas que queria fazer que pensava em confeccionar vários cartões de visitas, um para cada atividade. Sua situação lembrava aquela imagem do sujeito que abre uma jaqueta com inúmeros cartões dispostos nos bolsos dizendo: "fazemos qualquer negócio". Há pouco tempo também, uma pessoa com quem mantenho estreitas relações me pediu uma ajuda profissional pois não estava satisfeita com o que fazia. Sentia que precisava de uma grande mudança profissional, mas não sabia direito o quê. Esses exemplos retratam a importância da conexão entre o indivíduo e seu desígnio, sem essa relação, tende a brotar um sentimento de desorientação e de insatisfação com a atividade exercida.

Encaminhada por um analista junguiano, atendi uma mulher que se dizia descontente com seu trabalho. Além disso, estava cansada de uma situação de dependência do ex-marido. Sonhava em mudar de

casa mas ele se dizia contra e por isso não a ajudava. Para conseguir realizar esse desejo, ela precisava encontrar uma atividade que além de satisfazê-la, lhe desse melhor remuneração. Concluímos que mudar de casa significava simbolicamente sair daquela situação de aprisionamento, trazer para si uma função que estava depositada na figura do ex-marido e seguir seu próprio caminho. Primeiramente procuramos descobrir seus talentos, as coisas que gostava de fazer, as empresas em que gostaria de trabalhar e as possibilidades de conseguir interlocução nessas organizações. Fizemos um plano de ação, colocamos as opções em ordem de prioridade e lá foi ela. Logo na primeira alternativa emplacou. O curioso é que naquela semana essa empresa estava demitindo cerca de 150 pessoas para cortar despesas, mesmo assim, ela foi contratada porque precisavam de alguém justamente com aquele perfil. Exemplos desse tipo tendem a nos fazer considerar que, quando a pessoa está em seu caminho, mesmo aquilo que é improvável pode acontecer, assim como o salvamento milagroso de Vasco da Gama e sua esquadra ao tentar adentrar o porto de Mombaça. Mas essa estória ainda reservava fatos dramáticos. Cerca de um mês depois, ela já estava em sua casa nova quando recebeu a notícia que seu ex-marido havia se suicidado. Ficou para mim a impressão de que ela devia intuir que algo aconteceria, e isso a despertou para a mudança. Ela ouviu o “chamado” e atendeu.

4) O empreendedor dissociado

Jung (1995) considerou que, se um individuo ignorar ou inibir de forma unilateral a tendência natural para a auto-realização, agindo em desacordo aos seus desígnios, estará sujeito a patologias em diversos graus, podendo o resultado chegar a ser desastroso.

Sendo a empresa uma projeção do estado psicológico do empreendedor, pode-se entender que, assim como o empreendimento saudável representa o processo de individuação, no empreendimento "dissociado", ao contrário, é possível encontrar entraves para seu desenvolvimento.

Como a maioria dos empreendedores declarou que empreendem em busca de "realização pessoal" imaginamos que, tal realização, mobilizada de maneira defensiva, com pouca consciência, sem vínculo profundo, resulte num empreendimento que pode levá-los a um caminho enganoso. Ao invés da realização do Ser, estarão sendo conduzidos à construção de uma persona rígida ou mal estruturada, acompanhada seguramente de sua inseparável sombra, centrada segundo Camões, principalmente na vaidade e na ganância. Aspectos psicológicos da sombra, comuns entre os empreendedores.

Quando toma caminhos tortuosos, o empreendedor está inconsciente de si mesmo, age em desacordo com sua própria natureza. Num caso desses, seu "guia interior" não está sendo ouvido. É até possível que ele esteja percebendo que algo não está bem, mas não toma atitudes concretas para mudar.

N'*Os Lusíadas*, Camões inseriu muitas imagens ricas. Uma em especial se encaixa nessa questão do empreendedor dissociado: Eros flechando amores desconcertados gerando muitos males. Em *O Banquete*, Platão (1986, p.52) apresentou o discurso do médico Erixímaco que, assim como Camões, mostra duas faces de Eros, uma que conduz o indivíduo no caminho da virtude, e outra que o faz adoecer quando há um conflito psíquico significativo.

É muito comum haver uma dissociação entre profissão a vocação. Boa parte das escolas, especialmente as mais prestigiosas, costuma

visar o desempenho no vestibular, chegando até a competir entre si no que diz respeito aos índices de aprovação. Descuidam, no entanto, de educar os jovens a terem consciência de si mesmos, o que pode acabar fazendo com que eles se desviem de suas vocações. Essa dissociação, inicialmente, só é percebida pelos indivíduos mais sensíveis. Outros, no entanto, só vão começar a notar o custo emocional de suas escolhas mais para frente. Entre os 30 e 40 anos de idade isso se torna bastante significativo e tende a se manifestar na forma de insatisfações, perturbações, melancolias, depressões, síndromes etc. Poderíamos dizer com Hillman (1997) que esses resultados psicossomáticos são exemplos de "vinganças do *daimon*".

Nessa situação, alguns indivíduos sensibilizados investem numa busca da descoberta de si mesmos, numa aproximação de seus desígnios. Outros buscam ajuda somente com o objetivo de aliviar os sintomas de sofrimento, mas sem o comprometimento com mudanças significativas, que em geral são bastante trabalhosas. Mas muitos acabam por se convencer da "dura realidade da vida", de que a vida é daquela forma com que se apresenta. Esta postura não estimula a iniciativa para mudanças profundas e com isso a dissociação tende a se consolidar.

Acompanhei, certa vez um caso grave. Fui chamado por uma analista junguiana para atuar como orientador numa empresa familiar, líder em seu segmento de atividade. Os acionistas não se falavam, a empresa estava dividida em "feudos" e apresentava prejuízos constantes. A recomendação de todos os consultores que prestaram serviços anteriormente foi: "vendam, profissionalizem, saiam da empresa, senão vão matar a vocês e o próprio negócio". No entanto, não havia meios deles se afastarem. Aquela empresa representava a vida e a família deles. Foram criados lá dentro, nunca pensaram que a vida fosse possível fora daquilo. Havia nessa empresa um grave

miasma familiar, que impedia o desenvolvimento individual. Somente por meio de um trabalho coordenado com os analistas, foi possível obter uma melhora significativa, tanto no quadro clinico quanto nos resultados da empresa.

Casos como esse, de herdeiros que recebem dos pais a incumbência de dar prosseguimento ao negócio da família, são muito freqüentes. Raramente os filhos são orientados a escolherem seus próprios caminhos. Sempre que pensam em fazer algo diferente são desencorajados com os argumentos de que jamais conseguirão remuneração semelhante e de que, o melhor a fazer é cuidar do que será deles um dia.

Quando a vocação não é ouvida, é muito comum o individuo se sentir frustrado por não fazer o que gosta e também, muitas vezes, por não possuir as habilidades necessárias para levar adiante a sua função. É como obrigar um canhoto a jogar tênis com a mão direita. Num caso desse tipo, presenciei um presidente de empresa tomando decisões destrutivas que feriam a própria companhia. O provável objetivo, inconsciente, era se livrar do negócio indesejado. Esse é provavelmente um dos fatores que contribuem para a estatística nada animadora da sobrevivência de empresas familiares: cerca de 95% delas não sobrevivem à terceira geração. (FAMILY BUSINESS NETWORK, 2006).

5) Os modelos parentais

É bastante conhecido na psicologia que as figuras parentais produzem modelos marcantes que são seguidos pelos filhos. É freqüente também o jovem pedir orientação aos pais na hora de escolher sua

profissão. No entanto, poucos estão preparados para orientar seus filhos com conhecimento profundo da psique, ou que, com as melhores intenções, conseguem olhar para os filhos e não para eles mesmos.

Acompanhei o desenvolvimento de um rapaz que estudou economia e se tornou gerente financeiro de uma grande empresa. Nada de errado com sua escolha, a não ser que era a cópia fiel da carreira profissional de seu pai. A frustração não tardou a aparecer. Depois de alguns anos, tomou a decisão de se afastar e realizar seu sonho: abrir um restaurante. Foi um movimento acertado, não apenas pelo resultado financeiro que superou muitas vezes a remuneração que tinha na empresa, mas principalmente por ter encontrado uma atividade que lhe dava imenso prazer.

Um dos episódios importantes d*O's Lusíadas* é a partida na praia do Restelo. Nela verificamos a separação da família e do coletivo, em que o herói deixa para trás uma vida conhecida, confortável, segura e supostamente garantida, e vai ao encontro do novo, do mistério, do desconhecido. Este momento representa o início da jornada do herói pela busca de sua realização, o seu processo de individuação. Acompanhei um caso de sucessão numa empresa familiar localizada numa região cujo nome aludia às "delícias da infância". Apesar de muito esforço, de terem aplicado adequadamente tudo o que os manuais de gestão mais aprimorados recomendavam, não conseguiam tirar a empresa de uma situação de estagnação. Era uma empresa reconhecida pela qualidade de seus serviços, por esse motivo, existiam propostas para ampliação das atividades em outras regiões, no entanto, verbalizavam que não queriam sair daquele local. A questão não era geográfica, mercadológica ou de gestão, era simbólica. Não querer sair "das delícias da infância" era uma maneira

confortável de manter a família unida, mas que ao mesmo tempo impedia o desenvolvimento da nova geração.

6) O significado do fracasso

O trabalho de orientação envolve, algumas vezes, acompanhar situações dramáticas. Num de meus primeiros casos, um amigo me procurou num momento angustiante de sua vida. Sincronicamente, alguns dias antes de seu telefonema eu havia sonhado que dirigia seu automóvel em meio a uma tempestade. Quando me relatou o que estava vivenciando, logo associei ao sonho. Por motivos de confidencialidade não posso relatar a origem do problema, no entanto, ocasionado por uma prática sombria de sua atividade, de um dia para o outro sua empresa perdeu 80% do faturamento. Além disso, naquela mesma semana, sua namorada havia encerrado o relacionamento que mantinham. Em suma, sua vida de havia desmoronado.

Apesar da pouca experiência, elaboramos que a ruína é um momento propício para tomada de consciência das dinâmicas que conduziram à esse destino trágico e, principalmente, para construção de algo novo, com maior nível de consciência. Conversamos longamente a respeito de sua vida profissional, de como ela não fazia ele se sentir realizado e de como estava distante de sua paixão. Apesar de parecer um sonho, não era uma meta ilusória tentar trabalhar no setor que o fascinava, pois tinha relacionamentos com pessoas da área. O maior empecilho era o idioma. Mas era também um sonho antigo passar algum tempo fora do país estudando inglês. Sua condição financeira não era privilegiada, mas dispunha de recursos suficientes para viver, comedidamente, seis meses nos Estados Unidos. Elaboramos o

seguinte plano: estudar inglês era o pretexto, trabalhar na sua área de interesse era o objetivo. O prazo que dispunha para alcançar essa meta era de seis meses. Se o plano desse errado, voltaria a morar na casa de seus pais até que conseguisse se recuperar financeiramente. Se não tentasse, jamais saberia se essa era uma idéia possível ou uma fantasia.

Assim que a esquadra de Gama passou pelo cabo das tormentas, numa das paradas os navegantes tiveram notícias que existia uma terra ao Oriente. Deram àquele local o nome de Bons Sinais. Em 30 dias, tudo estava preparado para a viagem aos Estados Unidos. A última providência era a compra de dólares. Foi a uma casa de câmbio. Lá chegando, calculou por alto quanto tinha disponível para a compra e solicitou ao cambista. Qual não foi sua surpresa ao notar que o valor total era exatamente o quanto tinha em sua carteira?! A associação foi imediata: era o caminho justo, estava no caminho certo, assim como a passagem de Dorneus citada por Jung (1990, par.14): “o verdadeiro é aquilo a que não falta nada, a que nada pode ser acrescentado e de que, muito menos, nada pode ser tirado”. Seis meses depois recebi um telefonema dizendo que ele havia fechado o contrato de seus sonhos.

As dinâmicas embrutecidas do mundo corporativo tendem a se revelar das formas mais inusitadas. Certa vez, fui consultado por uma empresa multinacional para fazer o que denominam de “team building”. Esse trabalho consiste na condução de atividades que visam promover um melhor entendimento entre os integrantes de uma equipe de trabalho.

Esse era um grupo de alta performance, cujos integrantes trabalhavam em locais diferentes do mundo e se reuniam uma vez ao ano para discutirem questões de interesse e para confraternização.

Numa das últimas dinâmicas, o grupo que era composto por umas 9 pessoas, deveria percorrer um determinado trajeto amarrado, formando um bloco humano. O grupo tinha a liberdade de estabelecer o tempo para executar a tarefa e o percurso poderia ser percorrido quantas vezes desejassem a fim de que estabelecessem uma marca que julgassem suficientemente boa.

Repetiram o percurso quatro vezes, criaram estratégias para melhorar o desempenho, de maneira que no final o tempo tinha caído para menos da metade. Realmente era uma equipe unida e de alto desempenho. No entanto, na quinta tentativa, um dos integrantes quebrou o pé. A comoção foi intensa, gerou muito constrangimento, mas precisávamos lidar com o fato. Depois de providenciar o atendimento médico, o grupo se reuniu para debater o ocorrido. Surgiu o questionamento sobre os limites, se aquele grupo tinha o costume de ultrapassá-los e das possíveis conseqüências. Um deles, inconformado, declarava que eram sempre estimulados a superar limites. Qual não foi a surpresa quando lembraram do seguinte episódio: havia um insumo que custava $100, com muito empenho da equipe conseguiram reduzir seu custo para $70. No entanto, colocaram como meta levá-lo a $60. A pressão foi tanta que várias indústrias ao redor do mundo faliram e o produto, como ficou concentrado nas mãos de poucos fornecedores, acabou subindo para $135.

7) A construção dos valores coletivos, o desenvolvimento da consciência e seus obstáculos

Como vimos, o caminho do herói é cheio de obstáculos e estes se apresentam em inúmeras variações. Basta observar os mitos e contos

de fadas para perceber o sortimento de suas metáforas. Mas como essa trajetória está inserida em meio a uma profusão de possibilidades, a função discriminatória, o discernimento, parece ser um atributo indispensável do herói. Talvez seja esse o sentido da primeira tarefa imposta por Afrodite a Psiquê, considerada por alguns estudiosos como o Hércules feminino. (BRANDÃO, 2002).

No mundo contemporâneo, a quantidade excessiva de informação acaba operando como fator desorientador do indivíduo. O marketing, a publicidade, o *merchandizing* e outros meios de manobra corporativa, atuam intensamente no cotidiano e acabam afetando a forma como a realidade é percebida. Os mitos, as estórias e as lendas, que antes eram elaborados como instrumento de ensino ou que ajudavam as pessoas a elaborarem situações da vida, hoje são usados premeditadamente para vender produtos e construir marcas que ficam gravadas no coração das pessoas. Segundo Randazzo (1997, p.85), presidente de uma das maiores agências de publicidade do mundo, “os gregos tinham seu panteão de deuses; os americanos têm suas marcas”.

Um dia participei do programa de treinamento de uma conceituada multinacional. Seu programa de *trainee* era disputado por dezenas de milhares de jovens todos os anos. Nessa oportunidade assisti a uma aula singular. O palestrante era um grande orador, talentoso como poucos. A essência de seu discurso foi o seguinte: “Você não está vendendo um produto. Você está vendendo um atestado de boa mãe”. O racional era o seguinte: para a criança se divertir ela acaba se sujando, mas no dia seguinte a roupa dela precisa estar limpa para ir à escola. Então, se você comprar esse produto (marca x), você não precisará brigar com seu filho porque ele se sujou. Ele vai poder se divertir à vontade, e você, como uma boa mãe, entregará para ele uma roupa limpa no dia seguinte.

Esse tipo de gancho psicológico não é dito, mas é criado e reforçado na mente das pessoas por meio de uma bem planejada estratégia de comunicação. O caso da margarina é emblemático: “compre essa margarina que você terá uma família feliz”. O da cerveja também: “tome essa cerveja que você se sentirá macho e vai 'pegar' a mulherada”. As mulheres também se rendem ao poder de sedução: “passe esse protetor solar que você arrumará um namorado” ou, “use esse perfume que ficará irresistível”. As empresas de telefonia chegam a ser dramáticas: “sem este telefone você está morto”. Cada anseio do ser humano é mapeado por pesquisas com o objetivo de tocar seu ponto vulnerável: “compre este carro que você vai aproveitar a vida”; ou “compre este outro que você se sentirá bem sucedido”; “com esse cartão você terá tudo o que quiser”; “use esse produto que se sentirá em dia com seu tempo”, “com esse relógio será um aristocrata”, “essa bolsa fará de você uma mulher chique”. Exemplos como esses existem milhares.

Uma sociedade fundada nesses valores, em que crianças são desde cedo deliberadamente manipuladas para se identificarem com determinadas marcas e assim garantirem fatias de mercado para as empresas no futuro, tende a ser uma sociedade consumista, como muitos já alertaram. As principais necessidades humanas como amor, auto-estima, poder, realização e assim por diante, estão projetadas nos produtos. São eles os detentores da virtude.

> os produtos possuídos por um indivíduo influenciam muitas vezes as reações de outras pessoas a esse indivíduo de maneira específica [...] possuem portanto um conteúdo psíquico definido, uma “alma” que desempenha um papel dinâmico e emocional na vida diária dos indivíduos. (RANDAZZO, 1997, p.39).

Na antiguidade, o herói deveria saber lidar com as forças que interferiam na vida humana, personificadas em formas de deuses. Hoje esses deuses são Brahma, Nike, Phebo, Minerva, Hermès, Skol e também, Coca-cola, McDonalds, Microsoft, Disney, Sony, Gucci, Prada, Vuitton, Harley Davidson, Rolex, Mercedes, Omo, Doriana, Hellmans, Parmalat, Goodyear, TIM, Motorola, etc...

8) O empreendedor bem sucedido e seu reino privado.

No mundo empresarial, muitos empreendedores conseguem atingir e até mesmo superar as projeções mais otimistas para os seus negócios. Tornam-se famosos, admirados por suas realizações e sentem, por isso, que chegaram à meta da tão sonhada "realização pessoal". Vries (1996) reconheceu que lideres de empresas são alvos constantes de projeções por serem bem sucedidos em seus intentos e por representarem símbolos de autoridade. Recebem um véu místico idealizado que os tornam semelhantes a reis. Schumpeter (1982) também observou que o empreendedor de sucesso funda algo parecido com um "reino privado". Weber (2005) foi outro que apontou essa mescla entre enriquecimento e ascese. Isso não é difícil de ser percebido no mercado. Numa empresa de grande porte onde prestei serviços, a família dos controladores, originalmente humilde, passou a ser conhecida como "a família real". Noutra empresa, a sala onde os diretores se reuniam era conhecida como "O Olimpo".

No entanto, ao descrever o episódio da chegada ao Oriente, Camões fez um discurso sobre a pouca importância que o empreendedor deveria dar ao poder, à notoriedade e ao enriquecimento, pois esses encantos possuem efeito ilusório que confundem, o indivíduo e aqueles que o cercam, com aparência de falsa virtude.

A figura do rei representa uma personalidade diferenciada, até mesmo divinizada, que tem a função de garantir a prosperidade do povo, assim como o presidente da empresa tem a incumbência de fazê-la progredir. Mas, conforme observou Jung (1990), apesar de sua posição elevada, o rei é também retratado na alquimia, nos contos de fadas e nos mitos como uma figura enferma em processo de cura, coisa que geralmente não é observada pelos empreendedores bem sucedidos, freqüentemente inflados e endeusados por seu sucesso.

A questão que se apresenta n'*Os Lusíadas* quando as naus chegam ao Oriente, é o exame da personalidade de Gama, que simbolicamente interpretamos como uma avaliação do vínculo estabelecido no eixo Ego-Self. Tocamos aqui num ponto importante: a realização que o empreendedor obtém com o sucesso de seu empreendimento, nem sempre é autêntica em termos profundos. É interessante recordar que Camões inseriu nesse trecho da obra algumas estrofes em que se recusa a cantar a glória de quem não merece.

Nesse ponto decisivo da obra camoniana, Baco, o deus dos encontros que não aceita a falsa relação, denunciava a sombra dos empreendedores com imagens de destruição, dominação e aprisionamento. Os exploradores que inovaram e descobriram um novo mundo, eram também os exploradores que iriam abusar e dominar a população local. São as duas faces do ser humano, inauguradas miticamente na *Raça de Prata*, que apresentam por um lado uma persona honrosa e bem sucedida, mas escondem de outro uma sombra ambígua e devastadora.

A ambição, a ganância, os interesses egoístas e utilitários, atitudes duramente criticadas por Camões contra o espírito mercantilista,

representavam aspectos ainda obscuros da psique do empreendedor que impediam a integração de sua personalidade. Traduzindo para o mundo contemporâneo, poderíamos exemplificar isso com a incompatibilidade entre a aparência impecável que presidentes de grandes corporações geralmente apresentam e impacto devastador de suas atividades no meio ambiente, isto para não estender desnecessariamente a considerável lista de pecados que foram bem destacados no documentário vencedor de 23 prêmios internacionais, *The Corporation* de Mark Achbar e Jennifer Abbott.

Como vimos acima, numa civilização empreendedora, é muito comum haver confusão entre a "realização pessoal", geralmente representada pelo indivíduo "bem sucedido", e a individuação. Até mesmo se o empreendedor tiver seguido sua vocação, seu *daimon* pode exigir essa discriminação final.

Certa vez tive a oportunidade de conversar longamente com um grande empresário. Em cerca de vinte e cinco anos criou uma empresa muito admirada. No entanto, ele se dizia um "sem cidade". Seu enriquecimento foi tanto que, por motivos de segurança, não podia mais andar nas ruas. Decidiu mudar-se para um país de "primeiro mundo". Logo que se mudou, a cidade escolhida foi alvo de um atentado terrorista.

Um dos aspectos significativos do Midas é sua dificuldade de estabelecer relações e essa questão o acompanha por onde for, pois, o mundo ao seu redor sempre estará em consonância com seu estado interior. De um lado, o empresário em questão é capaz de pensar estrategicamente fazendo com que milhões ou bilhões jorrem no caixa da empresa, de outro, apresenta uma grave dificuldade de estabelecer vínculos, deficiência flagrante da função sentimento.

Nesse caso, dificilmente alguém diria que esse empresário não é uma pessoa “realizada”, mas as exigências da psique são muito maiores que as nossas concepções de um indivíduo bem sucedido. Essa personalidade empreendedora pode guardar segredos e potencialidades que vão muito além de seu empreendimento comercial.

9) O empreendedor, o processo de individuação e os valores coletivos.

Segundo Campbell (2003), toda civilização tem seus heróis. Na civilização capitalista o herói chama-se empreendedor. Como vimos, é graças a ele que ocorre o tão almejado crescimento econômico, que são gerados empregos, que acontece a inovação tecnológica e que é oferecida uma infinidade de produtos e serviços capazes de não só facilitar a vida e resolver problemas, como também de proporcionar prazeres de todos os tipos para todos os gostos. Conforme observou a Organização das Nações Unidas, o desenvolvimento econômico de uma sociedade depende do grau de empreendedorismo que ela possui. (GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR, 2001)

No entanto, apesar da importância e da força que a individuação tem na psique humana, individual e coletiva, nossa sociedade parece não estar atenta a ela. O processo de formação do homem contemporâneo, diferente da *Paidéia* grega que estava centrada na individuação, conforme reconheceu Zoja (1997), está direcionado principalmente à adaptação do jovem ao sistema político econômico vigente: o capitalismo. Nesse sentido, o modelo de educação pode favorecer uma atitude empreendedora que não esteja

necessariamente vinculada ao processo de individuação, o que é entendido como uma dissociação.

Quando falamos de capitalismo, não podemos perder de vista que se trata, com todas as qualidades e defeitos, de um sistema centrado no capital. Em 388 a.C., época em que os valores arcaicos já estavam praticamente liquidados, Aristófanes encenou uma peça chamada *Pluto*, traduzida como *A riqueza* ou, *Um deus chamado dinheiro*. O enredo é bastante simples: um sujeito, inconformado em ver ricos desonestos por todos os lados enquanto ele é honesto e pobre, decide consultar o oráculo de Apolo para saber se deve educar seu filho a ser um trambiqueiro. É importante frisar que, ser honesto ou ser justo na cultura Grega arcaica, não era uma questão moral. Significava, conforme mencionamos anteriormente, dedicar-se ao cumprimento de seu destino, meta inalterável do herói. Saindo do oráculo, Crêmilo, o protagonista, encontra-se com o deus Pluto que estava cego porque Zeus tinha receio de que se tornasse mais importante que ele. Crêmilo planeja uma operação em Pluto para que o deus volte a ver e com isso os justos se tornem ricos. O sucesso da operação fez com que ser uma pessoa digna e honrada se tornasse sinônimo de ser rico, com isso os deuses foram abandonados. Hermes e um sacerdote de Zeus, morrendo de fome, pedem para morar na casa de Crêmilo e no final, Pluto é entronizado.

A analogia de Aristófanes é visionária: no século XIX Nietzsche declarou a morte de Deus. Hoje se questiona se Ele algum dia existiu e “Cash is King” se tornou uma conhecida máxima norte-americana. Além disso, ele ilustra Hermes, o mensageiro de Zeus e condutor de almas, perdendo sua função assim como o sacerdote. Num momento histórico de decadência da sociedade grega, o poeta cômico alertava para o risco de descuidar o processo de individuação para dedicar-se exclusivamente ao enriquecimento. Mais tarde Hermes se

transformará em Mercúrio, o deus do comércio etimologicamente derivado de *mercadoria*. (BRANDÃO, 1993).

Apesar dos valores da excelência grega terem retornado em alguns períodos da história como, por exemplo, na Idade Média por meio dos códigos de conduta e das virtudes cavalheirescas (HAUSER, 2000), mais tarde, com o mercantilismo, foram definitivamente abandonados. A capa do livro abaixo ilustra, explicitamente, como o mito do herói foi absorvido pelo mundo corporativo: no peito, ao invés do coração - o centro da psique, conforme ilustrou Ramos (1995), o herói contemporâneo carrega o cifrão:

O lamento de Camões no final de sua obra é uma denúncia dessa substituição coletiva do ideal de virtude pela busca do enriquecimento:

“No mais, Musa, no mais, que a lira tenho destemperada e a voz enrouquecida, e não do canto, mas de ver que venho cantar a gente surda e endurecida” (X,145). O motivo dessa dificuldade de comunicação Camões esclarece nas estrofes seguintes: “O favor com que mais se ascende o engenho”, (*engenho* do latim *ingeniu*;

qualidades inatas de um ser humano, talento, gênio) (MACHADO, 2003), “não no dá a pátria, não, que está metida no gosto da cobiça e na rudeza de uma austera, apagada e vil tristeza”. (X, 145). Com economia e lucidez, Camões deixa sua visão sobre o coletivo: a civilização européia não valorizava o despertar do *daimon*, a consagração do Ser. Estava cega e embrutecida pelo sistema capitalista que a dominava.

O mercantilismo tomou conta da Europa e se alastrou pelo planeta por meio das grandes navegações. Não se ouviu mais a voz imperecível dos poetas que, desde o final do período homérico, como vimos, já tinham se vendido. (DETIENNE, 1989). *Mnemosyne* (Memória), mãe das *Musas* inspiradoras, que anunciava a Verdade (Alethéia, o não esquecimento), foi batizada pelos romanos de *Moneta* e posteriormente traduzida em diversas línguas: *moneda*, *monnaie*, *money*, *moeda*. (CAPRILES, 2005). Era o triunfo da *Hybris* sobre a *Dike*, do injusto sobre o justo, da dissociação sobre individuação. As leis que passaram a imperar foram as de mercado e o ser humano se tornou, cada vez mais, um motor do sistema capitalista, uma mercadoria ou um simples recurso humano.

Foi esse espírito empreendedor dissociado, desvinculado de valores profundos, que colonizou as Américas, que movimentou os ciclos do pau-brasil, do ouro, do açúcar, do café, da industrialização, da migração para as cidades, e que hoje direciona a economia virtual. Foi esse espírito que devastou e devasta, que escravizou e escraviza, que poluiu e polui, que corrompeu e corrompe. É esse espírito que faz com que as empresas valorizem os homens pelo resultado que geram, pela eficiência com que produzem e não por quem realmente são. É esse espírito que faz com que a mídia manipule gerações para que valorizem produtos mais do que o próprio ser. É esse espírito que faz com que as escolas preparem as crianças para passarem no

vestibular, para o mercado de trabalho e descuidem de educá-las a terem consciência de si mesmas, criando com isso uma dissociação entre a profissão e o ser.

O estudo da psique humana já nos demonstrou, como foi visto nos conceitos de Jung, que o produto de uma dissociação possui um forte componente trágico. Nesse sentido, a produção empresarial desvinculada da natureza interna do indivíduo, tende a estar também funestamente desvinculada da natureza externa, com possibilidade de gerar sérias conseqüências. Um empreendedor dissociado pode ser considerado criativo se olhado isoladamente, mas quando colocado num poderoso microscópio e mutiplicado milhões de vezes, percebemos que está desvinculado da natureza e da sociedade como um todo. A lei do lucro e o sonho prometeico podem ser viáveis em termos de resultados financeiros, mas não são viáveis coletivamente, não são sustentáveis. O empreendedorismo dissociado é um titã, um gigante devorador e desmesurado que necessita crescer, crescer e crescer. Não há hoje um só governo no mundo que não almeje o crescimento econômico e que deixe de depositar nele, ou no avanço tecnológico que o acompanha, a esperança da solução dos principais problemas da humanidade. Vimos também em outro capítulo quanto esse crescimento depende do que chamam de empreendedorismo. Sem ele o mundo pára. O que então o torna tão prejudicial?

Essa dissociação coletiva em larga escala está levando à destruição do planeta. Como alimentar um gigante faminto e consumista com os recursos limitados que a terra oferece? Um importante estudo, publicado nos anos 70, revisto nos anos 90 e finalmente atualizado em 2000, chamado *Limits to Growth*, aponta que já ultrapassamos em 20% a capacidade de sustentação do planeta e que estamos começando a colher os frutos desse descomedimento. Segundo os autores, se seguirmos na trajetória em que estamos, caminhamos

para o colapso ao redor da metade deste século. (MEADOWS; RANDERS; MEADOWS, 2004).

Um exemplo do que entendemos por sombra é o do espírito empreendedor dominante em nossa civilização, que seria considerado pelos gregos arcaicos como prometeico, pois é astuto, tem o domínio do fogo, mas termina aprisionado. Os índios norte-americanos tem um mito interessante a esse respeito. Para eles esse “espírito” industrioso e ardiloso é representado pelo coiote: um belo dia o coiote conseguiu dominar o fogo, no entanto deixou escapar uma fagulha e ele se alastrou à sua volta. Vendo-se numa situação difícil, pediu ajuda a uma velha árvore que estava na sua frente. Ela sugeriu a ele que entrasse num buraco que havia em seu tronco, pois o fogo a queimaria por fora e ele estaria salvo lá dentro. Sem outra alternativa o coiote entrou. No entanto, seu pé era grande demais e seus dedos ficaram para fora. Quando o fogo terminou, o coiote saiu da árvore. Estava faminto. Olhou para o chão e viu alguns gafanhotos, pegou-os e comeu, só depois foi perceber que comera os próprios dedos que estavam queimados.

Prometeu, depois de trinta mil anos de sofrimento por se recusar a deixar de lado seu delírio de onipotência, foi libertado por Hercules, um jovem violento e desvairado, cheio de defeitos, que depois de um longo e penoso processo de desembrutecimento, representado por seus 12 trabalhos, conseguiu se tornar um herói.

Esse mito é precioso, pois a sobrevivência da nossa civilização depende da educação de nosso Prometeu, de nosso Coiote, do reconhecimento de que, apesar de termos capacidade da criação tecnológica, sempre estaremos sujeitos às leis da natureza, assim como o ego, por mais artifícios que seja capaz de criar, sempre estará sujeito às leis que governam a psique.

9. Considerações finais

A interpretação da obra de Camões, como base de investigação do espírito empreendedor, propiciou uma nova perspectiva para a compreensão profunda das dinâmicas empresariais: a empresa como projeção psíquica do empreendedor em sua busca pela individuação.

Esta constatação pode abrir um importante campo de trabalho para a psicologia analítica. Até hoje, a atividade dos psicólogos junguianos nas empresas esteve centrada, principalmente, no departamento de recursos humanos, mais especificamente em recrutamento, seleção e treinamento, operando ferramentas de avaliação de tipos psicológicos.

A psicologia analítica poderia atuar nas instâncias onde as grandes decisões são tomadas, seja em organizações privadas, públicas ou ao lado de empreendedores independentes, pois sua rica leitura simbólica, é abrangente e de longo alcance, o que é de grande valia no aconselhamento de líderes em diversas esferas. Para tanto, é importante que outros estudos, com outros olhares e enfoques, sejam desenvolvidos sobre o tema.

As empresas vêm contratando ou sugerindo serviços de *coaching*, *counselling* e *mentoring* para o desenvolvimento de seus executivos, o que significa uma certa abertura para trabalhos de caráter psicológico junto a lideranças empresariais. Nesses encontros não há nenhum tipo de doença, cura ou situação clínica envolvida. A

demanda geralmente aparece como pedido de orientação ou aconselhamento em momentos decisivos da vida profissional que, conforme apresentado, tem vínculo profundo com o processo de individuação.

Questões societárias, empresas familiares e processos de sucessão são também vastos campos de atuação ainda pouco explorados pela psicologia analítica. Em geral, esses casos são assistidos por consultores e advogados, que costumam colocar o negócio antes das pessoas e, não tendo familiaridade com as dinâmicas psíquicas e emocionais envolvidas, acabam deixando de lado pontos nebulosos que são geradores de futuros problemas tanto para as empresas quanto para os indivíduos.

Além disso, numa visão mais ampla, podemos notar que existe uma questão ética fundamental no modelo atual proposto pelos governos que baseiam suas políticas públicas de desenvolvimento no estímulo da atividade empreendedora. Além das práticas condenáveis de manipulação e dominação, boa parte dos produtos e serviços oferecidos pelas empresas não são sustentáveis e estão levando à destruição do meio ambiente em que vivemos. Trata-se de uma sombra grave do espírito empreendedor dominante em nossa civilização da qual a psicologia analítica também deveria se ocupar.

Há muito o que fazer.

O empreendedor, que segue sua vocação apaixonadamente, que busca sempre aperfeiçoar sua empresa, seu produto e a si mesmo, que se preocupa com o mal que sua atividade pode gerar ao meio ambiente ou a terceiros e que faz do seu trabalho uma contribuição para a coletividade, é um empreendedor ético. Aquele que cria ou trabalha sempre procurando observar e respeitar as Leis Universais da natureza e da vida, age como um coadjuvante do Demiurgo e é, por isso, um poeta. Sua criação, harmônica com a música do universo, é poesia, e é sempre bela, pois contém em sua essência uma ética e uma estética fundamentais. Esse é o empreendedor que se consagra.

É desse espírito empreendedor, criador do belo, que depende a realização do indivíduo, a sobrevivência da empresa e da civilização a longo prazo. Pois, se não houver comprometimento com a vida, empreendedor, empresas e a civilização serão destruídos.

É a Hora!

Verdades puras são, e não defeitos.
E sabei que, segundo o amor tiverdes,
Tereis o entendimento de meus versos.

Camões

Referências

AGUIAR e SILVA, Vítor Manuel de. **Camões: labirintos e fascínios**. Lisboa: Cotovia, 1994.

ANDERSEN, Jon. Intuition in Managers: Are Intuitive Managers More Effective? **Journal of Managerial Psychology**, v. 15, n. 1, p. 46-63, fev-2000.

ARISTÓTELES. **Arte poética**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BANCO INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO. **Empreendedorismo em economias emergentes:** criação e desenvolvimento de novas empresas na América Latina e no Leste Asiático. Março 2002. Disponível em:<http://www.iadb.org/sds/doc/PortugueseSummary final.pdf. Acesso em: 26 jun. 2003.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERARDINELLI, Cleonice. **Estudos camonianos**. Rio: Nova Fronteira, 2000.

BOORSTIN, Daniel. **Os descobridores**. Lisboa: Gradiva, 1994.

BORGES, Jorge Luis. **El Hacedor**. Madrid: Alianza, 1999.

_____. **Obras completas III**. São Paulo: Globo, 2004.

BOUCHON, Geneviève. **Vasco da Gama – biografia**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

BOYLE, Mary-Hellen; OTTENSMEYER, Edward. Solving Business Problems Through the Creative Power of the Arts: catalyzing change at Unilever. **Journal of Business Strategy**, v. 26, n. 5, p.14-21, out, 2005.

BLUNT, Anthony. **Teoria artística na Itália 1450-1600**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário mítico etimológico – mitologia e religião romana**. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Dicionário mítico etimológico vol. I, II e III**. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Mitologia grega - Vol. I e III**. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. **Mitologia grega – Vol. II**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BRASSAÏ, Gilberte. **Conversas com Picasso.** São Paulo: Cosac&Naify, 2000.

BRESSANE, Taís. **Construção de identidade numa empresa em transformação**. 2000. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Linguística Aplicada a Estudos da Linguágem, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

BRETON, André, Second Surrealist Manifesto. In WALDBERG, Patrik; **Surrealism**. London: Thames and Hudson, 1997.

BUENO, Eduardo. **O descobrimento das Índias. O diário de viagem de Vasco da Gama**. Rio: Objetiva, 1998.

BYINGTON, Carlos. **Estrutura da personalidade**. São Paulo: Ática, 1988.

CAMÕES, Luis de. **Os lusíadas**. Guanabara: Lux, 1972.

CAMÔES, Luis de. **Os lusíadas**. Cotia: Ateliê, 1999.

CAMPBELL, Joseph. **The hero with a thousand faces.** New York: MJF, 1949.

_____. **A jornada do herói**. São Paulo: Saraiva, 1994.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1996.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2003.

CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CAPRILES, Axel. **Dinheiro, sanidade ou loucura?.** São Paulo: Axis Mundi, 2005.

CASSIRRER, Ernst. **Ensaio sobre o homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CASTRO, Aníbal Pinto de. **Camões, poeta pelo mundo em pedaços repartido**. Disponível em: <http://www.instituto-camoes.pt/escritores/camoes/vida.htm>. Acesso em: 19 ago. 2003.

CIDADE, Hernani. **Luís de Camões – o épico**. Lisboa: Presença, 2001.

COTTRELL, Arthur. **Diccionario de mitologia universal**. Barcelona: Ariel, 1988.

DAUM, Kevin. Entrepreneurs: the Artists of the Business World. **Journal of Business Strategy**, v. 26, n. 5, p. 53-57, out, 2005.

DEPARTMENT OF TRADE AND INDUSTRY. **Our competitive future: building the knowledge driven economy**, 1998. Disponível em: <http://www.dti.gov.uk/comp/competitive/wh_int1.htm. Acesso em 16 out. 2003.

DETIENNE, Marcel. **Os mestres da verdade na Grécia arcaica**. Rio: Jorge Zahar.

DOBRÁNSZKY, Enid. Elogio da Literatura. In SIDNEY, Phillip; SHELLY, Precy. **Defesas da poesia**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do empreendedor**. São Paulo: Cultura, 2003

DRUCKER, Peter. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 2003.

EDINGER, Edward. **Anatomia da psique**. São Paulo: Cultrix, 2002.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. **Aspectos do mito**. Lisboa: Edições 70, 2000.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio: Bertrand, 2000.

ENTREPRENEUR. In: **Le Trésor de la Langue Française Informatisé**. Disponível em:< http://atilf.atilf.fr/tlfi/>. Acesso em: 18 out. 2005.

ERASMO. **Elogio da loucura**. Rio: Ediouro, 2001.

ÉSQUILO. **Orestéia**. Lisboa: Edições 70, 1998.

FAMILY BUSINESS NETWORK. **Facts & Figures**. Disponível em: <http://www.fbn-i.org/fbn/main.nsf/doclu/facts?opendocument>. Acesso em: 29 jan. 2006.

FRANZ, M. L. von. O Processo de Individuação. In: Jung, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Alquimia**. São Paulo: Cultrix, 1996b.

GERSCHENKRON, Alexander. The Mordenization of Entrepreneurship. In: SWEDBERG, Richard. **Entrepreneurship**. New York: Oxford, 2000.

GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR. **GEM Global 2001 Summary Report**. Fevereiro 2002. Disponível em:< http://www.gemconsortium.org/document.asp?id=183>. Acesso em: 05 jun. 2003.

GONÇAVES, Elisabeth. **O bobo da corte avisa ao rei que ele está nu: um estudo de caso sobre o uso do teatro nas organizações**. 1999. 210 f. Tese (Doutorado) – Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 1999.

HAUSER, Arnold. **História social da arte e da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HESÍODO. **Os trabalhos e os dias**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Teogonia**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

HILLMAN, James. **Uma busca interior em psicologia e religião**. São Paulo: Paulus, 1984.

_____. **O código do ser**. Rio: Objetiva, 1997.

HOMERO. **Ilíada**. Rio: Ediouro, 2002.

JACOBI, Jolande. **Complexo, arquétipo, símbolo**. São Paulo: Cultrix, 1986.

JAEGER, Werner. **Paidéia, a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAROSZYNSKI, Piotr. **Metaphysics and Art**, Disponível em: <http://www.vaxxine.com/hyoomik/lublin/art2.htm>. Acesso em: 08 set. 2003.

JUNG, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. O.C.XVII. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **Aion, estudos sobre o simbolismo do Si-mesmo**. O.C.IX/2 Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Mysterium coniunctionis**. O.C.XIV. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Estudos sobre psicologia analítica**. O.C.VII. Petrópolis: Vozes, 1991a.

_____. **O espírito na arte e na ciência**. O.C.XV. Petrópolis: Vozes, 1991 b.

_____. **Tipos psicológicos**. O.C.VI. Petrópolis: Vozes, 1991 c.

_____. **O símbolo da transformação na missa**. O.C.XI/3. Petrópolis: Vozes, 1991d.

_____. **Civilização em transição**. O.C.X. Petrópolis: Vozes, 1993.

_____. **Psicologia e alquimia**. O.C.XII. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **Símbolos da transformação**. O.C.V. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **O homem e seus símbolos**. Rio: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Sincronicidade**. O.C.VIII/3. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. **Memórias sonhos e reflexões**. Rio: Nova Fronteira, 1998.

_____. **Psicologia e religião**. O.C.XI/1. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A natureza da psique**. O.C.VIII/2. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. **Psicologia do inconsciente**. O.C.VII/1. Petrópolis: Vozes, 2002a.

_____. **O eu e o inconsciente**. O.C.VII/2. Petrópolis: Vozes, 2002b.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. O.C.IX/1. Petrópolis: Vozes, 2003.

KANDINSKY, Wassily. **Do espiritual na arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

KAST, Verena. **Pais e filhas mães e filhos**. São Paulo: Loyola, 1997.

KERENYI, Carl. **Dioniso**. São Paulo: Odysseus, 2002

LEÃO, Emmanuel Carneiro. **Aprendendo a pensar**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LEIDY, Denise; THURMAN, Robert. **Mandala**. London: Thames and Hudson, 1997.

LESSA, Elvina. **Cooperação e complementaridade em equipes de trabalho: estudo com tipos psicológicos de Jung**. 2002. 213 f. Tese (Doutorado) – Engenharia de Produção, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio, 2002.

LEVINE, Stewart. High Performance Organizations: Creating a Culture of Agreement. **Handbook of Business Strategy**, v. 7, n. 1, p. 375-380, 2006.

LOCKHART, Russell. De L'argent. **Cahiers de Psychologie Junguienne**, n.27, 1-20, 1980.

MACEDO, Helder. **Camões e a viagem iniciática**. Lisboa: Moraes, 1980.

MACHADO, José Pedro. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 5 vols. Lisboa: Horizonte, 2003.

MAFFESOLI, Michel. **A sombra de Dionísio**. Rio: Graal, 1985.

MARX, Karl. **O capital**. Rio: LTC, 1982.

MATOS, Maria Vitalina. O problema do ensino da poesia camoniana. In: VÁRIOS AUTORES: **Estudos sobre Camões**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1981.

MCCLELLAND, David. **The Achieving Society**. New York: Free Press, 1967.

MEADOWS, Donella; RANDERS, Joegen; MEADOWS, Dennis. **Limits to Growth, The 30 Year Update**. Vermont: Chelsea Green, 2004.

MERTON, Robert. **Teoria y Estructura Sociales**. Cidade do México: Fondo de Cultura Econômica, 2002.

MISES, Ludwig von. **Ação humana**. Rio: Instituto Liberal, 1995.

MORGANTI, Bianca. **A mitologia n'os lusíadas**: balanço histórico crítico. 2003. 158 f. Tese (Doutorado) – Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. **O banquete dos deuses**. São Paulo: Angra, 2000.

NEUMANN, Erich. **História da origem da consciência**. São Paulo: Cultrix, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia ciência**. Lisboa: Guimarães, 1996.

PAZ, Octavio**. El Arco y La Lira**. México: Fondo de Cultura Económica, 2003.

PEREIRA, Cecília. **A relação de ajuda no contexto organizacional**. 1992. 200 p. Dissertação (Mestrado) – Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

PESSOA, Fernando. **Obra poética**. Rio: Nova Aguilar, 1997.

PLATÃO. **Early Socratic Dialogues**. London: Penguin. 1987.

_____. **A república**. Porto: Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. **O banquete**. Lisboa: Guimarães, 1998.

_____. **Apologia de Sócrates**. Lisboa: Guimarães. 1999.

_____. **Fedro**. Lisboa: Guimarães, 2000.

_____. **Crátilo**. Lisboa: Piaget, 2001.

PLOTINO. **Tratado das Enéadas**. São Paulo: Polar, 2002.

PORTO. **Dicionário de latim-português**. Porto: Porto, 2001.

RAMOS, Denise Gimenes. **A psique do coração**. São Paulo: Cultrix, 1995.

RANDAZZO, Sal. **A criação de mitos na publicidade**. Rio: Rocco, 1997.

RANK, Otto, et al. **In Quest of the Hero**. New Yersey: Princeton, 1990.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta**. São Paulo: Globo, 2001.

ROBERTS, J. M. **History of The World**. London: Penguin, 1995

ROCH, Sylvia. An investigation of motivational factors influencing performance. **Journal of Managerial Psychology**, v. 20, n. 8, p. 695-711, 2005.

ROOB, Alexander. **Alquimia e misticismo**. Köln: Taschen, 1997.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Textos filosóficos**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

SALAZAR, Abel. O que é arte? In: Serrão; Grácio. **Breve antologia filosófica**. Lisboa: Sá da Costa, 1974.

SALIS, Viktor. **Paidéia: para formar um homem "obra de arte, ético e criador" no séc XXI**. São Paulo: Editado pelo autor, 2002.

SCHUMPETER, Joseph. **A teoria do desenvolvimento econômico**. São Paulo: Abril, 1982.

SCHWARZ, Fernand. **La tradition et les voies de la connaissance hier et aujourd'hui**. Paris: N.A.D.P., 1985.

SEGAL, Robert. In Quest of the Hero. In: Rank et al. **In Quest of the Hero**. New Jersey: Princeton, 1990.

SENA, Jorge de. **A estrutura de os lusíadas**. Lisboa: Portugália, 1970.

SHAKESPEARE, William. **The Complete Works**. New York: Ramdom House, 1952.

SIDNEY, Philip; SHELLEY, Percy. **Defesas da poesia**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SILVEIRA, Nise. **O mundo das imagens**. São Paulo: Ática, 2001.

STEIN, Murray. **Jung – o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2001.

SURCOUF GROUPE. **Naufrages Portugais Sur la Route des Indes Orientales**. Disponível em:< http://www.surcouf.net/index.htm>. Acesso em: 24 set. 2003.

SWEDBERG, Richard. **Entrepreneurship**. New York: Oxford, 2000.

TANNHAUSER, Cláudia. **Qualidade de vida no trabalho: contribuições ao papel do psicólogo organizacional**. 1994. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994.

TAVARES, Jorge Campos. **Deuses, mitos e lendas**. Porto: Lello, 1992.

TEIXEIRA, Ivan. Apresentação e notas. In: Camões, Luis de. **Os lusíadas**. Cotia: Ateliê, 1999.

TORRANO, JAA. O Mundo como Função de Musas. In: HESIODO. **Toegonia**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

VERNANT, Jean-Pierre. **A morte nos olhos**. Rio: Jorge Zahar, 1988.

_____. **Mito e pensamento entre os gregos**. São Paulo: Paz&Terra, 2002a.

_____. **Entre mito e política**. São Paulo: Edusp, 2002b.

_____. **As origens do pensamento grego**. Rio: DIFEL, 2003.

VRIES, Manfred de. **Family Business: Human Dilemmas in the Family Firm**. London: ITBP, 1996.

WEBER, Max. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

ZOJA, Luigi. Individuation and *paideia*. **Journal of Analytical Psycology**, n.42, p. 481-505, 1997.

ZWEIG, Stefan. **Freud**. Rio: Guanabara, 1947.

_____. **Fernão de Magalhães**. Rio: Guanabara, 1938.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo